

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
(MESTRADO)**

VICÊNCIA DEUSDETE GOMES DOS SANTOS

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS FEMINISTAS - MULHERES METODISTAS DA
IGREJA CABECEIRA ALEGRE DE DOURADOS - MS**

DOURADOS – 2019

VICÊNCIA DEUSDETE GOMES DOS SANTOS

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS FEMINISTAS - MULHERES METODISTAS DA
IGREJA CABECEIRA ALEGRE DE DOURADOS-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha de pesquisa: Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias

DOURADOS – 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237c Santos, Vicencia Deusdete Gomes Dos
Concepções e práticas feministas - Mulheres Metodistas da Igreja Cabeceira Alegre de
Dourados - MS. [recurso eletrônico] / Vicencia Deusdete Gomes Dos Santos. -- 2019.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Prof. Dr^a. Marisa de Fátima Lomba de Farias.
Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. FEMINISMOS. 2. MULHERES. 3. PATRIARCADO. I. Farias, Prof^a. Dr^a. Marisa De Fátima
Lomba De. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

VICÊNCIA DEUSDETE GOMES DOS SANTOS

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS FEMINISTAS? MULHERES METODISTAS DA IGREJA
CABECEIRA ALEGRE DE DOURADOS-MS**

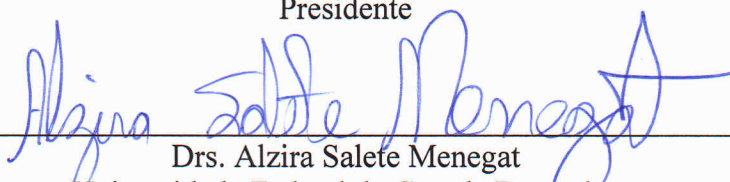
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Dourados – MS, 12 de dezembro de 2019

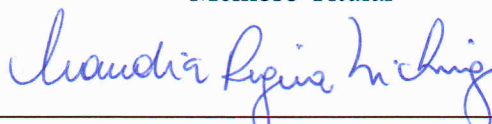
BANCA EXAMINADORA



Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Presidente



Drs. Alzira Salete Menegat
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Membro Titular



Dra. Cláudia Regina Nichnig
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em História / UFGD
Membro Titular Externo

DEDICATÓRIA

A Marisa de Fatima Lomba de Farias, pelo incentivo e dedicação, por acreditar em mim e produzir este trabalho comigo. E por todos os anos de dedicação em suas pesquisas em prol das mulheres e das causas sociais. Por todo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

A todas as mulheres que participaram desta pesquisa, direta ou indiretamente. As minhas irmãs Maria Luci dos Santos Ieyasu e Maria Neri Gomes dos Santos que foram servidoras da UFGD, porém, não tiveram oportunidade de concretizar uma pós-graduação. A todas as mulheres que desejam e acreditam que nunca é tarde para realizar sonhos e adquirir conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido sonhar e acreditar em mim, mesmo diante das dificuldades diárias quando tudo parecia impossível. Nessa trajetória, enfrentei os desafios de conhecer e descobrir novos caminhos e verdades, pois quando somos exigidas passamos por momentos difíceis, descobrimos nossas fragilidades e nos deparamos com a força e resistências necessárias para vencer. Nós mulheres fomos educadas para obedecer, especificamente minha geração, aprendemos que temos que servir ao outro e sempre dizer sim, cuidar dos afazeres domésticos que muitas vezes nos sufoca e impede que alçamos voos. Sair desse caminho e trilhar algo novo é um desafio que exige um esforço. Por isso reconheço a minha atuação e força nesta jornada e apresento gratidão, pelo meu esforço, por ver acontecer em mim o conhecimento do outro – as mulheres – nesse período de estudos e reflexões que me trouxe crescimento e resistência, adquiridos pelo trajeto de estudos no mestrado.

Agradeço a minha mãe, professora leiga, exemplo de mulher batalhadora, que sempre nos incentivou a estudar e ser persistentes, através de seu exemplo de vida, não permitindo que as dificuldades cotidianas fossem empecilhos em seus caminhos.

Agradeço a meu marido Elairton Ghelen, que mesmo discordando que eu trabalhasse por mais dois anos não me desanimou e acreditou que eu seria capaz, por não reclamar das horas passadas em frente ao computador e por todo apoio concedido.

Agradeço a minha filha Valeska Kiusci, pelo apoio, ao meu filho Pedro Vitor pela paciência, nas muitas vezes em que eu já não tinha tempo para dar atenção como antes.

A Marisa de Fátima Lomba de Farias, pela confiança, pelos estímulos, por acreditar em mim ao longo desse tempo, por ter sido tão humana e prestativa, me surpreendendo sempre ao proferir palavras de ânimo, pela sua dedicação e perseverança, exemplo de força e sabedoria. Pela paciência e incentivo durante o percurso desta pesquisa, por ampliar e acreditar no meu potencial e por isso tornando-se parte desse trabalho tanto quanto eu, por me fazer acreditar que estava no caminho certo. Sem ela essa pesquisa não teria acontecido.

A banca examinadora, Alzira Salete Menegat e Claudia Regina Nicheing, por aceitarem fazer parte desse trabalho, pelas contribuições na qualificação que foram enriquecedoras e por me concederem a honra de formarem uma banca de mulheres fortes, competentes, sábias e humanas.

As minhas irmãs que foram incentivadoras e companhia nos bons e maus momentos, quando corria para casas delas para descontrair e rir um pouco, irmãs, parceiras e alicerce.

A todas professoras e professores do programa de pós-graduação em sociologia da UFGD que me acompanharam nesse trajeto e foram responsáveis pelo meu crescimento intelectual e aprendizado nessa trajetória, por compartilharem o poder do conhecimento e propiciar condições de alçar novos voos que só o conhecimento permite.

A todos os meus colegas de classe que viveram esta experiência em conjunto, por vezes se apoiando e trocando experiências de conhecimento, em especial a Manuela Nicodemos e Gabriel Yuji que sempre me socorriam nas dúvidas e Ivoneide Minozzo que apesar de termos cursado apenas uma disciplina juntas tornamo-nos amigas e parceiras, sempre me apoiando e compartilhando companheirismo e sonhos de dias melhores.

A todas/os meus familiares, por me apoiarem e sentirem orgulho em eu dar continuidade aos estudos, em especial a Amanda Coutinho, que colaborou na tradução dos abstracts.

A minha família na fé, da Igreja Metodista da Cabeceira Alegre, o apoio recebido pelas mulheres e a confiança neste trabalho.

A todas as mulheres que são sinônimos de luta e força e para as que precisam se libertar das amarras que as prendem e das verdades construídas pelo patriarcado que em nada colabora para que tenhamos uma vida com menos preconceitos, mais liberdade e sem violência.

Renova-te.
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos, para verem mais.
Multiplica-se os teus braços para semeares tudo.
Destrói os olhos que tiverem visto.
Cria outros, para as visões novas.
Destrói os braços que tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher,
Sê sempre o mesmo.
Sempre outro. Mas sempre alto.
Sempre longe.
E dentro de tudo.
Cecília Meireles.

Sou como você me vê...posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania,
Depende de quando e como você me vê passar... suponho que me entender
não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato...
tenho uma alma muito prolixa e uso poucas palavras, sou irritável e firo facilmente.
Também sou muito calma e perdôo logo. Não esqueço nunca.
Mas há poucas coisas de que eu me lembre...Tenho felicidade o bastante para ser doce,
dificuldades para ser forte, tristeza para ser humana e esperança suficiente para ser feliz.
Não me dêem fórmulas certas, porque eu não espero acertar sempre.
Não me mostrem o que esperam de mim, por que vou seguir meu coração.
Não me façam ser quem não sou.
Não me convidem a ser igual, porque sinceramente sou diferente.
Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira.
Não sei voar de pés no chão. Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a
mesma para sempre...Sou uma filha da natureza: quero pegar, sentir, tocar, ser.
E tudo isso já faz parte de um todo, de um mistério.
Sou uma só... Sou um ser...a única verdade é que vivo.
Sinceramente, eu vivo.

Clarice Lispector

RESUMO

A pesquisa envolveu mulheres metodistas da Igreja Metodista da Cabeceira Alegre de Dourados-MS, realizada de 2018 a 2019 e contou com a participação de 17 mulheres casadas, viúvas e ou divorciadas, com o objetivo de registrar o quanto essas mulheres conhecem os feminismos e as influências em suas práticas cotidianas. Para tanto, foram realizadas reflexões relativas aos feminismos, ao machismo e à submissão de acordo com o olhar dessas mulheres metodistas. Buscou-se registrar como as questões feministas atravessam o cotidiano das mulheres metodistas e o quanto influenciam em suas vidas, reportando-se às relações intrafamiliares, às relações sociais e na própria igreja, considerando que houve mudanças significativas nos diversos segmentos da sociedade após o Movimento Feminista no Brasil. A metodologia utilizada na pesquisa é de natureza qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e abertas com as mulheres e o caderno de campo com atenção para compreender as mulheres frente aos dogmas como submissão e poder, além de normas construídas pela sociedade e reproduzidas pela Igreja. Destacamos as principais autoras utilizadas nessa pesquisa: Daniela Auad, Ivone Gebara, Heloisa Buarque de Hollanda e Marina Castañeda. Constatou-se que a Igreja Metodista defende a igualdade de gênero em seus princípios, porém na prática, pouco se aborda esse assunto, pois permanece, nos dias atuais, uma divisão em relação às concepções feministas e submissão, em uma realidade de avanços e retrocessos. Dentre os avanços está o pastorado feminino. As mulheres demonstraram práticas de cuidado umas com as outras, porém, sem conotações feministas ligadas aos movimentos. Averiguou-se que as concepções e verdades construídas pelo princípio do patriarcado permanecem em suas vidas e são reproduzidos no interior da Igreja.

Palavras chave: Feminismo. Mulheres. Patriarcado.

ABSTRACT

The research involved Methodist women of Cabeceira Alegre Methodist Church of Dourados-MS, performed from 2018 to 2019 it was attended by 17 married, widow and divorced women, in order to register how much this women know the feminism and their daily influences. Therefore, thoughts have been made about the feminism, sexism and the submission through these Methodist women point of views. It was sought to register how the feminism matter goes through the Methodist women day-a-day and how it influences their lives, reporting to in family relationships, social relationship and in church, taking into account that various meaningful changes have happened in society sectors after the Feminist Movement in Brazil. The research methodology is of qualitative nature, semi-structured and opened interviews were done to women and field journal with attention to understand the women facing the dogmas as submission and power, besides the rules built by society and reproduced by the church. The essential authors used in this research: Daniela Auad, Ivone Gebara, Heloisa Buarque de Hollanda, Heleieth Saffioti and Marina Castañeda. It was noticed that in its principles the Methodist Church shows support for gender equality, yet in practice, it is barely approached, because it is still, nowadays, a division between feminist conceptions and submission, midway advances and setbacks. Among the advances is the female priesthood and the active women participation in various segments of the church. The women show to be careful about each other, nevertheless with no feminist connotations linked to the movements. It was verified that the conceptions and truth built by the patriarchy principle are still in their lives and are reproduced into the church.

KEYWORDS: Feminism. Women. Patriarchy.

QUADRO

Quadro 1 Perfil de mulheres	34
-----------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	13
CAPÍTULO I	21
METODISMO ASPECTOS HISTÓRICOS E PRINCÍPIOS BÁSICOS	
1.1 O Metodismo e a Igreja Metodista	22
1.2 A Igreja Metodista em Dourados: Cabeceira Alegre	28
1.3 Caracterização das mulheres elo de “fé”	32
CAPÍTULO II	45
ASPECTOS HISTÓRICOS: INVISIBILIDADE E PROTAGONISMO FEMININO	
2.1 Mulheres pelo olhar das Metodistas da Cabeceira Alegre	57
2.2 Papel Social do Homem por meio das vozes de Mulheres Metodistas	62
2.3 Algumas evidências femininas: no trabalho, na casa e na igreja	65
CAPÍTULO III	71
FEMINISMO É PARA MULHERES EVANGÉLICAS?	
3.1 Feminismos: conceitos e práticas	71
3.2 Considerações sobre machismos	95
3.3 Submissão: princípio da fé das mulheres metodistas	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
APÊNDICE	
Princípios Norteadores de acordo com o Plano Nacional Missionário 2017	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

INTRODUÇÃO

Os caminhos da pesquisa começaram a se delinear e houve o despertar para esse assunto quando cursei uma disciplina como aluna especial em 2015 no Programa de Pós Graduação, Mestrado em Sociologia, quando, pela primeira vez, tive contato com o tema feminismo.

Em muitos momentos eu fui surpreendida pelas teorias e fiquei perplexa, constatei que eu desconhecia e/ou tinha um certo preconceito sobre a vida de mulheres, que também é a minha vida. Tive a impressão que eu vivia em um mundo à parte. Me sentia uma mulher alienada, era explorada, invisível e passei a perceber a existência de outro caminho, que era possível realizar mudanças e o feminismo não era algo ruim e/ou que eu pudesse me envergonhar.

A partir de então, despertou em mim o desejo de saber se outras mulheres estavam na mesma situação que a minha. Elas teriam conhecimento e domínio sobre o tema? Como as mulheres evangélicas consideram o feminismo? Para compreender e buscar respostas para estas e outras indagações, desenvolvemos esta pesquisa.

Esse desejo foi como uma semente plantada em meu coração e ficou ali parada esperando germinar e após três anos eu pude entrar no Mestrado como aluna regular. Nesse ínterim, muitas situações e acontecimentos contribuíram para impedir o meu ingresso na pós-graduação há mais tempo, entre eles o trabalho, a saúde, as prioridades. Como tudo tem o seu tempo, um sonho adormece, mas não morre e aqui estou priorizando o que foi adiado por tanto tempo. Aliás o desejo de realizar um mestrado já fazia parte da minha vida há aproximadamente 18 anos.

Após a aprovação no processo seletivo, fiquei por muitos meses em uma inquietação enorme, devido a dúvida de persistir em tratar de assunto considerado tão delicado e difícil para mim, tinha receio de não conseguir aprovação da Igreja e das mulheres para falar sobre feminismos. Além do medo de não dar conta de mais uma atividade além da dupla jornada desempenhada, o desafio em ser mais flexiva com o peso da responsabilidade doméstica. Colling (2014), descreve de maneira objetiva quando se refere a força que o serviço doméstico exerce sobre uma mulher que internalizou isso como norma:

O fantasma era compassivo, encantador, abnegado e sacrificava-se diariamente. Era tão condescendente que nunca tinha uma ideia ou desejo próprio e a pureza era considerada sua maior beleza. Ele incomodava tanto que foi preciso matá-lo: “tive que matá-lo senão ele

teria me matado. Teria arrancado o coração de meu texto.” Ele demorou a morrer, ele era o Anjo do Lar. (COLLING, 2014, p. 26)

Somente com a paciência e o apoio de minha orientadora fui vencendo essas barreiras. Eu apresentei o projeto de pesquisa para a Pastora da Igreja, obtive o aceite para desenvolvê-la na instituição e, ainda assim me sentia insegura. Me perguntava: os feminismos são assuntos para mulheres evangélicas? Elas se interessam pelo tema? Terão o desejo de serem ouvidas?

Conforme os estudos foram se ampliando, eu adquiri conhecimentos para a leitura desta realidade. Algumas dúvidas começaram a ser sanadas e, entrevistando as mulheres minhas percepções mudaram. Adquiri confiança, descobri e conheci mulheres incríveis, que muito contribuiram para a realização desta pesquisa.

Nessa busca, para minha surpresa, também descobri através das mídias pastoras metodistas e feministas e, estudando a história da Igreja constatei que as mulheres metodistas têm uma postura diferente desde o nascimento do Metodismo.

Entre os objetivos ressaltamos o geral: verificar se essas mulheres evangélicas apresentam posturas conservadoras sobre os papéis sociais a elas determinados como essência, se elas concebem estereótipos patriarcais como uma conduta normal e reguladora de comportamentos e, por fim, qual o olhar delas sobre si mesmas e suas concepções feministas.

Destacamos, ainda, os objetivos específicos que nos propusemos alcançar: Se há conhecimento das teorias feministas, caso tenha se têm influenciado suas vidas e sua maneira de ser. Observar se existem novas formas de se relacionarem e/ou ainda prevalecem os conceitos da mulher “submissa” – termo utilizado por membros da própria Igreja - e principal responsável pelas atividades domésticas da casa e da educação dos filhos/as. Pesquisar concepções sobre machismo e como elas lidam com esses conceitos na vida cotidiana.

Buscamos saber como as questões feministas atravessam o cotidiano das mulheres metodistas e o quanto influenciam em suas vidas, reportando-se às relações intrafamiliares e às relações sociais, incluindo-as na própria igreja, considerando que houve mudanças significativas nos diversos segmentos da sociedade com o surgimento do Movimento Feminista no Brasil.

Durante o século XX houve avanço nos movimentos feministas, foram muitas as conquistas, entre elas liberdade sexual, planejamento familiar, direitos iguais, entre outros. No século XXI, se constituíram transformações importantes contra a discriminação da

mulher, tais como a atuação da mulher em diversos setores do mercado de trabalho, na política e na vida social. Porém, sabemos que ainda foram insuficientes e nos dias atuais permanecem muitas discriminações, preconceitos e violências a serem vencidos.

Neste aspecto seria importante que as mulheres tivessem facilidade para participarem de espaços de reflexão sobre sua condição social, as formas de dominação, as violências, ou seja, sobre a sociedade patriarcal, uma vez que a construção social instituída favorecera uma dependência física e psicológica ao que é masculino que, por vezes, ainda é vivenciada. Reforçada pelos discursos religiosos do “poder do macho”, confirma-se a soberania masculina sobre as mulheres, sujeitando-as primeiramente a liderança do pai, posteriormente ao marido, e na sequência a liderança do pastor/a. Esta pesquisa apresenta se esta afirmação é uma realidade para a maioria das mulheres evangélicas metodistas da Igreja Cabeceira Alegre de Dourados-MS ou se há resistências a tais pressupostos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa por entendermos que corrobora para a compreensão de certos fenômenos apoiados no aspecto subjetivo da ação social, ilustra significados e perspectivas do sujeito em foco e da área de estudo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e abertas com 17 (dezesete) mulheres de diversas idades envolvidas em ministérios¹ (serviço) ou não. A prioridade foram as casadas, viúvas e divorciadas por considerar a vivência familiar com um homem – as relações nesta pesquisa são heterossexuais – como um marco referencial para contextualizar o vivido dessas mulheres, frente a dogmas como submissão e poder, onde se estabelecem ou não as normas construídas pela sociedade e reproduzidas pela Igreja.

O caminho percorrido busca a estruturação de conhecimentos críticos e contextualizados. O ponto de partida é o senso comum de indivíduos sociais envolvidos em uma determinada cultura, com valores e crenças peculiares. É necessário incentivar os seus pontos de vista e olhar a realidade social ultrapassando o que já sabem ou conhecem, as concepções costumeiras são aportes para novos olhares. No entanto, para que o/a pesquisador/a alcance o conhecimento crítico e com sentido para o grupo pesquisado, é primordial trabalhar e respeitar as informações fornecidas por este. Segundo Giddens:

Todos os tipos de pesquisa histórica e social requerem, em algum sentido, a comunicação com as pessoas ou coletividades, que são a

¹ Diversos serviços desenvolvidos na Igreja

matéria objeto dessa mesma pesquisa. Em alguns casos – observação participante, uso de questionários, entrevistas e outros – o processo corre como interação real entre o observador e o sujeito. (GIDDENS, 1996, p.172)

Ao considerar a metodologia qualitativa para desenvolver esta pesquisa, avalia-se que tal método contribui para melhor elucidar e enriquecer o seu desenvolvimento. Para ampliar a nossa perspectiva citamos King; Keohane:

A pesquisa qualitativa, em contraste, cobre uma vasta gama de abordagens, mas, por definição, nenhuma dessas depende de medições numéricas. Tal trabalho tende a focar em um ou em um número pequenos de casos a usar entrevistas ou análises profundas de materiais históricos, a ser discursiva em seu método e a se preocupar com um relato bem acabado compreensivo de algum evento (KING; KEOHANE, 1994, p.3, tradução nossa).

O método qualitativo contribui para o alcance de resultados amplos através de diversas informações coletadas em campo, nesse processo são abertas probabilidades para elementos e rumos novos à pesquisa. Sendo assim, esse método vai sendo produzido e alterado, com caráter mais flexível e uma preferência pela dimensão histórica. Busca-se uma contextualidade intrínseca e desenvolver tratamento dos dados a partir das narrativas das próprias entrevistadas, seja por entrevistas, análises documentais, pesquisa de campo, observação participante e ou história de vida.

É exequível alcançar informações relevantes e subjetivas a serem transcritas, analisadas e utilizadas com o devido rigor científico, no entanto, as teorias e a relação com a prática (o campo de pesquisa) levam à constatação que nenhuma metodologia atinge o conhecimento verdadeiro, embora chegue-se aos “possíveis”, nos aproximamos da realidade, como informa King; Keohane (1994, p.7) “[...] embora a certeza seja inatingível, podemos melhorar a confiabilidade, a validade, a certeza e a honestidade de nossas conclusões se prestarmos atenção as regras de inferência científica.”

Ao dialogar com os conhecimentos de outrem, nos deparamos com a subjetividade desses sujeitos/as e é impossível levantar dados suficientes para a comprovação da realidade em sua totalidade. A subjetividade está inserida no mais intrínseco do ser, faz parte da formação de cada uma/um ao longo da vida e se constitui, inicialmente, pelos valores familiares, educação, escola, formação religiosa, social e também pelas diversas mídias, enfim por informações e concepções acumuladas ao longo da vida.

As hipóteses e os problemas de investigação norteadores desta pesquisa ocorreram em torno da verificação de percepções e práticas feministas no meio evangélico, considerando as mulheres que frequentam a Igreja Metodista da Cabeceira Alegre. Verificaremos os conceitos concebidos por essas mulheres e se há práticas feministas em seus cotidianos. Para Durkheim, (1999, p.5) “[...] somos então vítimas de uma ilusão que nos faz crer que elaboramos, nós mesmos, o que se impôs a nós de fora”. Consideramos que esta elaboração de conceitos de vida de Durkheim encontra-se na prática cotidiana das pessoas e não é diferente entre as mulheres que participaram de alguma vertente religiosa.

O que determina a utilização deste método na construção da pesquisa são as escolhas do/a pesquisador/a a partir do campo de pesquisa (grupo), define-se a teoria, os objetivos a serem levantados e o método que a sustentará. A compreensão do passo a passo e a relevância deste para o desenvolvimento de uma pesquisa bem alicerçada, contribui para saber o caminho a seguir.

Com tais perspectivas, iniciamos a escolha do grupo e o contexto da pesquisa, o qual é representado pelas mulheres evangélicas pertencentes à Igreja Metodista da Cabeceira Alegre em Dourados-MS. Em torno desse tema tivemos por premissas teóricas, autores e autoras como: Ivone Gebara, Pierre Bourdieu, Heleieth Saffioti, Marcia Tiburi, Daniela Auad, Marina Castañeda, Maria José Rosado entre outras/os.

Para realizações das entrevistas o contato com as metodistas ocorreu de forma individual, previamente agendado pelo celular, obtidos através da Pastora da igreja e pelas próprias participantes conforme ia ocorrendo as entrevistas. A maior parte colaborou com as entrevistas e foram realizadas nas casas das participantes. Houve mulheres que não se sentiram à vontade com o assunto, porém, não se opuseram em dar continuidade a entrevista. Outras não confirmaram a participação. O aceite ou não demonstra que o tema da pesquisa pode não ser considerado importante, ou é algo que não deve ser tocado, falado. Há diversas conotações que podem levar às diferentes posturas dessas mulheres, algumas foram desvendadas ao longo da pesquisa outras não. As mulheres que ficaram no silêncio ou não se sentiram à vontade para participarem, continuarão invisíveis em tal temática, talvez, para elas mesmas.

Entrevistamos uma mulher com uma enfermidade grave, lutava pela vida contra um segundo câncer que a acometia, fez questão de participar da pesquisa e veio a falecer neste período².

Nas entrevistas com as mulheres utilizamos questionário composto por questões abertas, as respostas foram gravadas e transcritas, além de utilizarmos caderno de campo para anotar aquelas falas que ficaram nas entrelinhas e ou relatos, fatos e histórias compartilhados para além do âmbito da entrevista, por serem primordiais e estão inseridos no contexto analisado.

Para iniciar as entrevistas esclarecemos a respeito da pesquisa, e ao final apresentávamos o termo de consentimento, lido e assinado, por quem concordou em participar. Das mulheres que foram visitadas nenhuma se recusou a falar sobre feminismo, entretanto, uma ou outra demonstrou uma certa resistência em conversar sobre o assunto. Também solicitamos autorização para gravar as entrevistas, sendo que sua realização ocorreu entre os meses de janeiro a maio de 2019. Cabe salientar que definimos o total de participante de acordo com a compreensão do fenômeno proposto, sem se ater com uma representatividade estatística, porém, com a elucidação dos objetivos propostos.

Participaram da pesquisa 17 mulheres de um total de 34 mulheres pertencentes à Igreja Cabeceira Alegre, priorizamos as casadas e ou divorciadas, por fazerem e ou já terem passado pela experiência de casamento, vivendo relações estáveis, nas quais as relações de poder se acentuam e delimitam a convivência no cotidiano diário³. Coincidiu uma faixa etária entre 25 a 70 anos de idade, a maioria delas residem no mesmo bairro onde está localizada a Igreja e ou nas suas proximidades. Todas compõem o rol da membresia da Igreja, umas congregam há mais tempo, outras menos. Das participantes, a maioria passou por outras denominações religiosas, chegaram na Metodista e se declararam realizadas com a congregação que escolheram e expressaram, entre as prioridades, o aprendizado e o convívio social.

Nas citações não aparecerão os nomes das entrevistadas, visto que decidimos resguardar a identidade destas, por uma questão ética, porque elas convivem na mesma Igreja, e poderiam ser reconhecidas. Resolvemos utilizar nomes de flores para identificar cada mulheres, nessa escolha está relacionada à identidade de cada uma delas.⁴

² Teve parte significativa de sua vida dedicada aos ministérios na Igreja. Desempenhou um trabalho importante com os juvenis e também com as mulheres da Instituição.

³ Esclarecemos que não temos nada contra ao casamento e consideramos importante essa união.

⁴ Anis – promessa; Anêmona – persistência; Alfazema – Calma; Alteia – Ambição, fecundidade; Bromélia - inspiração, resistência; Begônia- cordialidade, lealdade; Crisântemo- flor dourada; Coreópsis- sempre

Na organização dos resultados da pesquisa, apresentamos o texto em capítulos. Capítulo I, apresentaremos aspectos histórico do surgimento da Igreja Metodista, os registros resultaram de relatos orais, pesquisas no site da denominação assim como do Plano Nacional Missionário da Igreja. Apresentamos a atuação de John Wesley como mentor do metodismo e a forma como alcançou os trabalhadores das fábricas no início do séc. XVIII através da ideologia metodista. Ressaltamos a influência de Suzana Wesley na vida do mentor desta denominação e, também, os desafios enfrentados por uma mulher que não obedeceu na íntegra as verdades impostas às mulheres daquele período. Por conseguinte, destacamos a expansão do metodismo pelo mundo até chegar ao Brasil, evidenciamos o trabalho das mulheres e as contribuições para a implantação das igrejas e de escolas. Ao se referir a igreja metodista de Dourados, a ênfase está na atuação das mulheres não somente na igreja, mas também como educadoras e assim contextualizamos o surgimento da Igreja metodista da Cabeceira Alegre e o protagonismo das mulheres desta denominação.

No capítulo II, demonstramos os aspectos da invisibilidade do protagonismo feminino em perspectiva histórica e a atuação das metodistas na construção de suas histórias. Para melhor explicitação utilizamos as teóricas/o Heleieth Saffioti, Ivone Gebara, Ana Maria Colling, entres autores/as que consideramos relevantes. Em dois subtítulos consideramos o olhar das metodistas sobre as mulheres e questionamento do papel social do homem. Finalizamos este capítulo dissertando sobre a atuação das mulheres no trabalho, na casa e na igreja.

No Capítulo III, ampliamos para o contexto principal, focando no tema: feminismo é para mulheres evangélicas? Há um relato sobre a caça às bruxas, suas motivações e implicações. Na sequência discorremos sobre o surgimento do feminismo e as diversas ondas ressaltando a relevância de cada uma. Para esta análise utilizamos como referencial teórico, Jaqueline Pitanguy, Daniela Auad, Ivone Gebara, Heleieth Saffioti e outras autoras consideradas relevante. Neste capítulo, os registros foram pautados convicções e conhecimentos narrados pelas próprias mulheres. Apresentamos, ainda, as considerações das participantes a respeito do “machismo”, teorizando com as autoras Marina Castañeda, Eva Alterman Blay e Nancy Cardoso.

alegre; Dália – união recíproca, delicadeza; Hibisco – beleza delicada; Iris – fé, sabedoria; Lavanda – constância; Prímula – equilíbrio; Tulipa – prosperidade, esperança; Violeta – lealdade, modéstia; Peônia – vida, casamento feliz; Magnólia – simpatia, dignidade;

Finalizando esta dissertação, realizamos uma breve reflexão sobre “emancipação ou submissão” do ponto de vista das mulheres participantes da pesquisa e destacamos o princípio bíblico pelo qual as mulheres se baseiam para manter ou não a condição de mulher submissa.

CAPÍTULO I

METODISMO: ASPECTOS HISTÓRICOS E PRINCÍPIOS BÁSICOS

Neste capítulo apresentaremos aspectos da história do surgimento da Igreja Metodista, o objetivo é apresentar o contexto histórico e as primeiras iniciativas que deram início ao Metodismo. Não serão analisados os princípios ou as orientações desta denominação, por não se tratar do foco central da pesquisa, ou seja, o objetivo voltou-se às mulheres, suas concepções sobre feminismos, emancipação, autonomia, dentre outros, um diálogo intencional do que vivenciam no cotidiano da Igreja e fora dela

A priori, o metodismo surgiu na Inglaterra por volta do século XVIII, através de um jovem, filho de família Anglicana, que passou a se destacar na Universidade, por seu método específico de estudos, que consistia em disciplina e persistência. Para isso passou a frequentar o chamado “clube santo”, conforme consta em Metodista.org.br:

[...] junto com outros poucos jovens, o chamado "Clube Santo". Os adeptos dessa sociedade tinham a obrigação de dar um testemunho fiel da sua fé cristã, conforme as regras da Igreja Anglicana. Eram rígidos e regulares em suas expressões religiosas, no exercício de ordem espiritual e no auxílio aos pobres, aos doentes e aos presos. Por causa dessa regularidade, os demais companheiros da universidade zombavam e ridicularizavam os membros do "Clube Santo" dando-lhes o apelido de "Metodistas". (METODISTA, 2015)

Por causa dessa organização esse grupo ficou conhecido como Metodistas, ou seja, aqueles que têm método”. O método utilizado passou a influenciar o contexto ao seu redor e contribuiu para a formação de um grupo de pessoas estudiosas denominadas metódicas. Com o passar do tempo e por influência religiosa dos pais e principalmente da mãe, esse jovem chamado John Wesley, colaborou para o surgimento de uma nova denominação na Inglaterra, a Igreja Metodista. Porém, ele não chegou a ver o reconhecimento desta Instituição de forma legal nos vastos territórios ingleses, uma vez que só houve este reconhecimento após a sua morte. No entanto, este jovem deixou um legado que permanece até aos dias atuais e que expandiu por quase todo o mundo.

Na sequência destacamos o percurso da Igreja Metodista, que se expande para os Estados Unidos e no séc. XIX avança para o Brasil através de missionários/as que não só trazem a mensagem de fé para esse país como atuam em outras áreas, principalmente da educação. Destacamos o papel primordial que tiveram as missionárias nessa região,

chegando no país no período colonial e enfrentando as adversidades recorrentes, porém permaneceram e contribuíram para a consolidação da Igreja Metodista no Brasil que, com o passar dos anos, ampliou-se para diversos estados até adentrar o estado de Mato Grosso, hoje denominado Mato Grosso do Sul.

A Igreja Metodista da Cabeceira Alegre orienta-se pelo Plano Anual e Plurianual 2017 – 2021⁵, onde constam as visões e os princípios norteadores da Igreja e sempre é produzido com a participação de bispos e bispas através de um Concílio anual. Este documento será o fio condutor para apresentar esta denominação, bem como registrar a composição atual da Instituição, como é regida e a participação das mulheres nos mais diversos segmentos. Concluímos este capítulo fazendo um breve relato das colaboradoras desta pesquisa evidenciando alguns pressupostos do princípio de fé, segundo elas apresentaram.

1.1 O Metodismo e a Igreja Metodista

Conforme constante na página web da Igreja Metodista, o metodismo teve início na Inglaterra, no século XVIII, a partir da experiência de fé de um jovem pastor anglicano chamado John Wesley (1703-1791). Quando era estudante da Universidade de Oxford, Wesley foi um dos líderes de um grupo de cristãos que se reunia regularmente com o objetivo de aperfeiçoar sua vida espiritual, nesse período eles já se organizavam em células (pequenos grupos). Por causa de seus hábitos metódicos de estudo e oração, os estudantes acabaram sendo denominados de "metodistas". Em 1738, Wesley sentiu-se chamado a renovar a Igreja Anglicana e a sociedade em que vivia, buscando a vivência de santidade individual e social.

De acordo com relatos orais, o fundador do Metodismo, percebeu que os estudos em células gerava resultados, entretanto, diante da situação de total depredação da pessoa humana trabalhadora – revolução industrial – Wesley percebeu que os trabalhadores/as estavam “se perdendo no vício do álcool”, uma vez que não havia oportunidade de mudança de vida para estes/as. Sendo sensível a situação de miséria e exploração dos trabalhadores, Wesley começou a pregar nas portas das fábricas, levando uma mensagem de esperança, segundo sua concepção, a esses/as operários/as e dessa maneira iniciaram-

⁵ O Plano Nacional Missionário (PNM) compreende as bases, ênfases e prioridades da ação missionária da Igreja.

se reuniões nas residências levando a “mensagem de fé e esperança o que motivou diversas pessoas a deixarem o vício”. Para ele, muitos homens estavam acabando com suas vidas no álcool, e através da fé alimentara a esperança de dias melhores. Esse movimento foi alcançando cada vez mais adeptos, e uma das condições para fazer parte do grupo era abandonar o uso do álcool.

No entanto, este jovem desde cedo tinha preocupação com as minorias e por volta de 1700, criou a primeira escola metodista em Kingswood, tempo em que a educação era privilégio de ricos. Ele fundou uma escola para atender a população pobre, principalmente filhos e filhas dos trabalhadores/as das minas, pois considerava que o ensino propiciava uma sociedade mais justa e igualitária. (PMN⁶, 2017, p.23).

A princípio, a mensagem de conversão individual e transformação da sociedade fez o movimento metodista crescer na Inglaterra e resultou na fundação da Igreja Metodista e, segundo seu fundador e seus seguidores, o Metodismo nasceu para levar esperança de dias melhores aos excluídos e explorados/as.

Somente após a morte de John Wesley, a Inglaterra constituiu o metodismo como denominação independente em relação à Igreja Anglicana. Evidenciamos que Wesley era o 15º filho de um total de 19 e, segundo registros, sua mãe teve grande influência em sua formação cristã e contribuiu para que este desenvolvesse a “missão de fé”. Segundo Reily:

Suzana Wesley (1669-1742), mulher de rica herança religiosa e de profundas convicções próprias, esposa, mãe de muitos filhos, numa grande casa paroquial anglicana, mentora espiritual de seus filhos [...] Assim Susana tornou-se conselheira espiritual dos seus filhos. Pelo ao menos no caso de João (chamado “Jacky” pela família), ela continuou a desempenhar esse papel até sua morte. Por meio de correspondência, frequentemente por solicitação do filho, Susana aconselhou-o em assuntos teológicos, leituras devocionais e similares. (REILY, 1997, p.165-167)

Já no final do século XVII e início do XVIII, as mulheres metodistas se destacavam, assumindo por vezes a liderança nas Igrejas, conduziam cultos e incluíam inovação, um dos exemplos foi a mãe de Wesley, era filha de dissidentes e aos dezesseis anos tornou-se anglicana por opção. Após se casar, na ausência do marido deu início a cultos domésticos para seus filhos e empregados, pois não se considerava alimentada espiritualmente com um Cura⁷ que o marido havia deixado.

⁶Plano Nacional e Plurianual das Igrejas Metodistas

⁷ Pároco ou vigário de um lugarejo

A notícia se espalhou e sua casa tornou-se pequena para receber pessoas que vinham para ouvir sua mensagem. O marido ao saber da novidade, que a mulher estava “pregando a palavra”, tentou impedi-la, porém sem obter sucesso. Como mostra Reily:

Foi no afã de alimentar espiritualmente sua própria família que ela virou pregadora. Samuel escandalizado, pelas notícias que sua mulher virara pregadora, ordenou, por carta, que ela pusesse fim a essas inovações. Susana, respondeu, descrevendo detalhadamente as reuniões e terminou dizendo que pararia, mas só mediante uma ordem explícita do marido e, de resto, que ele assumisse as consequências espirituais provenientes. Samuel nunca deu tal ordem e Susana continuou com os cultos até a volta do marido. (REILY, 1997, p. 166)

Nesse sentido em pleno século XVIII, encontramos uma mulher metodista, determinada e que não se estagnou diante de uma situação que não a agradava e ou lhe trazia impedimentos, tomou iniciativa e desafiou regras e princípios religiosos e sociais da época. Julgamos relevante registrar aspectos da história da mãe de Wesley, pois todos/as quando se referem a história da fundação da Igreja Metodista, se referem apenas ao mentor desta, e dificilmente imaginamos que a principal responsável, quem estava por trás, nos bastidores, era uma mulher, determinada, mãe, dedicada, sábia e que abdicou de seu tempo para ensinar aos filhos/as e pregar para eles/as capacitando-os/as no conhecimento científico religioso.

Conforme consta em Wikipédia (2019), “[...] Susana assumiu a administração financeira da família e a educação dos filhos e filhas. Disciplinava-os com rigidez, mantendo um horário para cada atividade e reservando um tempo de encontro com cada filho para conversar, estudar e orar”. Conforme registros, não apenas Wesley fez história, mas diversos/as filhos/as dessa mulher tornaram-se pessoas que se destacaram, na música, na literatura e como missionários/as.

No Brasil, através de registros (Teses de doutorado e outros), a Igreja Metodista surgiu por volta 1886, vinda dos EUA, nesse período missionários/as migraram para o Brasil para evangelizar e formar a Igreja Metodista. Verificamos que as mulheres estiveram presentes nesse processo, como “colaboradoras” assíduas junto aos esposos, denominados pastores, sendo assim as mulheres tiveram, desde o princípio, participação na formação e consolidação das Igrejas Metodistas, ainda que nessa época não havia uma deliberação para que elas atuassem como pregadoras.

Algumas mulheres metodistas foram “pioneiras no Brasil”, atuaram historicamente nos mais diversos cargos e funções, inicialmente eram educadoras,

contribuíram para criar escolas – como já foi dito –; e através da missionária Martha Watts, em 1881 abriu-se a primeira escola metodista para mulheres no Brasil. Ela foi considerada uma mulher visionária e ao chegar no Brasil, observou que as mulheres estavam destinadas ao casamento e percebeu que a elas ensinava-se apenas o suficiente para serem “boas donas de casa”. Watts considerava que para o Brasil crescer era necessário existir oportunidade para as mulheres estudarem. Nesse quesito Ribeiro destaca:

Martha Watts se procurava em colaborar com as mulheres no que diz respeito aos seus direitos e especialmente no tocante ao acesso à educação. As alunas de Martha esforçavam-se ao propor mudanças, o que é possível evidenciar, por exemplo, no discurso da aluna Ana de Moraes Barros. Aqui, no Brasil, onde não há instituição alguma apropriada à educação da mulher, esta é nula, os pais querem ver os filhos doutores, mas, quanto as filhas, basta que saibam fazer o serviço de casa e mais algumas prendas, porque, dizem eles, a mulher não precisa saber mais que isso, sua vida circunscreve-se no interior da casa, criando filhos; e outros ainda tem ideias mais crenças, nem querem que suas filhas aprendam a escrever, e isto a bem da moralidade das mesmas. Isto é uma vergonha para o nosso país, mas é a verdade! [...] proclamo a regeneração da mulher pela educação, instrução e liberdade. [...] o Brasil é uma das nações que ainda não compreendeu que a sua felicidade ou desgraça, progresso ou decadência provém da boa ou má educação da mulher. [...] ⁸(RIBEIRO, 2008. p. 91)

Apontamos que desde o princípio, a Igreja Metodista contou com uma evangelizadora a frente de seus trabalhos, valorizou e oportunizou às mulheres o acesso à educação, teve uma preocupação social e contribuiu de maneira extraordinária para despertar e propiciar condições às mulheres estudarem e, certamente, tal atitude propiciou ensejo a essas estudantes, ainda que fugiu do princípio inicial instituído por John Wesley, levar oportunidade aos pobres, pois essas escolas no Brasil atenderam uma clientela privilegiada da sociedade.

Confirma Mesquida (2005, p.14), [...] “Para tanto, dedicaram-se à formação das elites com a esperança de conquistar a hegemonia cultural pela “conversão” das classes médias e superiores aos princípios e valores do metodismo norte-americano, o que, de certa forma, as fez cúmplices do expansionismo cultural, político e econômico dos Estados Unidos”. Se na perspectiva socioeconômica a igreja se restringiu às classes médias e superiores, no âmbito do gênero, nos parece mais “avançada”, principalmente

⁸ BARROS, Anna. A Educação da Mulher. Gazeta de Piracicaba. Piracicaba, 14 de janeiro de 1883, p. 1. Citado por: COSTA, Márcia Oehlmeyer. Martha H. Watts e os direitos da mulher à educação no século XX. p. 7.

na estrutura da instituição, na qual as mulheres, já apresentado nesta dissertação, galgaram patamares antes negados totalmente a elas, como o pastorado.

A partir do X Concílio Geral Metodista, realizado em julho de 1970, em Belo Horizonte - MG, foi abolida a ordenação somente para homens, quando então, abre-se para formação de mulheres ao Pastorado, entretanto, nem sempre foi assim e para as mulheres chegarem ao pastorado passaram por um longo período de conquistas. Através da atuação das primeiras mulheres em “lugares de poder”, os espaços foram ocupados com visibilidade pelas metodistas e contribuiu para que, atualmente, elas possam exercer essa liderança nas Igrejas. Assim registrou Ribeiro:

E assim, no X Concílio Geral da IM, realizado em julho de 1970, na cidade de Belo Horizonte, foi declarado por unanimidade de votos que as ordens na Igreja Metodista são as seguintes: “Art. 13 – As ordens na Igreja Metodista são duas: a presbiterial e diaconal, constituídas, respectivamente, de presbíteros e diáconos, sem distinção de sexo.” Inicia-se um novo tempo para a Igreja Metodista, agora [1970/71] com o ministério pastoral feminino. (RIBEIRO, 2008. p. 146)

As mulheres metodistas atuaram em diversas frentes; evangelizaram, educaram; contribuíram para a organização da sociedade de mulheres; colaboravam em cultos, substituíam os pastores na sua ausência, mesmo quando ainda não lhes era permitido o Ministério Pastoral, infringiram regras. Somente em 1970/71, através do Concílio Geral foi aprovada a ordenação de Pastoras pela Igreja.

Em vista disto, a Igreja se abriu à ordem feminina, e no reconhecimento das mulheres como ministras. No Brasil, desde então, as mulheres têm ocupado o espaço pastoral e nos dias atuais a Igreja conta com aproximadamente um total de 235 pastoras para 784 pastores, perfazendo um percentual de 23,06% mulheres pastoras para um percentual de 76,94% homens pastores. No topo da hierarquia da Igreja que é o bispado, de 10 bispos/as duas são mulheres, perfazendo um percentual de 26,67% mulheres bispas para 83,33% de homens bispos.

A exemplo do que ocorre no meio evangélico, no campo político, também permanece pouca representatividade por parte das mulheres. Há 87 anos as mulheres têm direito ao voto, ocorrido em 1932, e após 37 anos de direito a participar do espaço político, elas representam a minoria em todos os pleitos eleitorais no Brasil e com pouca representatividade nos cargos mais visibilizados (governadora, senadora). Configurando

a necessidade de políticas públicas que visem mudar concepções sociais e que reconheça as mulheres em todas as suas atuações. Nesse quesito Comin destaca:

Em nível nacional, segundo dados do IBGE no período de 2014 a 2018, do total de quinhentos e treze deputados, apenas 10,7% eram mulheres. Já no Senado, dos 81 parlamentares, 16% são mulheres. Em 2018, apenas uma governadora eleita, no Rio Grande do Norte, sendo que para o senado, foram eleitas 15% de mulheres, na Câmara dos deputados federais 15%. Assim, no contexto nacional foram eleitas setenta e sete mulheres em relação a quinhentos e treze homens. A região que menos elegeu deputadas federais no Brasil foi a Centro Oeste, apenas dez mulheres e entre os estados da região, figura o M.S., onde duas mulheres foram eleitas. (COMIN, 2019, p. 132)

Há uma discrepância numérica, na atuação predominantemente masculina nas Igrejas Metodistas no Brasil, a qual reflete a conjuntura de poder impetrada por tantos anos e, certamente, ainda levará algum tempo para que se atinja a equidade de gênero. Após 40 anos, o protagonismo das mulheres nos cargos que representam o topo hierárquico da Igreja reflete um índice abaixo de 30%.

A quebra de paradigmas, não agrada a todos/as e os detentores do conservadorismo se expõem demonstrando indignação, por isso, mesmo com a atuação de mulheres em diversos segmentos sociais e, inclusive, nas Igrejas desde o princípio – ainda, que não fosse na esfera principal de poder –, as resistências permanecem, reforçando padrões aprendidos e assimilados ao longo de décadas. Gebara corrobora:

Quando começamos a refletir sobre as relações entre mulheres e homens nos damos conta que, quase que espontaneamente, nossas sociedades atribuem mais poder, mais valor, mais força organizativa, maior força política aos homens e deixam as mulheres em segundo plano. Nós mesmas, mulheres, muitas vezes acolhemos esta condição particular como se a natureza e as forças divinas tivessem feito uma divisão de capacidades e papéis, de forma que só nos resta aceitar com submissão a evidente força masculina. A radicalização dessa forma de organização social marcada pela ausência do feminino nos níveis decisórios mais amplos começou a acentuar uma série de disfunções sociais, assim como a percepção de que essa maneira de se organizar socialmente era geradora de grandes injustiças. (GEBARA, 2010, p. 37-38).

As resistências prevalecem em virtude do princípio bíblico de que o homem é o “cabeça”, muito disseminado e reforçado nos púlpitos das mais diversas Denominações e a partir do momento que há uma representação feminina no cargo principal na Igreja, propicia-se uma inversão de valores e conceitos. Faz parte da constituição social de o

“macho” estar em cargos de poder e na posição de mando, configurando aquilo que está impregnado nas mentes das pessoas como o ideal. No entanto, as resistências existem, podem ser diretas, simbólicas e silenciosas. Sendo assim, as pessoas, em geral, aceitam aquilo que está posto como norma e também contribuem para evidenciar a rigidez em aceitarem mudanças. Nesse sentido Rosado colabora:

Na verdade, as religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é 'sagrado' nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. (ROSADO, 2005)

Outrossim, considerando os longos séculos de domínio masculino nesta área, observamos que está avançando gradativamente a ocupação das mulheres em cargos de liderança, diante da ampliação de debates dentro e fora da igreja.

1.2 A Igreja Metodista em Dourados: Cabeceira Alegre

Conforme relatos de uma das entrevistadas, a Igreja Metodista se instalou em Dourados em 1955, em uma área central da cidade⁹, onde permanece até os dias atuais. Alguns anos após sua instalação, iniciou-se o trabalho de evangelização também na Cabeceira Alegre¹⁰, na época foi construído um pequeno salão de madeira para atender a comunidade local.

A denominação, Cabeceira Alegre, foi uma iniciativa da Igreja Metodista Central, que estava consolidada na cidade de Dourados, e tinha um espaço geográfico equivalente a uma quadra, na região denominada Cabeceira Alegre, por ser uma região isolada o acesso a Igreja Central tornava-se difícil. Diante dessa realidade, a Igreja Central resolveu investir no bairro e construiu uma extensão da metodista, um espaço pequeno e simples para que os moradores daquela região pudessem “congregar”.

Posteriormente, com o aumento do número de fiéis, houve a necessidade de construir uma estrutura maior contando para isso com a contribuição dos membros,

⁹Av. Joaquim T. Alves, 2214. Centro

¹⁰Rua João Paulo II, 706. Vila Industrial

através de doações, promoções e colaboração da comunidade local e da sociedade em geral, que contribuíram para a construção da Casa Pastoral.

Consoante com narrativas das entrevistadas, a Igreja ao chegar em Dourados, não teve o foco apenas na evangelização. As mulheres, principalmente a Sra. Áurea Batista Brianeze esposa do Pastor Francisco Brianeze à época, se empenharam na educação. A princípio, a Sra. Áurea trabalhou com alfabetização de membros e da comunidade em geral. Já na Igreja da Cabeceira Alegre, houve a atuação de outras mulheres, conforme relato exposto por uma entrevistada da Igreja:

Durante as primeiras décadas a grande frente de trabalho dentro da Igreja Metodista Cabeceira Alegre foi a educação. As mulheres fizeram muita diferença, nesse sentido, a esposa do primeiro Evangelista à época era professora, uma mulher muito dedicada e empenhada junto a sociedade de mulheres, Antônia Serrano de Oliveira, ela continuou muito à frente do trabalho, incansavelmente levou muito a sério a vida da mulher metodista aqui na Cabeceira Alegre, por isso existe tanto a força da mulher metodista em Dourados, ela não é uma mulher que fica sentada, como você vê, a grande maioria de nossos líderes na igreja, boa parte é composta por mulheres. Durante todos esses anos a Igreja esteve voltada para a área da educação, alfabetizando as mulheres da Igreja e do bairro, porque a minha mãe não sabia escrever e foi ali na Igreja que ela foi alfabetizada e diversas mulheres da cidade foram alfabetizadas. Educação esta que contou com a colaboração principal das mulheres. (PEÔNIA, 16/04/2019)

As mulheres metodistas, conforme exposto, desenvolveram um papel relevante em Dourados através da Igreja, inicialmente trabalharam com alfabetização e continuam atuantes. Elas desempenharam papéis importante na Instituição e nos dias atuais a maior parte delas ocupam cargos de liderança, entre eles: Procuradora da Igreja, Professoras de Escola Dominical, Discipuladoras, Coordenadoras de células, Coordenadoras da CLAM¹¹, Pastora, etc. A participação de mulheres na Igreja Metodista faz parte da constituição histórica da instituição, e atualmente, elas se destacam ocupando a maioria dos cargos de liderança na Igreja da Cabeceira Alegre.

Em conformidade com as entrevistas, as mulheres metodistas estiveram à frente da Igreja, atuaram em diversas ações e ao priorizar a alfabetização, faziam a diferença social, contribuíram em propiciar o ensino para diversos cidadãos/as em Dourados. Pessoas tornaram-se profissionais em diversas áreas, passaram a atuar na cidade e tiveram o início de sua educação nos bancos de salas providenciadas pela Igreja.

¹¹ Coordenação Local de Ação Missionária

A pequena comunidade que surgiu na Cabeceira Alegre, tornou-se Igreja Metodista da Cabeceira Alegre apenas em 1984, ao adquirirem independência da Igreja Central, considerando as informações obtidas com algumas mulheres entrevistadas. Permaneceu com esta denominação, por ser um marco referencial reconhecido pela comunidade local e a cidade, assim sendo, permanece até os dias de hoje, uma vez que se tornou referência naquela região.

Esta igreja agrega um público pequeno, comparado com outras Igrejas de Dourados, porém, possui uma história antiga e sempre esteve voltada para a sociedade num todo, uma vez que faz parte do projeto da Igreja - conforme o Plano Plurianual e Anual 2017 – 2021 - entre as metas consta defender os Direitos Humanos, combater o Racismo, Inclusão Social¹², Indigenista¹³ e Universitárias¹⁴.

A Igreja permanece na mesma região da cidade, porém, denominada Vila Industrial. Possui aproximadamente 100 (cem) membros, totalizando 110 (cento e dez) considerando as visitas. É composta por pessoas de diversos níveis sociais, porém predominam pessoas de menor poder aquisitivo, maioria jovens, que atuam no comércio da cidade e funcionários/as públicos/as.

Esta instituição mantém a escola dominical, trabalha com células (reuniões domésticas com membros e não membros, durante a semana), desenvolve diversos ministérios (ações) e agrega todas as idades, passando pelo infantil, juvenil, jovens, adultos e casais.

Somente há pouco mais de um ano a Igreja de Dourados – Cabeceira Alegre – foi contemplada pelo pastorado feminino, algo novo na Instituição. Segundo relatos, houve demonstração de rejeição por parte de alguns membros/as, supostamente pela questão de gênero. Essa atitude pode confirmar o poder patriarcal, reproduz papéis sociais adequados a homens e mulheres e demonstra reprovação à liderança feminina assim como às mudanças, uma vez que a norma o padrão geral são as Igrejas serem dirigidas por homens, que de certa forma representam o poder masculino.

Portanto, após anos sendo dirigida por pastores, atualmente conta com 01 (uma) pastora na direção e as decisões são tomadas por uma coordenadoria, eleita pela Igreja,

¹² O Conselho da Igreja propõe que esta trabalhe voltada para pessoas com alguma deficiência física.

¹³ Todos os espaços de solidariedade assumidos pela Igreja têm o propósito de fortalecer os princípios de autodeterminação que os povos indígenas projetam e constroem historicamente.

¹⁴ De acordo com as Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista, a missão da Pastoral é atuar como consciência crítica das instituições de ensino, em todos os seus aspectos, exercendo suas funções proféticas e sacerdotais, dentro e fora delas

denominada CLAM (Coordenação Local de Ação Missionária) composta atualmente por 11 (onze) homens e 10 (dez) mulheres, sendo que elas totalizam 90% da coordenação, conforme informações concedidas pela Pastora. Evidenciamos ser um número significativo de mulheres na composição da Coordenação da igreja, caracterizando que as mulheres conquistaram espaço para a atuação nos espaços decisórios na igreja.

Através da CLAM, órgão fundamental na Igreja, a Pastora e demais coordenadores/as fazem a gestão da Igreja no interregno do Concílio local, se reúnem para instrução, avaliação e organização de todas as ações ministeriais e programações. Segundo informações, as decisões são tomadas conforme os princípios doutrinários metodistas.

A respeito de mudanças significativas na Igreja após a liderança feminina se estabelecer, ressaltamos que este é um processo em construção, as mudanças ocorrem cotidianamente, desde a organização dos cultos às programações específicas, formação de lideranças entre outros. Entretanto, ainda não é possível ter uma avaliação mais ampla, por ser uma configuração recente e não houve tempo suficiente para mudanças mais efetivas, considerando que ocorrem gradativamente.

No percurso da pesquisa, o relato de Magnólia, “não é fácil exercer o pastorado feminino, pois exige uma dedicação muito grande e nem sempre é fácil administrar a vida pessoal, os afazeres domésticos com as demandas da Igreja, acaba sobrecarregando demais. Acho que o pastorado não é para mulher”. Diante do exposto, observamos a visão de uma mulher que fora educada para o privado (casa, filhos e tudo que envolve esse universo); sendo assim fica difícil entender e apoiar o exercício do ministério pastoral feminino, uma vez que a mulher tem muitas obrigações pessoais a cumprir. Nas entrelinhas ela valoriza mais a “administração da vida pessoal”, considerando como afazeres primordiais, e desta forma ela afirma que o “pastorado não é pra mulher”, ou seja, não se deve escolher uma profissão que exige tanto, assim sendo, é inadequado para a mulher.

A declaração de Magnólia pode fundamentar o motivo pelo qual as mulheres podem exercer o protagonismo e ainda estão em desvantagem nas relações de poder institucional e representam patamares inferiores na ordem hierárquica. Assim como evidencia e reforça a ideia de que nem todas as profissões são “para” as mulheres, ela revela o que em algumas mulheres prevalece como ideal, o mundo privado.

De acordo com Saffioti (2001), ao longo da história, às mulheres foram delegadas responsabilidades domésticas e de educação de filhos/as, corroborando a perpetuação de um papel social, a que são “colocadas”, de subalternidade das mulheres em relação aos homens. Esta condição não escolheu classe social, e a maioria das religiões, coopera com esse discurso e consideramos que está impregnado na subjetividade de homens e mulheres.

Isso porque tais responsabilidades femininas, impostas como padrões, são fundamentais como aquelas no âmbito público. É um trabalho exercido no âmbito privado, não reconhecido, não remunerado, mas é a base para demais funções exercidas por membros que convivem em um mesmo arranjo familiar. Outrossim ressaltamos a importância dos trabalhos das mulheres, colocando-as como parte do processo, ainda, que muitas vezes são invisíveis pela sociedade, porém essenciais e partícipes ativas de toda a história.

As mulheres deixaram um legado histórico na consolidação da Igreja Metodista no Brasil e mesmo quando estas ainda não podiam exercer o pastorado, sua atuação foi primordial e se não fosse o protagonismo de muitas esposas de pastores, que assumiram as responsabilidades no âmbito privado, muitos homens não teriam avançado nesta profissão, como nas demais na sociedade.

1.3 – Caracterização das mulheres e de “fé”

A igreja Metodista da Cabeceira Alegre é composta por diversas pessoas de ambos os sexos, várias gerações e faixas etárias. Das dezessete mulheres envolvidas na pesquisa treze são casadas, três divorciadas e uma se auto declara convivente. Destas uma tem pós-graduação¹⁵, oito delas cursaram nível superior, predominando graduação em Pedagogia, cinco concluíram Ensino Médio, uma possui o Ensino Fundamental e uma concluiu um curso técnico e atualmente realiza o nível superior¹⁶. Observamos que a maioria começou a frequentar a igreja ainda na juventude. Estas participantes exercem as mais diversas profissões: artesãs, do lar, pedagogas, funcionárias públicas, esteticistas, decoradoras, vendedoras, salgadeiras, confeitadeiras, engenheira civil, comerciárias¹⁷. Há também uma desempregada. Optaram em ter pouco filhos/as, predominando dois/as por família, com

¹⁵ Não consta do quadro 1, pela necessidade de resguardar a identificação.

¹⁶ Não consta do quadro 1, pela necessidade de resguardar a identificação

¹⁷ Algumas profissões não constam no quadro 1 para evitar a identificação das participantes, porém consideramos importante constar da pesquisa.

exceção de duas mulheres que tem três filhos/as e uma que possui 04 filhos/as, além das que não são mães.

Entre as participantes, atualmente 12 trabalham fora de casa, e entre as que ficam em casa 2 fazem artesanato, além de exercerem o trabalho doméstico. Destas, sete declararam repartir as despesas do lar com “trabalho remunerado”, uma declara que contribui com as despesas da casa, três declaram que ajudam, duas declararam compartilhar as despesas, três participantes declaram que apenas o marido é o responsável pelas despesas e duas assumem as despesas sozinhas, por não ter no momento com quem dividir.

Em relação ao serviço doméstico apenas cinco das participantes declararam dividir com o marido e filhos, outras informaram que contam com ajuda de familiares para a realização das atividades domésticas e três contratam diarista e ou mensalista.

Tais informações estão registradas no quadro abaixo:

**QUADRO 1 -
Perfil das Mulheres**

Nomes	Idade	Est. Civil	Nº. Filhos/as	Profissão	Instrução	Contrata diarista?	Tempo de Igreja	Julga-se feminista?
Alfazema	37	Casada	2	Professora	Superior	Não	12 anos	As vezes
Anis	56	Divorciada	2	Serv. Pública	Ens. Médio	Não	01 ano	Sim
Alteia	32	Casada	0	Serv. Pública	Superior	Sim	28 anos	Não
Anêmona	54	Divorciada	3	Serv. Pública	Ens. Médio	Sim	Desde criança	De certa forma sim
Bromélia	40	Convivente	2	Professora	Pedagogia	Não	5 anos	Sim
Begônia	41	Casada	3	Professora	Pedagogia	Não	Desde que nasceu	Sim
Coreópsis	43	Casada	4	Serviços Gerais	Ens. Médio	Não	12 anos	Sim
Crisântemo	57	Casada	6	Serv. Pública	Técnico Superior	Não	27 anos	Sim
Dália	70	Casada	3	Empresária	Ens. Médio	Sim	25 anos	Sim
Hibisco	46	Casada	1	Artesã	Ens. Médio	Não	7 anos	Sim
Iris	25	Casada	0	Comerciária	Pedagogia	Não	8 anos	Uma parte de mim, sim
Lavanda	42	Casada	2	Autônoma	Fundamental	Não	10 anos	Não
Magnólia	60	Casada	3	Do lar	Fundamental	Não	30 anos	Não respondeu
Peônia	63	Casada	2	Comerciária	Pedagogia	Não	Desde que nasceu	De certa forma sim
Primula	37	Casada	1	Autônoma	Superior	Não	15 anos	Sim
Violeta	53	Casada	2	Professora	Pedagogia	Não	13 anos	Sim
Tulipa	30	Divorciada	1	Autônoma	Cursando Superior	Não	7 anos	Sim
Total: 17								

Fonte: organizada por nós

Nesse percurso, encontramos mulheres que professam a mesma fé, com princípios norteadores em comum. Evidenciaram o apoio mútuo em suas vivências independente de especificidades, individualidades e realidade social. A maioria exerce várias atividades – casa, trabalho e Igreja – elas reconhecem a relevância do próprio papel social. No entanto, não deixaram de ressaltar a importância do papel social do homem no espaço privado, com ambiguidades entre o que necessitam para maior autonomia e os preceitos da igreja.

As mulheres legitimaram esta participação e a relevância de contarem com a atuação dos maridos nos afazeres domésticos, bem como dos demais membros da família, para amenizar as suas obrigações diárias, mas não apresentaram uma concepção mais abrangente de divisão de tarefas igualmente, corroborando para o princípio patriarcal ainda vigente e assimilado acerca da responsabilidade última das mulheres pelo espaço privado.

Além das responsabilidades das mulheres no interior das casas, elas colaboram com atividades ministeriais (serviço) na igreja durante a semana e principalmente aos finais de semana, conforme a necessidade e os compromissos assumidos com a instituição. Todas declararam satisfação nas atividades ministeriais, sentem-se realizadas e valorizadas com a contribuição à Igreja.

Entre os ministérios exercidos pelas mulheres na igreja constam: professoras de escola dominical, tesoureira, canto, líderes de células, coordenadora de células, decoradora, membros da diretoria, intercessoras, visitação, dança, coordenação de ornamentação, diaconia, comunicação, multimídia entre outros.

Quanto ao serviço doméstico, algumas declaram realizar com presteza. Dentre as 17 participantes, 12 demonstraram alguma insatisfação com o serviço doméstico, citando características como: serviço repetitivo, interminável, pouco valorizado e sem remuneração. Há as que consideram penoso e cansativo, entre outros adjetivos. Outras consideram que se não tivesse a “ajuda” dos familiares não conseguiriam realizar os serviços domésticos. Segundo Gebara:

Ora o pequeno, o doméstico, o diário foram sempre considerado desprezível pela história oficial, mesmo pela história contada pelas esquerdas no interior mesmo da Instituição. O cotidiano é o lugar das mulheres, das crianças, dos velhos, da prisão doméstica, lugar onde os grandes feitos da história humana parecem ausentes. O cotidiano doméstico é o lugar da repetição sem fim das mesmas coisas, dos

mesmos ritos do comer, do beber, do vestir-se, do lavar-se, do cuidado com as crianças e os velhos. O cotidiano não é o lugar da glória, das condecorações, do heroísmo pátrio, do incenso, da tiara e do báculo. Pois é, desse lugar mesmo, dessa prisão doméstica que começa uma parte da luta feminista, ou seja, é desse lugar que se denunciam os efeitos nefastos da grande história contada pelos homens. (GEBARA, 2010, p. 34-35).

Nesse sentido, das 17 entrevistadas, 15 consideraram importante a mulher trabalhar no espaço público, por proporcionar independência financeira, realização profissional e autonomia, enfim, exercerem atividades que lhes favoreçam outras realizações, além de contribuírem para ampliar o poder aquisitivo da família e participarem mais ativamente nas decisões.

Contudo, Peônia e Bromélia expressaram um determinado saudosismo da época em que a mulher era apenas “dona de casa”, ressaltaram: as “mulheres daquela época” não eram tão sobrecarregadas, não tinham obrigações exaustivas, as “mulheres da antiga tinham uma vida mais leve”, apesar de não terem independência financeira. Ao mesmo tempo em que a maioria das mulheres declaram não gostarem de realizar o trabalho doméstico, expressam um certo desejo de viverem em tempos passados quando a mulher era considerada a “rainha do lar”.

Enquanto se expressavam demonstraram um certo cansaço, insatisfação diante de tantas obrigações e, principalmente, da jornada dupla tão comum hoje em dia e algumas até desempenham a tripla jornada. Assim define Gebara (2010), à mulher foi delegado, por muito tempo, o “confinamento” no interior do lar e o serviço doméstico, que passa a ser considerado, por ela mesma, como natural, inerente a sua natureza e apropriado a mulher, como uma essência.

Ao trazer a memória o slogan “rainha do lar”, há uma conotação de poder na palavra “Rainha”, remete àquela que decide e manda. Esses são os exemplos construídos a respeito de realeza, entretanto, esse termo disseminado em tempos passados – e ainda persiste no imaginário de algumas mulheres –, não condizia com a realidade imposta à época. As “rainhas dos lares” ficavam “confinadas” em um ambiente doméstico, voltadas ao privado e longe das esferas públicas, políticas e de poder.

Melo (2014), assevera: “Sob esta perspectiva o termo eterno rainha do lar simbolizaria nada mais que amarras, que falta de liberdade de escolha”. O slogan fora criado, pós Segunda Guerra Mundial, estrategicamente para que os homens voltassem a

ocupar os possíveis empregos por ora ocupados pelas mulheres, assim era intencional convencê-las que o seu lugar era no espaço privado, no “interior do lar”.

As mulheres entrevistadas declararam ser essencial o trabalho fora de casa, uma vez que podem agregar uma renda maior a família e ter uma independência financeira, mesmo assim, quase todas sentem-se as principais responsáveis pela educação dos filhos/as, sem descartar a relevância do esposo nesse processo.

Entre as diversas ressalvas, a maioria das mulheres gostam de participar da igreja, por ser um lugar de fortalecimento da fé. Para Dália “A fé vem pelo ouvir e na igreja que eu mais ouço falar de Deus”. Essa percepção é reforçada por Bromélia “Frequento a Igreja para praticar minha fé, adorar o Senhor e aprender acerca da palavra de Deus”.

Para Coreópsis, a Igreja atua como transformadora de vidas: “Comecei ir para Igreja para buscar a transformação da minha casa, eu fui sozinha buscar a Deus, porque meu marido bebia e jogava muito e aí havia muitas brigas e eu já estava cansada de brigar. Resolvi buscar a Deus”; também nesse sentido, Crisântemo declara: “Transformação do marido e da família”. Nesse sentido constatamos que os conflitos sociais contribuem para que as pessoas procurem a Igreja, como última “esperança”.

A Igreja enquanto espaço social contribui, entre tantos outros, para comunhão e ajudar o próximo, assim declara Hibisco, Begônia e Magnólia: “Comunhão com os irmãos”; Lavanda expressa: “Alegria de servir a Deus e poder ajudar outras pessoas da comunidade da mesma forma que fui ajudada no começo da caminhada”; Violeta declara: “Pertencimento e relacionamento”; Prímula ressalta: “Amizade companheirismo e a alegria de estar em um lugar que me faz bem” e Crisântemo afirma: “Compromisso com Deus e a comunidade”.

De acordo com as entrevistas a Igreja desempenha tanto uma função social como religiosa: Alteia declara se identificar com as “Pessoas e a doutrina” e Peônia: “Convivência com a comunidade, o aprendizado em todo sentido e gostar da ideologia”; Tulipa considera: “Ter mais conhecimento e contribuir para melhorar a sociedade”; Crisântemo: “Compromisso com Deus e a comunidade”; finalizando enfatiza que colabora para transformações que segundo declarações, não seriam possíveis por si só. Esse espaço contribui, ainda, para despertar nas pessoas a autoestima como declara Anis: “Saber que Deus me ama e quer o meu melhor e esse melhor está na sua presença e no seu caminho”; Já Alfazema: “Acredito que através da Igreja tudo fica melhor”. Assim

como aguardar o sobrenatural conforme Iris coloca:

Confio nos planos que Deus tem me proposto, tudo que Ele coloca nas minhas mãos como voto de confiança, pessoas a serem cuidadas, tudo isso nos motiva. Afinidades com as demais pessoas. A visão que a Igreja caminha e acredita; o certo sempre será certo e o errado, errado. (IRIS, 23/3/2019)

As mulheres além da fé acham relevante a “comunhão” com os/as demais membros/as da Igreja. São diversas as declarações revelando o valor de relacionar-se com a comunidade, o cuidado recebido, a disposição em “ajudar” e o pertencimento a um grupo que “professa a mesma fé”. Elas relevaram, ainda, os aprendizados propiciados, o fortalecimento e alimento espiritual como forma de combustível para permanecerem firmes na fé. Declaram que relação de apoio encontrado umas nas outras é acalentadora e coopera para que não se sintam só, sabendo que tem com quem contar, revelando a existência de uma sociabilidade no ambiente da igreja e extensivo as suas vidas.

Além das atividades regulares proporcionadas pela Igreja Metodista, as mulheres têm oportunidade de participar de uma organização definida como Sociedade de Mulheres, com encontros mensais, sempre às primeiras quintas-feiras do mês, no período noturno. Segundo elas é um momento especial, na qual programam comemorações e atividades a serem desenvolvidas na Igreja, é “um tempo de comunhão e planejamento”, além de cuidado umas para com as outras.

A concretização dessas atividades indica uma relação direta com os cuidados com pessoas, datas comemorativas, dentre outras, e na verdade, já estão programadas, como aponta a entrevista a seguir.

A Sociedade de Mulheres já foi mais ativa do que é hoje, devido ao envolvimento das mulheres em outras atividades, pois são as mesmas mulheres que assumem muitas coisas. A gente sempre fazia o trabalho de visitação, visitar as irmãs e orava com elas, dividia em grupos e fazia visitas, fizemos muito isso e era muito legal. Hoje em dia estamos mais envolvidas nas programações da Igreja, tipo: é o dia do Pastor, é a Sociedade de Mulheres que programa o que nós vamos comprar, o que nós vamos fazer, como vai ser. Aniversário da Igreja, aniversário do Pastor, essas coisas que envolvem datas comemorativas é a sociedade de mulheres que faz. Ceia comemorativa, Café da manhã de Páscoa, almoço da família, acampamento de carnaval. Nós estamos montando uma programação para o dia dos namorados. (LAVANDA, 15/3/2019)

Segundo a entrevistada, existe uma programação prévia, onde elas indicam as atividades em um rol de opções programadas e só não ampliam as alternativas por falta de maior número de mulheres comprometidas. São sempre as mesmas mulheres dispostas a se dedicarem às ações, devido a quantidade de trabalho, com um número reduzido de mulheres disponíveis e ou dispostas a se envolverem e isso acaba sobrecarregando aquelas que se disponibilizam. Como resultado, ocorre a limitação para ampliar as atividades. Lavanda afirma:

Na verdade, é esse o trabalho, a gente procura só seguir a programação que já está formada ali, a gente não procura fazer mais coisas devido ser sempre as mesmas mulheres que estão envolvidas em todas as coisas na Igreja. No concílio a gente apresenta a nossa programação e se coloca à disposição de outros ministérios, a gente se reúne e se ajuda (LAVANDA, 15/3/2019).

As mulheres dedicam-se às visitas a outras “irmãs”, como se reconhecem, se estão com algum problema de saúde ou procuram incentivar a participação daquelas distantes da igreja. Como continua a entrevistada:

Quando a gente não tem uma programação a gente se reúne e vemos o que vamos fazer, quando não tem uma programação definida a gente faz visitas para as irmãs que estão com problemas de saúde. De certa forma a gente tenta dar um apoio para as irmãs que já não estão conseguindo vir participar. (LAVANDA, 15/3/2019)

Entretanto esclarecemos que os/as membros/as da igreja também estão envolvidas/os com diversas ações sociais, assistindo pessoas necessitadas da sociedade. Outra atividade destacada por Lavanda é o “Culto do bebê”, uma cerimônia de Ação de Graças ao nascimento de uma criança com o envolvimento de familiares e todos/as membros/as da Igreja. O planejamento e desenvolvimento deste culto é de responsabilidade das mulheres, inclusive, deve ser realizado por uma pastora, conseqüentemente, o pastor é excluído deste momento. É perceptível a naturalização da maternidade como essência, o cuidado e a sensibilidade próprios da feminilidade. São os papéis sociais bem delineados, para mulheres e homens, pastoras e pastores.

Tem também o Culto do bebê, nasce um bebê na Igreja a gente já sabe que é nossa responsabilidade fazer um culto de ação de graças pela vida do bebê. Quando era o Pastor a gente precisava ir atrás de alguém para

fazer a ministração no culto, mas hoje como temos uma Pastora, não precisamos mais ir atrás de alguém de fora. (LAVANDA, 15/3/2019)

Enfim, esta entrevistada apresenta ela mesma e outras mulheres em suas considerações, os momentos próprios, quando decidem por si mesmas e as atividades que irão realizar.:

Também temos momentos de lazer: fizemos a tarde de ginástica do dia da mulher, foi muito bom, as mulheres gostaram bastante. Quando vamos comemorar aniversário, geralmente estamos saindo para comer fora para não precisar ir para cozinha. Outro dia algumas foram comigo para o aulão que uma das irmãs promoveu no Parque do Lago, foi muito bom também. No final do ano também procuramos sair para comer fora e fazemos algumas brincadeiras. Temos mais tarefas do que momento de lazer, estamos sempre servindo, mas é prazeroso. (LAVANDA, 15/3/2019)

É nos momentos de lazer que elas procuram se libertar das “tais” atividades a elas direcionadas/impostas, na maioria das vezes, ligadas ao cuidado, à organização, à delicadeza que resultam na essência feminina da maternidade. Escolhem sair, “escapar” da louça; fazem ginástica, brincam e comemoram os aniversários. Mas não “escapam” completamente porque os padrões sociais e religiosos de ser a “serva do senhor”, estão internalizados, transformaram-se em orientações subjetivas do que ser mulher, estar mulher em sociedade e na instituição religiosa: “Temos mais tarefas do que momento de lazer, estamos sempre servindo, mas é prazeroso”. As mulheres valorizam os momentos de lazer, é importante sair daquilo que lhes é imposto como natural, revelaram a necessidade de propiciar mais tempo para atividades prazerosas e que propicie um tempo de qualidade, mais lúdico e sem as obrigações com o trabalho.

Não estamos as avaliando, mas compreendendo como as amarras dos padrões impostos pela biologização dos corpos que devem “obedecer” aos padrões não são sentidos concretamente e nem questionados, outrossim, compõem e interpõem as subjetividades femininas.

Há que se perceber a inter-relação do que elas apresentam em seu cotidiano, “contado” em suas entrevistas e o slogan da Sociedade Metodistas de Mulheres, “viver para servir”, criado no ano de 1885¹⁸, por conseguinte, permanece nos dias atuais, sem

¹⁸ Primeira Sociedade Metodista de Senhoras, no dia 5 de julho de 1885, na Igreja Metodista do Catete, Rio de Janeiro

alterações. Indica a delegação às mulheres, obrigações que a instituição pautada nos “princípios religiosos” considera pertinentes a elas enquanto sexo feminino, tais como: produzir o alimento, programar as festividades da igreja, se colocar a trabalho, embora tenham lazer, ainda que numa dimensão menor, que para elas, são momentos de grande relevância.

A principal função das mulheres na igreja ainda está relacionada aos serviços na casa, como uma extensão das responsabilidades em suas famílias. Além de visitarem àquelas que já não podem estar presentes nestas atividades, por enfermidades e/ou por outras razões. Há a reprodução dos valores patriarcais constituídos socialmente, influenciando nas divisões de tarefas conforme o que se espera de desempenho da mulher e do homem.

A Sociedade de Mulheres, pouco trabalha ou não trabalha o “Ser Mulher”, deixa um vazio nessa área, que poderia ser melhor explorado fazendo um elo com os objetivos constantes do PNM e das Cartas Pastorais da Igreja. Há muito material a ser discutido e ampliado por meio de encontros e reflexões na Sociedade de Mulheres que, provavelmente, incentivaria uma reflexão sobre a condição da mulher e seu desempenho na igreja e na sociedade.

Entretanto também existe a Sociedade de Homens no interior da igreja, contudo, nem sempre essa organização prevalece e tem uma conotação diferente da Sociedade das mulheres.

Conforme constante das normas da Igreja, a Sociedade de Homens tem o cargo e a função de evangelizar, realizar cultos, entre outros serviços que demonstram serem “mais apropriados aos homens”. Nela reforça-se papéis adequados a homens e mulheres, repete-se conceitos formados ao longo de séculos na composição da estrutura da sociedade patriarcal.

Conforme relatos, na atualidade a evangelização é responsabilidade de todas/os e os homens têm colaborado em diversas atividades nas quais as mulheres estão à frente. Não nos esqueçamos, no entanto, que os índices de participação entre mulheres e homens na igreja são bem diferentes com a predominância masculina nos “degraus” do poder, o pastorado feminino data dos anos de 1970, prevalecem as essências orientadoras dos trabalhos realizados e nas doutrinas, e Suzana Wesley é pouco conhecida e valorizada nos documentos oficiais.

A divisão de papéis determinados biologicamente e nas relações de gênero que são relações de poder e hierárquicas entre homens e mulheres, é corroborada pela Igreja. Desde o princípio, cabe ao homem o público e o social, delimitando espaços e fazeres adequados a um e a outro, conforme o gênero e tais divisões foram reproduzidas, naturalizadas, internalizadas e são de difícil questionamento.

Ademais, conforme informações das participantes, há diversos outros ministérios na igreja onde há participação mútua tanto de homens como de mulheres; citam como exemplo, ministério de visitação e assistência aos necessitados. Existem reuniões desenvolvidas em separado, há atividades realizadas em comum com a participação dos homens. Informa, ainda, que este é um tempo de comunhão e fortalecimentos de laços, consideram que os pares contribuem com maior liberdade para tratarem de assuntos ou problemas pertinentes ao grupo com um todo.¹⁹

Em geral, as mulheres expressam satisfação, realização pessoal com o casamento e com a presença de um companheiro e as participantes não apontaram o desejo de estarem sós. Parecem realizadas de acordo com o que lhe é proposto como normas: o casamento, a maternidade, a constituição familiar, respeitando uma hierarquia construída socialmente e reforçada em diversas circunstâncias pelas instituições, como nos cultos, nas festividades, nos princípios, na divisão entre Sociedade de Mulheres e Sociedade de Homens

Encontramos também, mulheres que estão enfrentando o desafio de sustentar a casa e criar os filhos/as fora dos padrões instituídos, como por exemplo, divorciadas. Uma das mulheres entrevistadas relata:

Antes de me divorciar vivia para a família e afazeres doméstico, não me passava pela cabeça que um dia eu desse conta de sustentar uma casa, que desse conta de ir ao banco e de resolver tantas coisas. Meu empoderamento não foi assim, estudando e galgando um curso superior, mas eu conseguindo trabalhar, conseguindo pagar as contas, conseguindo me virar com as coisas. (ANIS, 30/3/2019)

Anis, apesar das dificuldades encontradas, se redescobriu, voltou a estudar, foi trabalhar, enfrentou os desafios impostos por uma nova situação, se afirmou como mulher

¹⁹ Neste momento a reflexão sobre a organização de tais grupos e atividades, bem como sobre a sociedade de Mulheres e a Sociedade de Homens não será desenvolvida, haja vista a abrangência de tal composição, as imbricações nas relações de gênero e de poder, simbolicamente e por meio dos silenciamentos, percebidas.

autônoma e descobriu sua capacidade para ser a provedora da casa e cuidar dos seus, ainda que não exerça a profissão que almejava no início, a de professora. Foi necessário escolher outras prioridades, não concluiu o curso superior, no entanto declara estar feliz, em suas palavras: “a paz que sente é impagável” e reforça de uma maneira objetiva a autonomia e independência da mulher independente de ocupar cargos superiores e de destaque. Ela se sente fortalecida em sua subjetividade para vencer os desafios que a vida lhe impõe e realizar-se como pessoa.

Essas mulheres que criaram e ou ainda estão criando suas/seus filhos/as sem a presença do marido – de um homem –, superaram as adversidades, as restrições financeiras e são exemplos de mulheres de coragem, persistência e resistência diante das dificuldades cotidianas.

Segundo as entrevistadas, o ponto forte das mulheres na igreja além dos cultos, da Sociedade de Mulheres, são as células que são atividades realizadas uma vez por semana na casa de uma liderança, local onde há comunhão, oração e confraternização. Esse ambiente propicia a aproximação e interação entre as pessoas de todos os sexos e idades, fortalece laços de amizade e proporciona a aproximação de pessoas não pertencentes à igreja, por se tratar de uma reunião informal. Tem como objetivo, colaborar para outras mulheres/homens que ainda não fazem parte da Igreja, “sejam despertados/as” a participarem.

Na contemporaneidade, há diversas mulheres pastoras e estudiosas da religião, que são metodistas e se reconhecem como feministas, porém, que não pertencem a esta igreja, apesar de serem da mesma denominação. Estas fazem diferenças por assumirem uma posição que ainda é um tabu para muitas igrejas.

Através de suas pregações e divulgação de artigos, elas contribuem para uma reflexão sobre o papel da mulher, sobre gênero e outros assuntos pertinentes e atuais que a Igreja precisa considerar com outros referenciais, principalmente “valores” e “verdades” sociais que foram construídos ao longo de séculos.

Assim sendo, avançaram no conhecimento crítico e através de seus trabalhos, propagam uma religião inclusiva em uma ótica menos discriminatória e hierárquica. São religiosas/pesquisadoras/estudiosas que contribuem para dirimir conceitos estereotipados e consolidados relativos à vida das mulheres ao longo dos anos. Hoje falam com liberdade sobre o feminismo, a importância da emancipação da mulher, contribuem muito para a

reflexão de mulheres e homens, rumo a um avanço com menos desigualdade social e de gênero.

Estes termos são publicados pela revista Mandrágora, um espaço para a divulgação de artigos e reflexões a respeito de gênero e religião desde 1994, criados no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo o qual aborda diversos temas:

A Revista Mandrágora é uma publicação do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL - que desenvolve pesquisas interdisciplinares na área de Gênero e Religião, abordando temas como: Religião, Direitos Reprodutivos e Aborto; Estudos Feministas e Cristianismo; Gênero, Cultura e Religião; Direitos Reprodutivos; Religião e Ética; Religião e Homossexualidade; Ecofeminismo: Tendência e Debates; Gênero, Violência e Religião; História, Gênero e Religião; Gênero e Religião: um caleidoscópio de Reflexões; Gênero, Religião e Modernidade; O Imaginário Feminino da Divindade e Gênero, Religião e Masculinidades; Gênero, Religião e Políticas Públicas. (MADRÁGORA, 2019)

Desde os primórdios as mulheres metodistas demonstram uma posição diferenciada, mostraram serem protagonistas em muitas situações. As metodistas não deixaram as oportunidades passarem, desde Suzana Wesley no século XVIII. As mulheres que iniciaram o metodismo no Brasil se constituíram como lideranças e demonstraram sua capacidade, ocuparam o lugar dos pastores (maridos) em sua ausência, foram corresponsáveis pela fundação de diversas igrejas e responsáveis em fundar escolas Metodistas. Fato que muito contribuiu para que hoje as mulheres metodistas possam atuar com maior liberdade nos segmentos da igreja e demonstram ter uma postura receptiva a novos conceitos e padrões.

Mas vale destacar que há muito o que refletir no interior da instituição, como em outras denominações, porque ainda há a reprodução de conceitos consolidados pelo patriarcado. A conquista percebida nesta pesquisa é a de que onde há dominação, há resistências, onde o poder masculino impera, as mulheres encontram as brechas para se fortalecerem, como citou uma das entrevistadas, quando destacou que elas optam por lazer, para saírem e “escapam” das atividades impostas a elas, por serem mulheres.

CAPÍTULO II

ASPECTOS HISTÓRICOS: INVISIBILIDADE E PROTAGONISMO FEMININO

Ao olhar a história das mulheres ao longo dos séculos, constata-se que elas não foram reconhecidas nos registros teóricos como protagonistas em acontecimentos históricos e pesquisas relevantes para a humanidade ou as que foram contempladas em tais registros, ficaram às margens, como coadjuvantes. Isso não quer dizer que não tenham feito história e contribuído de maneira essencial, marcando espaços e lutando por conquistas primordiais para si assim como para a sociedade. Entre tantas, destacamos: 1) Annie Lumpkins, “ativista pelo voto feminino nos EUA – 1961”; 2) Patrícia Rehder Galvão (Pagu), brasileira, “foi escritora, poeta, tradutora, jornalista e musa do movimento modernista. Sua obra tratava da defesa da mulher pobre e criticava o papel conservador feminino na sociedade”; 3) Joana d’Arc, “a francesa que viveu de 1412 a 1431, tinha apenas 17 anos quando se tornou uma das figuras mais representativas da chamada Guerra dos 100 anos, entre a França e a Inglaterra”. Com demonstração de força e coragem liderou um grupo de aproximadamente 7 mil homens para lutar em defesa da posse da cidade de Orleans sob o controle dos ingleses. Porém, fora, queimada viva, condenada por assassinatos e heresia. 4) Maria Quitéria de Jesus, brasileira, “Ela foi militar e se tornou símbolo da resistência baiana e heroína na Guerra da Independência, travada contra os portugueses”. 5) Bertha Lutz, em 1932 lutou em defesa do voto feminino no Brasil, era Bióloga, nascida em São Paulo, foi eleita deputada e lutou pela licença de três meses para mulheres parturientes. Em tempos mais recentes destaca-se: 6) Valentina Tereshkova, “nascida em 1963, acabou se tornando a primeira mulher a viajar para o espaço”. Atuava como major – general da antiga União Soviética, entre outras atividades também era engenheira e paraquedista, marcou a sua história entrando em 2011 para o parlamento russo e atuou como deputada.

Muitas mulheres perderam a vida de maneira trágica ao lutarem por direitos primordiais. Além de terem sido excluídas no contexto de reconhecimento na construção da sua própria história, por esta ter sido registrada por homens. Em resumo, sabe-se que as mulheres “são presentes” e “estão presentes” sempre. Assim afirma Colling:

A história das mulheres é uma história recente, porque, desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes, escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres desenvolveu-se à sua margem. Ao descreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis. (COLLING, 2014. p.21)

Segundo Gebara (2010 p.142), a história foi construída pelo prisma do patriarcado, impedindo as mulheres de participarem da história oficial - conquistas territoriais, combates em guerras, revoluções e diversas outras situações e contexto - tornando-as invisíveis. Na maioria dos relatos e registros de historiadores/as, as contribuições das mulheres não foram mostradas, desapareceram como se estas não tivessem realizado ações nem a favor nem contra, como se elas não tivessem envolvimento em conquistas e/ou embates.

Muitas mulheres que eram escritoras entre os séculos XIX e XX não podiam registrar seus nomes nos livros, para que fossem lançados e tivessem lugar no mercado. Era comum usarem pseudônimos masculinos no lugar da verdadeira autora, porque à época era considerada transgressão, mulher realizar atividade intelectual. Assim afirma Tiburi:

Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Da filosofia a literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de barbárie. Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, o seu direito de dizer o que aconteceu, o seu direito de pesquisa e de memória. O feminismo se construiu a partir dessa conquista da liberdade de expressão”. (TIBURI, 2018, p. 48)

Ressaltamos que a ausência feminina em registros históricos não condiz com a realidade, porém, não lhes davam mérito, foi necessário um longo tempo de luta para alcançarem a notoriedade de hoje. Elas sempre estiveram presentes e participaram de uma forma direta ou indireta, nas mais diversas situações, contudo esses registros não foram priorizados.

Conforme relatos e registros, enquanto os homens lutavam na guerra, as mulheres, além de exercerem “suas obrigações domésticas”, uma grande parte fora para o mercado de trabalho suprir a ausência do marido e dos homens em geral; elas desempenharam as mesmas funções anteriormente realizadas por estes, no entanto essas ações não são registradas e enfatizadas como ocorrem quando são realizadas por homens. Segundo Saffioti:

Os fatos históricos indicam que não. Somente para ilustrar esta questão, evoca-se o fato de que em todos os momentos de engajamento de um povo em uma guerra, via de regra, os homens são destinados ao combate, enquanto as mulheres assumem as funções antes desempenhadas pelos elementos masculinos. Por que são elas capazes de trabalhar em qualquer atividade para substituir os homens guerreiros, devendo retornar ao cuidado do lar uma vez cessadas as ações bélicas? (SAFFIOTI, 2001, p. 12)

As mulheres exerceram funções nem sempre fáceis, porém, pela necessidade de sobrevivência – aqui considerada para além da econômica, mas também social e política – elas desenvolveram trabalhos nunca antes imaginados, contudo, com o forte senso de responsabilidade nos dois espaços, privado para com o cuidado aos seus familiares, e no âmbito público se dispuseram ao exercício de competências profissionais antes determinadas e desempenhadas apenas por homens. Elas agregaram novas atividades aos afazeres domésticos cotidianos, porém as ações das mulheres não foram destacadas e registradas nos meios de comunicação e nos escritos da história com a fiel relevância.

Nesse sentido, passa-se a construir uma verdade histórica masculina e patriarcal, acobertando a ação social, política e econômica das mulheres, fortalecendo o conceito de que estas devem atuar, principalmente, no ambiente doméstico. As novas atividades justapostas às domésticas, são complementares, sem status e sem valor econômico, portanto, são consideradas “complemento”, “ajuda”, ocorrem “por necessidade”.

Até meados do séc XIX as mulheres se dedicaram mais às funções voltadas a casa, aos filhos e serviços adjacentes, como atividades prioritárias e responsabilidade feminina, uma essência a ser respeitada e obedecida, sem questionamento, e muitas mulheres que protestaram a tal determinação de gênero, foram rotuladas de loucas, bruxas, esquizofrênicas, feministas mal amadas, dentre outros tantos estereótipos.

Ainda que para às mulheres, as oportunidades estavam mais restritas ao ambiente doméstico, elas sempre se destacaram nas mais diversas formas, através da arte, da escrita, da guerra, ou mesmo pelo simples fato de sobreviverem às labutas diárias e criarem sistemas de resistência ao patriarcado.

Através do registro desses aspectos, sabendo que existem milhares de situações parecidas pelo mundo, percebemos que as mulheres sempre fizeram parte da história, foram essenciais em diversas situações de conflitos, de lutas, de mudanças, de assistência, no entanto, foram consideradas as coadjuvantes e a sociedade de modo geral, negligenciou o seu protagonismo.

Em séculos mais recentes, vem se configurando espaços de visibilidade das mulheres tanto em instituições, movimentos sociais quanto, em âmbitos sociais, políticos, trabalhistas e religiosos²⁰. É importante salientar que essa visibilidade é uma conquista por meio da participação coletiva e política de mulheres na vida pública, em movimentos de mulheres e feministas, dentre outros. E desse movimento produziram seguridades para o reconhecimento das atuações e situação vividas socialmente. Cita-se o direito ao voto, em 1934, a punição pela violência contra as mulheres, com a lei Maria da Penha, em 2006, aspectos que não abordaremos nesse trabalho, mas que consideramos importantes para evidenciar o movimento político das mulheres, direcionado ao reconhecimento de sua existência e atuação.

Dentre tantas formas de participação das mulheres na história passada e recente, a sociedade convive com resquícios patriarcais de invisibilização de seu protagonismo. Estudos que registrem suas vozes e destaquem como elas resistem nos variados espaços sociais, é ainda relevante para este grupo, para a academia e aos movimentos sociais, bem como, para as próprias mulheres partícipes da pesquisa em andamento, aqui referenciada.

E neste caso, as mulheres protagonistas participam da Igreja Metodista, ora aceitando, ora resistindo a certas determinações sociais, sexuais, políticas, dentre outras e, somente elas podem nos dizer como se desenrola o seu cotidiano em meio aos papéis sociais a elas impostos e a sua religiosidade.

As mulheres ao se expressarem deixam transparecer a essencialidade da mulher num todo, inicialmente relevando a importância dos diversos papéis desempenhados; no

²⁰ A Igreja que faz parte da pesquisa e coordenada por uma pastora, uma realidade relativamente recente na cidade de Dourados. Esta característica será analisada durante a dissertação.

interior da casa, na criação dos filhos, nos cuidados cotidianos com a família. No desempenho de diversas profissões, assim como na contribuição financeira e também no “despertar da fé” que na maioria dos casos, são elas as primeiras a buscarem esse elo. Enfatizam, também o protagonismo que exercem na comunidade da igreja e na sociedade.

Consideramos que o papel da mulher na sociedade nunca foi fácil, construiu-se um ideal de mulher e homem, ao longo dos séculos. Ao homem o provedor, líder nato, ser sociável e responsável por desempenhar diversas atividades, principalmente, fora do reduto familiar. À mulher, em sua maioria, “sobravam” as atividades domésticas, entre elas a criação dos filhos, os cuidados com o marido e juntamente com tudo isso, uma reclusão social maior. Conforme apresenta Bourdieu:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, veem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc.
(BOURDIEU, 2002, p. 41)

Segundo o autor, os espaços de atuação e de visibilidade estavam bem delineados, aos homens, as responsabilidades relativas à destreza, força, ao movimento, atividades próprias para “seres superiores” que detinham o curso da vida cotidiana, impondo alterações drásticas à vida da comunidade, em especial à das mulheres que eram as responsáveis por tudo o que fosse escondido, baixo, invisível e vergonhoso, dentre outros atributos com teor de desvalorização. Entendia-se que cuidar de crianças era atividade que exigia pouca determinação em um “submundo” úmido onde imperava a vergonha. Vergonha de que?

De ser mulher em um contexto de liderança masculina. Em outras palavras, lugares de mando dos “machos”, sempre prontos para matar e corajosos para enfrentar as revezes da natureza humana e social. Limites e fronteiras rígidas para as capacidades de homens voltados para fora de casa, para o aberto, o iluminado, o movimento de sentidos diversos; e mulheres “confinadas” ao silêncio, ao que está abaixo e às futilidades.

Muitos questionamentos são dirigidos a este autor, por ser estruturalista e interpretado como rígido em suas concepções, colocando as mulheres em lugares inferiores e com pouca capacidade de resistência, ou seja, como se aceitassem a naturalização de sua fragilidade e “incapacidade” de questionar as normas e os valores. No entanto, compreendemos as considerações de Bourdieu (2002) de modo mais dinâmico, pois ao estarmos com as mulheres e pensando com elas sobre o seu cotidiano, percebemos que há sim, dificuldades internalizadas subjetivamente inerentes a tais “destinos”, do que se espera delas em suas rotinas, no modo de ser, de olhar, de ouvir e de falar, dentre tantas outras amarras percebidas nas entrelinhas de suas entrevistas.

Não há, portanto, uma linearidade em seus comportamentos e concepções do que é ser mulher em uma sociedade machista e misógina, com controles concretos e simbólico sobre seus gostos, desejos e corpos. Nem sempre estão “totalmente” presas aos modelos e destinação à determinadas responsabilidades, ou “libertas” para desafiar as normas e construir as resistências e rupturas.

Ao ouvir as mulheres, verificamos que para maioria delas ainda permanece o peso da responsabilidade doméstica como inerentes a sua subjetividade. Para outras, conquistaram avanços e conseguem dividir as tarefas domésticas com o marido e os filhos, mesmo assim, a responsabilidade principal continua dela, como esposa e mãe. Apresentam um cotidiano com sobreposição de tarefas, acúmulo de responsabilidades, que, em “tese” são divididas. Nesse sentido citamos a consideração de Violeta:

À mulher está em desvantagem desde sempre, ela se sobressaiu, deu a volta por cima, mas ainda assim, ela continua trabalhando fora, sendo do lar, dando conta do serviço doméstico, a mulher tem uma carga horária que nem um homem suportaria, pelo simples fato de ser mulher está em desvantagem. A mulher que dá direção as decisões da casa e o homem apenas ajuda. (VIOLETA, 10/3/2019):

Existe uma divisão do trabalho imposta pela sociedade patriarcal e mudanças se fazem necessárias, aos homens o social às mulheres o privado, ainda que elas também

participem do social (trabalho remunerado), cabe a elas o serviço doméstico como responsáveis principais. Tiburi (2018) questiona: será que as mulheres já nascem com o DNA do serviço doméstico, ou será que a elas foi ensinado a realizá-lo como algo inerente ao seu sexo? Nessa situação existem milhões de mulheres que nascem, crescem e morrem “servindo”, seja aos irmãos, filhos e ou ao marido, apenas porque são mulheres.

Conforme Nichnig (2013), para que as mulheres fossem valorizadas e reconhecidas pelo seu trabalho seria necessário que homens e mulheres mudassem seus comportamentos. Seria necessária uma mudança de cultura e romper com preconceitos instalados na sociedade, com a divisão igualitária em todo trabalho doméstico.

As tarefas domésticas ainda são concebidas como responsabilidade feminina, esta situação muitas vezes é incômoda e gera frustração e desilusão às mulheres, conforme consta a declaração de Magnólia: “[...] meu filho lava louça. Meu marido não faz nada (afazeres domésticos) e diz que é porque a mãe nunca ensinou, pois tinha sete irmãs. A culpa foi da educação, a mãe não ensinou”. Em sua maioria, são poucas aquelas que podem contar com o homem como um parceiro, sobretudo, quando se trata de tarefas domésticas.

Magnólia também não conseguiu fazer a mudança, até porque a profissão do marido propiciou reforçar a educação recebida, era viajante e não tinha oportunidade de desenvolver uma rotina em casa com a família. Nesse sentido, os costumes se “perpetuaram”/continuaram, hoje não tem mais as irmãs para realizarem os trabalhos domésticos, mas tem a esposa.

Ao mesmo tempo, em que a esposa não conseguiu mudar a realidade na qual vive e reproduziu a educação conservadora recebida pelo marido e por ela, trouxe para si a responsabilidade principal com a casa e tendo no filho apenas um ajudante, colaborador. Assim afirma Saffioti:

Não obstante todas estas diferenças, que tornam, a vida de mulher mais ou menos difícil, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino. Torna-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico a mulher. Trabalhando em troca de um salário ou não, na fábrica, no escritório, na escola, no comércio, ou em domicílio, como é o caso de muitas mulheres que costuram, fazem crochê, tricô, doces e salgados, a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação educação dos filhos. (SAFFIOTI, 2001, p. 9).

Diante disso, ainda, segundo a autora, a sociedade contribui para naturalizar o papel da mulher, como essencialmente voltado aos afazeres doméstico, relacionando esse potencial ao fato da sua capacidade de reprodução, cria elos de naturalização à mulher tanto de ser mãe como de cuidadora do lar e serviços adjacentes.

Entre as entrevistadas, uma citou que a mudança só acontecerá pela educação, desde a primeira infância, considera que deve haver uma socialização maior entre meninos e meninas, assim se expressa Bromélia:

[...] que meninos devem brincar com bonecas, “qual o problema?”, pois o ajudará a compreender o papel de pai; “ele já estará mais próximo da maternidade, não vai ser tão difícil para ele e nem para a esposa quando o bebe vier”; “e menina deve brincar de carrinho, pois ela precisa saber que um dia vai ter que dirigir. (BROMÉLIA, 8/1/2019)

Para ela, meninos e meninas devem tanto brincar juntos quanto realizarem as tarefas domésticas, pois isso leva o menino a criar um respeito pela menina e pelo trabalho da mulher. Desde pequenas, é necessário estimular as crianças para que todos participem no serviço doméstico. Ressaltou, ainda, que se há essa socialização que rompa com a hierarquia de gênero, quando adulto o homem vai participar mais ativamente das tarefas domésticas e da educação dos filhos. Hibisco corrobora:

Acho que o marido tem que participar em tudo. Meu marido em casa faz qualquer coisa. O filho já usou o termo “isso não é serviço meu, porque eu sou homem”... Me entristeceu bastante porque isso não é ensinado aqui dentro. Isso quer dizer que ele tá sendo ensinado lá fora a pensar assim. Você tá vendo o mundo lá fora? a gente acha que a coisa tá andando. Eu falei teu pai é o que? Ele é um homem, isso não tira a masculinidade dele. O pai faz de tudo, tudo que eu faço ele faz. [...] olha a idade que ele tem (adolescente), devia pensar com a cabeça aberta [...]. O filho criado vendo tudo isso acontecer... ele já me respondeu desse jeito. Onde ele ouviu isso? e achou que assim que tinha que ser? Nós mulheres ainda não estamos ganhando tudo não. (HIBISCO, 15/2/2019)

Hibisco expressa indignação, apesar do filho ter o exemplo do pai em casa e ensiná-lo a importância de participar do trabalho doméstico, este tem resistência por considerar ser específico da mulher. A participante questiona, “se eu estou ensinando em casa e ainda enfrento esse tipo de dificuldade é porque a sociedade não está ajudando”, confirmando que a sociedade permanece conservadora e há necessidade de mudar conceitos, processos educativos, valores, enfim, as transformações não acontecem somente em um âmbito, há que se criar culturas institucionais, acompanhadas de

legislações que interfiram amplamente na socialização das pessoas. Tanto Bromélia quanto Hibisco demonstram resistências às normas, às imposições, à naturalização do trabalho doméstico como feminino, assim como defendem uma postura mais igualitária para as mulheres, uma educação inclusiva aos filhos/as, que favoreça e contribua para diminuir as desigualdades estabelecidas na sociedade repercutindo no espaço privado. Estão falando, sem o uso da expressão, sobre uma educação não sexista e ampla socialmente.

Contudo, já houve avanço significativo nesta área, com pouca exceção, em quase todas as entrevistas, as mulheres declararam haver divisão de tarefas, tanto com os filhos quanto com o marido. Lavanda declara: “as tarefas domésticas são divididas com filhos e marido, entendo que todos podem contribuir na organização e manutenção das tarefas domésticas”. E Dália afirma: “em casa todos realizam o serviço doméstico, eu, minha filha, meu marido e a diarista”. Observa-se, nas afirmações dessas duas mulheres, aparecem as expressões: “as tarefas domésticas são divididas”, “todos podem contribuir”, ou seja, há o sentido de divisão de tarefa e não o de ajuda.

Parte das mulheres declararam que já conseguem dividir as tarefas domésticas e demonstram certo orgulho e satisfação frente a este avanço em suas casas, tornando o trabalho doméstico mais leve e, dessa forma, se sentem liberadas para investirem o seu tempo em atividades mais prazerosas. Magnólia e Alteia atribuem a dificuldade para a prática da divisão de trabalho doméstico à educação conservadora instituída no passado, na qual as mães e/ou responsáveis pela educação, não permitiram e nem exigiram ao “filho homem” participar das tarefas domésticas.

Destacaram o fato de, no passado, as famílias serem extensas e às meninas, desde a tenra idade, eram impostos os afazeres domésticos, deixando o filho fora dessa responsabilidade.

Entretanto, temos um exemplo muito próximo ao citado por Magnólia, porém com um desfecho totalmente diferente. É o caso de Alteia. Ela casou-se com um homem de uma família composta por diversas mulheres, como regra da família, não lhe foi ensinado a fazer os serviços domésticos. “Afinal havia tantas mulheres em casa, pra que homem ir pra cozinha e ou fazer limpeza?” Devido a isso, Alteia relata que antes de se casar tinha uma enorme preocupação, de o marido não realizar os serviços domésticos.

No entanto, declarou não ter esse tipo de problema, pelo contrário todo o serviço

doméstico é realizado em parceria, inclusive um não descansa enquanto todo o serviço não estiver pronto. Revelou que contrata diarista, ainda assim, sobra serviço para os dois. Alteia se declarou antifeminista, conforme consta no quadro 1, esta postura demonstra que independe de ter uma posição feminista ou não, há mulheres, como ela, que reconhecem o serviço doméstico como um trabalho, mantêm uma parceria com o marido e demais membros da família. Para esta entrevistada a parceria na realização do trabalho doméstico é essencial para o bem estar físico e social da mulher e com a contribuição de todos/as não sobrecarrega ninguém.

Historicamente, com maior determinação na atualidade, diante da influência dos movimentos sociais e feministas e com a saída das mulheres para o espaço público, tanto para o trabalho quanto para a política, as mulheres demonstram: consciência da importância desempenhada por elas no papel social de mulher; reconhecimento que o movimento feminista contribuiu para equilibrar as diferenças construídas socialmente entre os sexos; maior valorização como pessoas, força e autovalorização; serem mais preparadas para desempenhar diversos papéis com eficiência.

As mulheres entrevistadas também demonstraram tais percepções, com raras exceções, falaram criticamente sobre as diferenças que orientam as relações de gênero, principalmente quando se referiram à não divisão de tarefas domésticas. É percebido que há muito a se avançar na equidade de gênero e de direitos das mulheres no que tange ao espaço privado e das responsabilidades determinadas como femininas; mesmo nos lares em que há divisão de tarefas, prevalece a iniciativa das mulheres para o trabalho doméstico, ratificando a responsabilidade de dar direção às decisões cotidianas no interior do lar, aquela que “dá conta de todo o trabalho, dá conta de tudo e ainda trabalha fora”, considerações do senso comum.

Entre retrocessos e resistências as participantes destacaram com orgulho que a diretoria da igreja é exercida tanto por homens quanto por mulheres, perfazendo um percentual de 90% de mulheres atuantes na diretoria, denominada CLAM. Em todos os segmentos da igreja elas podem exercer cargos de liderança e estão exercendo funções desde que estejam aptas, expressam, ainda, que o cargo maior de liderança, o pastorado é exercido por uma mulher.

Ressaltamos que mulheres metodistas da Cabeceira Alegre, ao mesmo tempo em que exercem um protagonismo na igreja e nas suas profissões seculares, algumas são

invisibilizadas no desempenho dos serviços domésticos, dedicam-se à educação de filhos/as, quando principalmente, não podem tomar decisões no interior do lar, ainda que considerem ideais, simplesmente porque são mulheres. Ainda, que prevaleça essa orientação de maneira tão presente nas relações atuais há um protagonismo feminino sendo exercido e construído diariamente, tanto pelas mulheres que compõem a membresia quanto pela dirigente maior a Pastora da Igreja. Encontramos, também, mulheres em um movimento de reflexão acerca de suas vidas, sobre o trabalho no espaço público e privado, dentre outros temas envolvidos em seu cotidiano.

Perpassa nas relações a necessidade de transformações, ainda que as participantes vivenciam conquistas prevalece subjetivamente, a posição do homem como o líder nato e responsável principal nas decisões cotidianas, revelando a necessidade de repensar os papéis sociais da mulher e do homem, por outro prisma, que por ora é naturalizado e aceito. Embora a Igreja esteja sob a liderança de uma mulher, estas questões estão intrinsecamente naturalizadas, correspondem a um ideal bíblico e social, sem espaços concretos para questionamentos.

Mediante o exposto, dificuldades entre as mulheres para entenderem e desconstruírem este modelo hierárquico social, elas não estão satisfeitas com a ordem das coisas, mas nem sempre identificam os motivos ou os questiona. Sabemos que as marcas do patriarcado são simbólicas, subjetivas, sorrateiras, não sendo nem um pouco fácil a sua compreensão e seu questionamento.

O patriarcado é um sistema bem conhecido pelas feministas e alavanca razões suficientes para debater este modelo patriarcal de controle da sociedade através do poder do macho, construído e reproduzido há gerações, perpassando às sociedades e atua diretamente sobre as mulheres como primeira forma de sujeição, entre os diversos meios de dominação. Segundo Delphy, “o patriarcado seria uma formação social onde os homens detém o poder” (DELPHY, 2009, p. 173).

Prevalece a ordem social conduzida por esse princípio, o patriarcado reforça uma desigualdade entre homens e mulheres, designa o que é ideal a cada sexo, determina como uma essência feminina dócil, frágil, de cuidadoras, maternais. Dessa forma também se estabelece a divisão do trabalho, define e cria fronteiras rígidas entre público e privado/doméstico, determina modos de ser, de agir e de estar a cada um conforme a biologia.

Dessa maneira, a civilização (e aqui nos reportamos à ocidental) organizou seu meio de produção e reprodução, sendo o último a base deste sistema, onde parte fundamental está no controle da sexualidade humana, exercido pelo pai ou marido, sustentado e reproduzido pelo Estado sobre a mulher. Isto configura a hierarquização não só de classe, raça-etnia, como também pelo sexo ou gênero (COMIN, 2019, p. 38)

No âmbito externo, social, os espaços de mando e poder eram ocupados por homens, na figura de políticos, padres e ou pastores. Nesse universo, às mulheres restavam poucas oportunidades além das que lhes estavam determinadas por natureza, essência, sendo ricas ou pobres, permaneciam inclusas em suas casas, envoltas aos serviços domésticos e no desempenho da função de mãe e esposa. Havia algumas diferenças entre as mulheres, conforme as classes sociais. Aquelas de classes média e ou alta podiam pagar para que outra mulher realizasse o trabalho doméstico por ela, porém, mesmo usufruindo desta regalia, o ambiente doméstico era o que lhe restava na maior parte do tempo. Essa relação de contratação ainda está vigente, com uma diferença, as trabalhadoras domésticas conquistaram direitos essenciais para o reconhecimento e a normatização de seu trabalho.

Apesar disso, mulheres fugiram às regras, muito mais por necessidade do que por contravenção e ou forma de libertação. Referimo-nos às mulheres pobres, pois saíam para trabalhar independente de autorização do marido ou de um homem, até porque a maioria vivia na ilegalidade civil. Trabalhavam fora para suprir as necessidades, pois a miséria era grande. Nesse sentido, essas mulheres transformaram relações na sociedade e criaram brechas na estrutura do poder patriarcal, apesar de não fazerem parte do registro da história sob responsabilidade dos homens e quando o faziam registravam os feitos das mulheres de classe média e alta. Outrossim houve mulheres operárias sufragistas e outras que defendiam o aborto ainda no século. XIX.

Essa determinação da capacidade dos homens para o social e das mulheres ao interior, reforçou estereótipos masculinos e femininos que pouco contribuíram para oportunizar às mulheres exercerem profissões e dedicarem-se aos estudos. Nesse mundo ordenado por eles não havia o espaço para o desenvolvimento de suas aptidões e ainda eram consideradas incapazes.

A sociedade, com destaque para as instituições, Estado, família, Escola, estruturou e reforçou papéis ideais para as mulheres, entre eles, serem dóceis, prestativas, servidoras,

submissas entres outros adjetivos que colaboram para mantê-las sob controle e consolidar esses ideais como verdades absolutas. Dessa maneira reforça-se a exploração das mulheres em diversos âmbitos.

Apesar de mudanças pelas quais já passaram as organizações familiares no mundo contemporâneo, o modelo patriarcal, ainda permanece como estrutural nas relações conjugais de gênero, reforçando a desigualdades de direito entre homens e mulheres. Esta organização extrapola o interior do lar, estende-se por todo segmento da sociedade e o sistema capitalista se apropria desse conceito e contribui para a exploração das mulheres das mais diversas formas, ainda que a mais evidente para a sociedade seja a desigualdade salarial entre homens e mulheres.

2.1 Mulheres pelo olhar das Metodista da Cabeceira Alegre

Definir “a mulher” não é algo fácil, talvez passe despercebido para a maioria de nós o que somos, os nossos desejos e as formas de dominação porém, é uma pergunta necessária para essa reflexão, frente à oportunidade de ouvir as próprias mulheres – metodistas –, a demonstração de vivências objetivas e subjetivas e contribuir para criar um diálogo reflexivo sobre si mesmas e seu cotidiano.

Segundo Holanda:

À mulher nunca coube a possibilidade de pensar a própria realidade. Quem sempre definiu o que é ser mulher, como é ser mulher, como uma mulher deve se comportar, pensar e agir foram os homens. Então, o feminismo radical vai pensar a origem do que é “ser mulher”. (HOLANDA, 2018, p. 402).

As mulheres representam mais que o próprio sexo biológico sendo equivocado defini-las reduzindo aos aspectos biológicos, mas cabe considerar todos os aspectos: cultura, classe social, relação familiar, idade, as experiências vividas e principalmente a estrutura de poder que permeiam suas vidas e sua formação desde a infância. (TILLY, 1994)

As mulheres Metodistas não estão envolvidas diretamente em movimentos de reivindicação, como por exemplo, feministas e não convivem em espaços para discutir estas questões. O momento da pesquisa apresenta-se pertinente para que possam pensar sobre “ser mulher”, “ser mulher metodista” “ser feminista”, “ser questionadora ou não de

padrões, como o de mulher comportada”. Ao ouvi-las percebemos ambiguidades e, às vezes, confusões de percepções sobre conceitos relativos a elas mesmas e o seu lugar na sociedade.

Para as entrevistadas, o papel das mulheres é fundamental, consideram que elas percebem mais rápido a necessidade de todos/as da família e, com agilidade conseguem fazer diversas coisas ao mesmo tempo. Conceituam esta capacidade como de equilíbrio e força, conforme alegação de Anêmona:

A mulher na verdade é a célula motriz da sociedade, que vai fazer girar a sociedade, porque a criança que está lá, o filho que está lá, o marido que está lá, sendo um bom cidadão, fazendo todo o papel de um forma correta na sociedade, isso vem da mulher, da mulher mãe, da mulher esposa, profissional. A mulher tem uma sensibilidade, um sentido, ela sente aquilo que não é bom, o que vai ser prejuízo pra família, pra sociedade. Eu sempre me preocupei em deixar excelentes cidadãs. Porque se a sociedade está do jeito que está, isto vem de casa. Ela tem um papel imprescindível, tem um sentido de perceber o que não é bom. Se não tiver mulher, não tem sociedade, ela não desiste tão fácil. O homem pode ser mais teimoso, mas a mulher é mais corajosa e persistente. (ANÊMONA, 14/3/2019)

Outras entendem que as mulheres devem ser ajudadoras, desempenhando atividades no lar, como esposa e mãe, administrando a casa e contribuindo com o esposo em tudo. Assim expõe Begônia: “A mulher deve ser uma auxiliar do marido, mas sem deixar ser humilhada ou maltratada, deve ser e se sentir respeitada por toda família pois sempre é ela que na maioria das vezes coordena tudo dentro de casa, é a intercessora do lar”. Já Crisântemo narra: “Em casa a mulher tem que ser 50% do homem, ajudadora, mãe, companheira, provedora”.

Destarte, nos deparamos com pensamento bem ambíguos, enquanto uma vê na mulher força, percepção e capacidade, Begônia e Crisântemo, já consideram a mulher de uma forma mais secundária, esta não deve se posicionar como uma pessoa com autonomia, com iniciativas próprias e decidindo questões pertinentes corriqueiramente, porém, deve portar-se como uma auxiliar ainda que seja ela que coordena tudo no interior do lar. Reforçam a primazia das decisões e direção ao homem, no caso ao esposo. Nesse sentido, capacita-nos a entender que as mulheres mesmo no séc. XXI, após tantos avanços e conquistas, ainda demonstram conceitos e verdades construídas em séculos anteriores, vividos pelas mulheres de gerações passadas quando lhes cabiam prioritariamente o

espaço privado, lugar de realizações com o cuidado com o mover das necessidades domésticas.

Outras mulheres metodistas entrevistadas consideram que a mulher é primordial na sociedade e contribuem para um mundo melhor. Acham triste o fato de a mulher ser alvo de feminicídios tão frequentes. Sobretudo, relevam que as mulheres têm alcançado lugares maiores, nesse sentido Tulipa citou: “que a maior fonte de pesquisa do mundo atualmente tem a liderança feminina”.

Para elas, as mulheres desenvolvem um papel importante na sociedade no sentido de construir, reconstruir, mudar conceitos e de se reafirmar como pessoas políticas. Colocam-nas como fortes e frágeis ao mesmo tempo. Retratam a mulher como multifacetada, conseguem desempenhar qualquer função desde que tenham sido preparadas. Ainda as concebem como pessoas determinadas, aquelas que fazem as coisas funcionarem. Nesse sentido Iris afirma: “[...] precisa do homem pra executar muitas coisas, mas a funcionalidade vem da cabeça feminina”.

Assim as mulheres vão elaborando a sua percepção do que é “ser mulher”. Anis a vê como: “Lutadora que precisa enfrentar os desafios do dia a dia de cabeça erguida, jamais desistir dos objetivos”. Também tem àquelas que a consideram forte, como declara Peônia: “A mulher é o ponto forte na família, na igreja e na comunidade”, sendo a palavra “forte” com o sentido de alguém que não desiste fácil, é persistente. Violeta descreve a mulher como sobrevivente e lutadora: “sobrevivência, superação, autorrealização, força, luta contra a violência doméstica e emocional. É luta pra fazer valer os seus direitos...”. E há aquelas que internaliza a mulher como alguém voltada ao espaço privado, da casa, e leva sua vida de maneira tranquila e respeitando as diferenças. Assim alega Lavanda: “Eu acho que se ocuparmos o nosso espaço na sociedade sem agredir ou invadir o espaço e opinião de outras pessoas tá tudo certo”.

Outra participante considera que nos dias atuais e nas condições desta sociedade, não está sendo fácil ser mulher:

Porque os homens estão muito machistas, cada dia estão matando muitas mulheres e no final do relacionamento sobra tudo para a mulher, a responsabilidade com os filhos e o sustento, e o homem fica livre, numa boa, encontra outra e pronto e quando paga pensão é pouca. (MAGNÓLIA, 15/1/2019)

Essa mulher traz a percepção da violência sofrida pelas mulheres, tanto física

quanto emocional, recorrente nos dias atuais, bem como a dificuldade financeira que (pobres sobretudo) enfrentarem o término de um relacionamento ao ter que arcar com a responsabilidade econômica e educacional para com os filhos/as, muitas delas não recebem a contribuição obrigatória dos ex-maridos e/ou quando ocorre não é o suficiente. Magnólia expressa, ainda, que na maioria das vezes a prole fica sob a responsabilidade da mulher não tendo mais o companheiro para dividir essa responsabilidade, sobrecarregando-a em todos os sentidos.

Há mulheres que demonstraram estarem mais felizes ou menos felizes, algumas sonhadoras e outras realistas, e também, mulheres que reconhecem a sua relevância e a beleza de trazer a vida, conforme declara Prímula: “Na sociedade temos muitos papéis importantes, e o maior deles é o poder de reprodução da mesma. Somos essenciais para a vida da sociedade e evolução dela”. Há aquelas que colocam as mulheres como potencialmente capazes de fazerem mudanças sociais e políticas, assim expressa Dália:

Papel da mulher é muito importante, o de construir, reconstruir, mudar conceitos, o de reafirmar como pessoa política, capaz., frágil e forte ao mesmo tempo. É um direito da mulher, e hoje a sociedade até cobra isso dela porque ela é capaz de desempenhar qualquer função uma vez que tenha se preparado para isso. (DÁLIA, 20/4/2019)

Há mulheres confiantes e que valorizam as suas potencialidades conforme Lavanda afirma: “A mulher tem uma visão mais alargada, consegue detectar um problema ou situação a ser resolvida mais rápido”. Estão representadas em todas as categorias conforme aponta Coreópsis: “Mulher na sociedade é tudo, são mães, professoras, advogadas, juízas em tudo a mulher está”. Segundo Begônia as a mulher é vencedora e cheia de fé: “Ser mulher atualmente é ser lutadora, enfrentar os desafios do dia a dia de cabeça erguida, se manter firme na presença de Deus pois é o único que pode nos ajudar, jamais desistir dos nossos objetivos”.

Para Alteia, as mulheres estão incluídas em todas as esferas, do familiar à profissional: “Educadoras das famílias e elo de ligação da família. Forte profissionalmente, sábia”. Enfrentam dificuldades se realizarem profissionalmente, realizam a dupla jornada que sempre é um grande desafio conforme Bromélia expõe: “Acredito ser muito difícil ser mulher na sociedade atual pois assumimos a carreira profissional sem deixar de lado a maternidade e deveres domésticos que depende de cada

realidade ser um fardo ou não a condição de ser mulher”.

E há aquelas que veem as mulheres com um certo pessimismo como declara Tulipa: “a mulher só é vista pela sociedade nos últimos tempos diante de acontecimentos e casos de feminicídios, porém, buscam por conquistas de forma vulgar, assim envergonhando a classe feminina e perdendo o pouco respeito que tem diante de todas”. Entretanto, existem mulheres esperançosas como Alfazema expõe: “[...] a mulher deve ter oportunidades de estudos, empregos e de salários melhores”. Dália reforça: “direitos iguais, divisão de tarefas e de despesas”.

Há mulheres que se incluem como Anis: “[...] o papel da mulher é importante, pois além de atividades do dia a dia ela tem que dar sua opinião, ser parceira, tanto financeira como ao que se relaciona com o contexto familiar”. E Crisântemo expõe: “Como mãe é quem luta por eles, faço tudo por eles”. Mulheres usufruindo de conquistas, conforme registra Hibisco: “Hoje vemos a mulher no mercado de trabalho de uma forma diferente de alguns anos atrás, com liberdade e autonomia”.

E por fim, mulheres que são mães e amigas, sem se desprender de papéis assimilados como destaca Anêmona: “Em casa hoje os pais estão sendo amigos demais e pais de menos. Eu sempre procurei ser amiga das minhas filhas, mas primeiro eu tenho que ser mãe, conforme as regras são obedecidas e acatadas, aí sim. Sabe aquele negócio primeiro o dever depois o lazer”.

Conforme exposto as mulheres concebem a relevância de seus múltiplos papéis e importância na sociedade e no interior do lar, ressaltam os potenciais e as fragilidades, casadas ou divorciadas externam que desempenham com maestria a função de mulher, mãe, esposa e profissional, sem questionar muito os papéis e funções a elas delegados. Ao mesmo tempo em que se definem com tantos adjetivos qualitativos, é quase extinto questionamento sobre a construção social do “Ser mulher” e aparentemente o concebem como algo natural.

Destacam que ainda há muito a ser feito, e através das lutas de muitas mulheres, conquistas ocorreram e confiam em estratégias futuras que contribuam para extinguir a violência contra a mulher, assim como maior respeito e valorização desta.

Através das diversas expressões percebe-se que as mulheres têm a percepção dos papéis que realizam e ao mesmo tempo, esperados pela sociedade o de: “mulher profissional” e de “mulher dona de casa”. Elas assumem as tarefas para cada um desses

papéis conforme a função social que lhes cabe, que é de sua responsabilidade e até de certa obrigação por serem mulheres.

Tais assimilações conformam ou desestabilizam as subjetividades que direcionam para uma realização em “servir” na Igreja Metodista da Cabeceira Alegre. Uma missão considerada como um alívio ao peso de ser mulher por isso não foram apresentados por elas, caminhos de resistência para resolver e ou amenizar essa situação, ainda que algumas demonstrem que a mulher está envolvida num universo de muitas responsabilidades.

2.2. Papel Social do Homem por meio das vozes de Mulheres Metodistas

De forma geral, porém com exceções, as mulheres entendem que o homem deve ser “o cabeça na família”, com um papel essencial para que as relações sigam saudáveis. A maioria definiu o esposo como o sacerdote do lar; assim como Cristo foi o cabeça da Igreja o homem deve ser o “cabeça do lar”. Nesse sentido, deve ser o maior contribuidor para com a educação dos filhos/a, deve amar sua esposa e propiciar para que não “falte nada em casa”, uma vez que ele deve ser o responsável principal em suprir o necessário para a família. Assim sendo Begônia declara: “O homem deve ser o cabeça, aquele que se preocupa em manter a família, que respeita sua mulher e seus filhos que procura manter o bem-estar de toda a família, deve ser íntegro e temente a Deus”. Coreópsis definiu o homem como aquele que deve proteger a mulher e a família, assim expressa: “O homem é o líder do lar o que trabalha para manter o seu lar e cuidar da sua família e proteger”. Lavanda segue os princípios bíblicos e vê o homem como: “É o sacerdote, a unção está sobre a vida dele”. E Alteia não foge muito dos estereótipos já mencionados, deposita no homem (esposo) toda confiança, inclusive a de cuidar de suas emoções. Assim declara: “Provedor, cuidador das emoções, limites e finanças”.

Conforme exposto a visão da maioria das metodistas em relação ao homem, permanece a mesma do princípio do metodismo, sem alterações, mesmo em pleno séc. XXI.

Por outro prisma, determinadas mulheres demonstraram uma visão diferenciada e declararam que o homem tem um papel fundamental na família e deve ser mais ativo em todas as atividades, desde a educação de filhos ao relacionamento com a esposa, assim

como participar dos pormenores do cotidiano. As mulheres consideram tais mudanças em construção e serão favoráveis a todas as pessoas. Sendo assim Bromélia declara: “O papel do homem já não é o mesmo, como por exemplo apenas gerar renda para sustentar a família em contrapartida o mesmo participa efetivamente em quase todas as questões que envolve a família. Contudo o homem ainda tem muito a crescer nesta área”.

É importante observar como a mulher questiona as responsabilidades do homem no contexto familiar, afirma não ser ele mais apenas o provedor, e por isso tem desafios a enfrentar através das mudanças que a contemporaneidade trouxe à família; considera que o homem ainda tem muito para aprender e este participa mais efetivamente das questões pertinentes a família, porém não completamente.

Esse relato nos leva a pensar, porque ela diz: “em quase todas as questões”, não é enfática para dizer em “todas as questões”. Percebe-se certa insegurança desta mulher e nos incentiva a pensar: será que ele daria conta de envolver em tudo? Dividiria igualmente as tarefas? Teria habilidade necessária? Analisamos essa situação como valores construídos e consolidados de geração em geração, valores transmitidos de mãe para filha.

No entanto, há uma resignificação de obrigações, os valores estão abertos a mudanças, especialmente quando a mulher fala sobre a consciência de que “o homem ainda tem muito a crescer” e “eu espero por isso”. Foram apresentadas, a esperança, a confiança, a percepção de que deve haver mudanças e estas são necessárias para que possamos viver melhor, dirimir as diferenças e lutar pela equidade de gênero.

Algumas mulheres consideram que determinados homens ainda não alcançaram patamares ideais, não apenas no interior do lar, mas na vida em sociedade. Anêmona: “O homem deveria ter um papel de mais ousadia, mais coragem, mais honestidade. O homem ele é fraco, é muito Sansão, quando fica alguém na orelha dele é difícil não cair e não ceder e são um bando de frouxo”.

Nesta perspectiva, há uma demonstração de decepção e frustração em relação a atitudes de certos homens e espera deles, ousadia e atitudes mais coerentes e honestas em relação as suas responsabilidades, sem se deixar levar pelas pressões da vida. Destarte, todas as entrevistadas concordam que o homem tem que contribuir de maneira eficaz com os serviços domésticos. Assim declara Iris: “Os dois trabalham fora e os dois trabalham em casa também” e Violeta, “O papel do homem em casa é tão importante quanto o da mulher, cada um desempenhando suas habilidades”.

As mulheres aguardam que os homens sejam participantes em todas as áreas como declara Alfazema: “Ajudante na casa, seja na educação dos filhos e também como provedor”. A maioria das declarações das mulheres tem pontos em comum quando se trata do que esperam de seus esposos. Crisântemo, declara: “Companheiro da esposa e dos filhos, provedor, contribuir nas tarefas domésticas”.

Elas ponderam que ainda há muito machismo nas relações atuais e avaliaram como péssimo, há uma rejeição unânime nesse sentido. Para a maioria das mulheres, é explícito o papel do homem cristão e o que elas esperam deles. Entre as mais diversas declarações especificamos a de Peônia: “O papel do homem é muito importante, ele foi escolhido por Deus para ser o sacerdote do lar, educação dos filhos, as responsabilidades da família, na vida financeira da família”.

Em quase todas as definições consta o marido como “provedor”. Assim expressa Prímula: “Provedor, coluna, administrador, pai e esposo”. Observamos que mesmo se autodeclarando feminista Prímula tem como ideal de homem conceitos de enaltecimento, colocando-o como superior e capaz para desempenhar a liderança no lar. Este conceito também é reforçado por Dália: “O homem tem que ser o provedor”.

Transparece, na maioria das declarações, as expectativas dessas mulheres quanto ao ideal em um homem logo, o esposo. Há, ainda, uma expectativa de que ele desempenhe um papel conforme o previsto e aprendido através das escrituras bíblicas e da vida. Essas mulheres criam a expectativa de os maridos serem sacerdotes no lar (instruindo acerca da palavra, orando e exortando), e contribuam diretamente com a educação dos filhos/as, sejam provedores do bem-estar físico e social da família, bem como proteja os aspectos tanto emocional como religioso.

Os modelos e padrões construídos no passado permanecem sem grandes alterações, ao menos no ideal dessas participantes, reforçando que a mulher ainda se coloca como a pessoa a ser protegida, cuidada, amparada e sustentada pelo marido.

Dentre as 17 participantes da pesquisa, apenas duas não estavam atuando no mercado de trabalho formal, apesar de desempenharem atividades em casa e agregarem renda, mantêm valores e expectativas a respeito do casamento construído e consolidado conforme os princípios patriarcais.

Além de todas essas expectativas, almejam que os homens/maridos contribuam com o serviço doméstico, dessa maneira, seriam verdadeiros companheiros de suas

esposas e colaborariam para que a família seja saudável, feliz e próspera, seria um desempenho exemplar tanto no contexto familiar, quanto social. Anis diz: “O papel do homem é importante também, não só sendo o provedor, mas também participar de todo o contexto diante dos problemas e soluções para esses”.

As mulheres anunciam aquilo que concebem como ideal, conforme Tulipa: “Não só ser provedor do lar, mas também tem que ser responsável pela educação dos filhos e contribuir com a mulher para ter um relacionamento bom e saudável”. Segundo declarações, são ideais aprendidos socialmente e reforçados ao longo da “caminhada de fé” através das escolas bíblicas e demais ensinamentos constantes. As suas concepções transitam entre os aprendizados ao longo da vida e os da Igreja, através dos ensinamentos bíblicos concretizados por meio de variadas atividades e convivências.

Ao mesmo tempo em que os homens parecem ter o privilégio de serem reconhecidos como lideranças no lar, têm uma responsabilidade inerente de corresponderem ao que deles se espera, um conjunto de desempenhos e responsabilidades dentro e fora de casa. Aos poucos, com o avanço das entrevistas, surgiram as expectativas de “homens ideais no meio evangélico” e conforme o exposto, é um grande desafio para eles também.

2.3 Algumas evidências femininas: no trabalho, na casa e na igreja

A pesquisa, como já foi dito, privilegiou ouvir mulheres evangélicas para o registro de suas histórias, investigar como concebem a si mesma no diálogo com a religião e os feminismos, entre outras informações pertinentes ao seu cotidiano, convívio social, no trabalho e na família. Como registrou Spivak:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2010, p. 119)

Segundo a autora, as mulheres são arremessadas violentamente ao deslocamento de sua figuração, pode-se dizer em objetificação das mulheres que transitam entre a tradição e a manutenção de valores sexistas e machistas e a “modernização”, que chamaríamos de rupturas de padrões patriarcais.

Imaginemos o cotidiano de mulheres dedicadas a alguma denominação religiosa, como se colocam no entrelugar neste cenário de poder masculino?

As mulheres metodistas entrevistadas refletem sobre a sua condição social e de outras mulheres, sabem da importância do papel que lhes compete, seja dentro ou fora da casa, mas continuam correspondendo ao esperado delas e ampliam as expectativas em relação aos homens.

A maioria delas estudou, exerceram ou exercem uma profissão fora do ambiente doméstico, outras no interior deste espaço, e também estão envolvidas, ou melhor, exercem ministério (trabalho) na Igreja. Ademais, estas mulheres expressaram o seu papel da seguinte maneira. “[...] sobrevivência, superação, autorrealização, força, luta contra a violência doméstica e emocional. É luta para fazer valer os seus direitos...” (Violeta). Diante do exposto, Violeta está envolta a uma postura de superação e força ao mesmo tempo em que precisa se auto realizar e lutar contra as violências.

Lavanda define a mulher como: “[...] aquela que tem uma visão mais alargada, consegue detectar um problema ou situação a ser resolvida mais rápido, nós mulheres temos essa visão...”. Bromélia menciona: “Acredito ser muito difícil, “ser mulher”, pois assumimos a carreira profissional sem deixar de lado a maternidade e deveres domésticos que depende de cada realidade ser um fardo ou não a condição de ser mulher na sociedade atual”. Contudo expressa a dupla jornada que a maioria das mulheres trabalhadoras exercem e cabe a esta saber posicionar-se na sociedade de forma trazer mais leveza a sua rotina diária.

Para Anêmona: “A mulher é essa força motriz da sociedade, ela deve ter o lugar dela na sociedade, lugar de poder de honra em um lugar muito especial, sem ela a sociedade não girava”. Nesse sentido, as mulheres de colocam em lugares de valor, demonstram o quanto são essenciais para sociedade.

São notáveis as expressões pontuais das metodistas, exaltam as diversas qualidades das mulheres, apresentam-as como pessoas fortes, determinadas, lutadoras, pessoas de visão, superação, poder entre outros adjetivos. Palavras que se ressoam carregadas de sentimentos e determinação, ressaltando o valor social, a importância, a força que exercem e, principalmente, a relevância de seu papel, tanto no interior da casa, como na igreja, estendendo-se à sociedade.

Para as entrevistadas, a mulher é detentora de sabedoria, de força, de sensibilidade, é uma lutadora, além de profissional que tem que saber lidar com a jornada dupla, elas traduziram o desempenho de sua função como algo essencial na família. Registraram ainda, a necessidade de lutarem para o reconhecimento de seus direitos. Nesse sentido elas se colocam como protagonistas no seu cotidiano com a preocupação de ocuparem lugares mais altos, de destaque em outros segmentos da sociedade.

Registramos a declaração de Crisântemo: “[...] não consigo imaginar um homem criando os filhos só, acho que isso não funciona, não vai dar certo. Pois é a mulher que tem mais sensibilidade, que consegue perceber as necessidades e tem mais condições de contribuir com a orientação dos filhos/as”. Assim como Crisântemo, as mulheres compreendem o seu valor e a capacidade de realização em diversos âmbitos sociais, há registros da desigualdade que prevalece ao pensarem no desempenho – melhor ou pior – de papéis atribuídos historicamente a cada um, uma determinada competência da mulher e do homem. Nesse sentido Violeta narra: “[...] o homem é bom para administrar as finanças mais a casa quem administra é a mulher”. Em resumo, inconscientemente, reforçam as responsabilidades quase como exclusivas para os homens e para as mulheres e assim reforçam invisibilidades sobre elas e atribui a elas poderes da condução da família.

As mulheres se reconheceram como mais sensíveis, aquelas que percebem a necessidade do outro/a, a mais preparada para educar os filhos/as. A elas, segundo as entrevistas citadas, parece ser inconcebível admitir que um homem possa realizar determinadas tarefas, como por exemplo, “criar um filho só” [sic. sozinho] considerando-o mais apto às finanças.

Os conceitos construídos e ratificados como “ideal de homem e de mulher” se reproduzem e ganham lugar nesse meio religioso – não muito diferente de outros espaços sociais –; confirmam-se os estereótipos construídos ao longo de séculos, consolidando a ordem social, as relações sociais de dominação e de exploração como algo natural entre gêneros, relevando a importância do homem, este deve estar à frente para a tomada de decisões. Percebe-se que algumas mulheres concebem e acreditam nesta construção social.

Conforme os registros citados, verifica-se a consolidação do papel dos homens e das mulheres, confirma-se a reprodução instituída na ordem hierárquica relacional,

homens sabem lidar com dinheiro, mulheres são boas donas de casa e educadoras de filhos. O homem é bom para determinadas coisas e ou determinados papéis, não para todos.

Essas concepções fazem parte do mundo subjetivo de cada uma, ainda que estas mulheres se considerem pessoas eficazes, capazes, eficientes, há uma ordem subjetiva construída ao longo de décadas intrínseca nas relações e criam e recriam expectativas cada vez mais exigentes para com os homens.

Apesar do avanço ocorrido em algumas relações atuais, nas quais os homens estão mais inseridos nas atividades cotidianas da casa, nas divisões de tarefas domésticas e atuam diretamente na educação dos filhos, ainda predominam os conceitos construídos ao longo do tempo. São perceptíveis inseguranças e “quase” uma certeza de que o homem “não dá conta de desempenhar com eficiência determinados papéis”. Representações estas que reforçam, instituem e, acima de tudo, naturalizam papéis para homens e para mulheres, hierarquicamente em uma relação de poder.

Através dos relatos de algumas mulheres, detectamos o quanto elas se colocam em posição de mulheres valorosas, decididas, essenciais, inteligentes, capazes, fortes, tudo isso aliado a uma fé forte e inerente em seus cotidianos. Ao se colocarem como essenciais na educação dos filhos, elas internalizaram que esta é a forma “ideal”, tomaram para si a responsabilidade que poderia ser dividida; reproduzem o poder patriarcal consolidado em sua subjetividade ao longo da vida e no sistema cultural, sem questionamentos. Assim nos mostra Parsons, T. (1969, p. 28): “A manutenção e os compromissos de valor de um indivíduo ligam-se, finalmente, ao sistema cultural, sobretudo na medida em que este se inter-relaciona com a sociedade através da religião”.

As mulheres não só “professam a fé”, segundo as entrevistadas, mas a fortalecem dia a dia com compromissos na Instituição, através de diversos ministérios (trabalho), entre eles, citados em entrevista: “[...] ensino na célula, vice tesoureira, procuradora da Igreja, líder de célula, professora dominical, membro do CLAM (Coordenação Local de Ação Missionária), entre outros”. Demonstraram estarem felizes em suas realizações ministeriais e atribuíram esse trabalho como um retorno e contribuição das bênçãos que recebem, assim como um dever do cristão. Não há remuneração dessas atividades, são voluntárias. Igualmente, é notável a capacidade das mulheres em desenvolver os mais diversos cargos, além de conciliarem as atividades seculares. A atuarem na Igreja, estendeu seu lazer das casas, visto que nela continuam a exercer funções de cuidadoras.

As metodistas entrevistadas exercem suas profissões regulares e o serviço doméstico, pois quase todas declararam não contratarem diarista e nem mensalistas, além de se envolverem em atividades voluntárias na Instituição religiosa. Configura-se, não apenas uma jornada dupla, porém, tripla de trabalho. Em nenhum momento houve reclamações acerca de seus compromissos, para elas é importante a colaboração na Instituição, além de que, algumas reforçaram ser, estas atividades como essenciais em suas vidas. Ao se ocuparem com as atividades da Igreja, se sentem importantes, socializadas e realizadas, mais do que com as profissões seculares que exercem.

Todas as mulheres entrevistadas externam a importância da contribuição de todos/as membros da família no serviço doméstico, a maioria confirma ter divisão de tarefas em casa, tanto com filhos/as como com o marido e consideram essencial a participação de todas as pessoas nos afazeres domésticos.

Ao responderem sobre os serviços domésticos, há as que declaram exercerem com carinho e zelo e a importância da contribuição do marido; aquelas que têm essa contribuição expressaram inclusive, como um orgulho e uma conquista. Outras, definiram as atividades domésticas como um serviço maçante e repetitivo, ingrato, ninguém valoriza, não é remunerado. Uma delas deixou transparecer a frustração de não conseguir dividir as tarefas e o descreve como um “fardo”.

Dentre as mulheres, muitas avaliaram como relevante o trabalho fora do âmbito doméstico, tanto por uma realização profissional, quanto pela independência financeira, pode melhorar a autoestima da mulher e a tornar mais respeitada. Assim se expressa Anêmona: “[...] é importantíssimo nos dias de hoje a mulher trabalhar fora, pois ela não tem segurança em depender de alguém, já não é como antes que os homens tinham a obrigação de sustentar a casa”. Ela evidencia que as mudanças chegaram a todas as pessoas independentemente de classe e religião e, nos dias atuais, a mulher deve ter uma profissão.

Elas ressaltam, ainda, a contribuição financeira produzida por esta atividade, além de gerar independência econômica, propicia melhor poder aquisitivo para a família. Ao adquirirem o seu próprio salário conquistam autonomia, entretanto, sempre há contribuições financeiras com as despesas da casa e na maioria dos casos há uma divisão das despesas do lar. No entanto, algumas destacaram que a responsabilidade principal com o orçamento da casa recai sobre o marido, mesmo que a esposa tenha um percentual

salarial maior, configurando o processo hierárquico instituído em seu modelo de vida através da orientação bíblica do homem ser o provedor.

Registramos também relatos de mulheres com uma independência maior, ainda que involuntária. Uma delas assumiu, na maior parte do tempo, toda a responsabilidade da casa e da educação dos filhos, aliás, de três filhos. Segundo ela, teve que ser o homem e a mulher, contudo, afirmou que a ausência do marido fez falta, pois tudo ficou sob seu encargo, consolidando uma sobrecarga, desde lidar com pedreiros, a ir ao hospital para ter bebê, considera que foi difícil assumir toda responsabilidade sozinha.

Enfatizou que tudo isso só ocorreu devido à profissão do marido (caminhoneiro), contribuindo para ausentar-se por muitos dias de casa. Demonstra certo descontentamento, pelo fato de o marido ter sido ausente, ainda que fosse pela responsabilidade do trabalho e ratifica ter sido penoso assumir tudo sozinha. Em nenhum momento diz sentir-se satisfeita pela liberdade em poder decidir e fazer as coisas do jeito dela. Demonstrou que as mulheres não querem estar só em suas lutas diárias, porém, considera a participação efetiva do marido no dia a dia, importantes e primordiais.

Por fim, as mulheres metodistas da Cabeceira Alegre consideram o casamento, a presença masculina, os preceitos religiosos, a família, como princípios fundantes de suas vidas, desejam conquistar e ampliar direitos, se reconhecem com direitos, esperam dividir igualmente o serviço da casa, no entanto, na essência os valores patriarcais ainda prevalecem, entre recuos e avanços. Os caminhos são longos, não estão prontos e não estarão, pois são feitos aos caminharos.

CAPÍTULO III

FEMINISMO É PARA MULHERES EVANGÉLICAS?

Inicialmente apresentaremos reflexões sobre a vida de mulheres metodistas, se elas consideram suas práticas no meio evangélico como feministas ou outras práticas não feministas, mais ou menos críticas, com perspectiva de ruptura ou de reprodução de comportamentos.

Faremos um breve relato sobre a caça às bruxas e suas razões. A intenção é trazer à memória das/os leitoras/es a situação de vida das mulheres no passado e despertar a importância das conquistas e dos avanços que muito contribuem para que, na atualidade, as mulheres usufruam de direitos e liberdade que outrora era impensáveis.

Falar sobre feminismo no meio evangélico não é algo comum, ao menos nesta comunidade da cidade de Dourados, há resistência e aceitação. Entretanto consideramos conveniente relatar sobre o tema partindo delas mesmas, de suas vozes e perspectivas, por meio de entrevistas, com destaque para alguns trechos.

Para finalizar este capítulo, o machismo será o foco da análise e discorreremos sobre emancipação e submissão no meio evangélico de acordo com as considerações das mulheres que vivem um cotidiano permeado por princípios bíblicos.

3.1 Feminismos: conceitos e práticas

No século XVI a perseguição contra às mulheres, com o pressuposto de serem bruxas, loucas e insanas, justificou a tortura e morte de milhares delas. Conforme registros históricos, as perseguições justificaram mudanças econômicas e relações de poder, uma vez que elas foram consideradas e/ou “colocadas” como “a parte dominada e inferior”, desconsideradas em sua força e capacidade de atuação em espaços dominados unicamente por homens.

Conforme Alves e Pitanguy²¹: “Existe, nesta perseguição as “feiticeiras”, um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem: a mulher, tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam

²¹ Esta e a próxima citação serão reescritas/interpretadas e registradas como citações indiretas.

espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino. (ALVES; PITANGUY, 2007, p. 21)”

As autoras destacam como os poderes discursivos foram reforçadores de saberes e poderes. Olhando para o passado, constatamos a estrutura do patriarcado tomando forma e no presente enraizado e o inimigo a ser combatido. Como descrito abaixo, há uma combinação entre os discursos médico e religioso, pautando o poder masculino retirando das mulheres o poder de cura transversalmente construído entre as crenças e os conhecimentos tradicionais.

O discurso médico vai de par com o discurso religioso no que se refere a tal perseguição. A medicina, neste momento, passa a instaurar-se como uma instituição masculina que advoga o monopólio do saber e do poder de cura. E o advoga sobretudo pela perseguição à prática feminina do trato com ervas e do atendimento aos partos. Era a mulher curandeira e parteira, secularmente encarregada da saúde da população, o principal concorrente a ser eliminado para o estabelecimento da hegemonia da medicina. (ALVES; PITANGUY, 2007, p. 22)

Nesse cenário, a caça às bruxas coincide com o período em que o conhecimento popular prevalecia sobre científico. As mulheres detinham o conhecimento popular de cura e atuavam como parteiras e curandeiras, por isso era preciso exterminar quem usava dessa prática. Assim, aliada a Igreja surge a Inquisição, que perseguiu e exterminou milhares de mulheres, usando o pretexto de bruxaria, quando na verdade elas eram as detentoras do conhecimento popular, e muito já haviam contribuído com a sociedade em tempos em que a medicina era escassa.

Pós Idade Média, as resistências femininas, que sempre existiram, se ressignificam mais organizadamente com objetivos concretos de melhoria das condições de vida das mulheres e o reconhecimento de sua capacidade de exercer diferentes profissões e com direitos básicos como o de estudar, terem acesso aos bens, à herança, poderem comercializar o resultado de seu trabalho e tantos outros pelo quais lutamos até hoje. Muitas mulheres perderam suas vidas pelo simples fato de reivindicarem direitos e o reconhecimento de suas potencialidades, capacidades, e autonomia, questionando historicamente o lugar de subordinação pretendido pelo patriarcado.

Não há a intenção neste momento, de descrever todos os períodos históricos, com seus respectivos avanços na luta das mulheres por seus direitos. Optamos por destacar a

Idade Média porque a consideramos como uma raiz que alicerçou a força motriz para os séculos posteriores.

Dessa raiz, se fortalecendo por séculos, podemos trazer o Feminismo à discussão. Um movimento falado, vivido e divulgado amplamente, mas nem sempre compreendido e aceito diante da sociedade que se recompõem perante interesses, cenários políticos, econômicos e religiosos. Os avanços e recuos desse movimento são permanentes, e continuarão sendo, pois a sociedade é multifacetada, em transformações constantes e inesperadas.

Há períodos de maiores conquistas ou de perdas, mas sempre haverá a reivindicação de direitos ainda não alcançados como, por exemplo, a diminuição de desigualdades impostas e construídas por séculos pautadas, dentre outros motivos, na imposição de modelos e orientações baseados na biologização dos corpos e das mentes. Segundo Johnson:

Feminismo pode ser definido por duas maneiras principais. No sentido mais restrito é um conjunto complexo de ideologias políticas usadas pelo movimento feminista para promover a causa da igualdade das mulheres com os homens e pôr fim à teoria sexista e à prática de opressão social. [...] constitui uma grande variedade de enfoques usados para observar, analisar e interpretar as maneiras complexas como a realidade social dos sexos e a desigualdade entre eles são construídas, impostas e manifestadas, desde em ambientes institucionais mais vastos aos detalhes do dia a dia da vida das pessoas. (JOHNSON, 1995, p. 109)

Conforme consta, o movimento feminista se constitui na defesa dos direitos sociais, políticos e sexuais das mulheres, questionando as desigualdades e reivindicando políticas públicas de saúde e de assistência, conduz reflexões de diversas teóricas feministas no âmbito acadêmico e demais dimensões sociais.

O feminismo pode ser considerado e compreendido como ondas que referem-se a periodização do movimento, sem, no entanto, considerá-las com fronteiras rígidas, no entanto esse movimento não ocorre simultaneamente em todos os países, há uma variação de tempo, assim como em alguns países nunca ocorreu e nem tem perspectiva que ocorra, a exemplo dos países orientais. A Primeira Onda decorre entre o final do século XIX e início do século XX, com destaque, nesse cenário, de mulheres das classes médias e altas vinculadas às áreas de humanas e psicanálise, tendo como obra inspiradora o livro de

Simone Beauvoir “O Segundo Sexo”. Esse período não foi marcado por um avanço significativo no aspecto de liberdade das mulheres, o objetivo eram outras conquistas.

No Brasil um dos marcos desse movimento foi a conquista do voto feminino, aprovado em 1932 em alguns estados e 1934 promulgado em todo o país. Uma das precursoras no Brasil foi Berta Lutz, bióloga e cientista, dentre outras mulheres com certo poder econômico e influência política. Elas representavam a elite e não se voltavam às melhorias na qualidade de vida das mulheres das classes trabalhadoras.

Já no feminismo de Segunda Onda, há um avanço nas reivindicações voltadas ao corpo e à sexualidade, ou seja, aspectos mais subjetivos e, conseqüentemente, há a ampliação do movimento e de grupos envolvidos em prol do fortalecimento de identidades. No Brasil, a Segunda Onda coincide com o período da Ditadura Civil Militar. Com a repressão a atuação das feministas se restringe, de certa forma, aos exílios forçados, porém ainda assim houve muitas lutas. As feministas exiladas tiveram contatos com o feminismo europeu e em 1979, se constitui no Brasil o Movimento Feminino pela Anistia, de primordial importância.

Posteriormente, as reivindicações se estruturam em torno da ampliação dos direitos das mulheres em âmbitos mais amplos, como a participação no mercado de trabalho, liberdade de expressão, direitos relacionados ao corpo, à sexualidade, educação igualitária, divisão do trabalho doméstico e ações contra a violência doméstica.

As lutas feministas continuaram nas mais diversas áreas, desde o direito ao saber às mudanças no Código Civil brasileiro que previam a obediência da mulher ao marido. Lutaram também em defesa da criação de creches e tantos outros direitos necessários para dirimir as desigualdades sociais de gênero.

Ainda se referindo a Segunda Onda o que marcou o movimento, entre outras bandeiras, foi a organização das mulheres em grupos, denominados “grupos de consciência”. Conforme Pedro (2008), foi uma das formas de reflexões e fortalecimento de laços entre as mulheres através de encontros de grupos, sempre composto por mulheres e cada grupo era responsável em criar outros. Primeiramente é construído com a intenção de unir as mulheres e posteriormente, criaram estratégias de lutas e ação contra a opressão vivida, servia como um laboratório onde as mulheres podiam se expressar sem sentirem-se oprimidas, pois segundo Pedro (2008, p.68): “Um dos argumentos usados foi que era possível ver que a mulher é tímida diante dos homens; eram estes que tomavam a palavra,

eram eles que adotavam um papel dominante: a mulher teria que aprender a ser ativa, a ter confiança”.

Esses grupos se propagam no Brasil, iniciados por mulheres feministas que estiveram nos Estados Unidos. Ao retornarem aos seus lugares de origem, replicaram o ideal desses grupos entre as brasileiras. Bolívia, Chile, Argentina e diversos países europeus também foram alcançados por grupos de estudos e reflexões feministas. Esse movimento fora marcado pela construção fraseológica que nominavam as formas de subordinação da mulher e contribuíram para uma melhor compreensão e reflexão do processo de dominação

Palavras como: “patriarcado”, “gênero”, “relações de sexo” faziam parte desse repertório e outras mais que referendavam expressões utilizadas pelas feministas para chamar a atenção da população no geral. Sendo assim, o movimento se articulou com diversos grupos contra a opressão, agregando aliados na juventude, nos estudantes e nos movimentos negros.

Os ideais feministas não param por aí, as lutas são constantes e ainda há muito a se conquistar. O feminismo é disseminado através de grupos de estudos, de Ongs, do teatro, da imprensa, por meio de periódicos e também nas universidades através de grupos de estudos, produções científicas e núcleos que corroboram para uma reflexão/conscientização de temas ligados ao feminismo, bem como versam sobre preconceitos, políticas públicas direcionadas às mulheres e sexualidade.

No século XXI institui a terceira onda do feminismo, em alguns países, composta principalmente por mulheres jovens, que passam a questionar o status quo e lideram um ativismo voltado para atender as diversas faixas etárias e classes das mulheres.

Entretanto já se falam na quarta onda do feminismo, porém, não descreveremos muitos detalhes, relevamos que o fator primordial de divulgação e conhecimento consta nas tecnologias, através das redes sociais e nos ambientes de educação, abrangendo um público mais jovem e as classes sociais. Os ideais das diversas Ondas permanecem muito presente no momento atual, uma Onda vai se inserindo na outra, há mudanças na forma, porém não na essência. Ou seja, as demandas de uma onda para outra, não são superadas e por isso entrecruzam nas mais diversas ondas. Existem apenas marcos de uma para outra, indicando renovadas demandas, decorrentes de novos tempos, mesmo sem a superação anterior.

Ademais as ondas do feminismo não ocorrem no mesmo período e da mesma forma em todos os países, há variações, ou seja, os movimentos são plurais.

Como resultado desses movimentos no Brasil houve avanços no Legislativo, em 1984 criou-se o Conselho Nacional da Condição da Mulher; em 1988 foi aprovado a garantia dos direitos da mulher na Constituição Brasileira e em 2006 a implantação da Lei Maria da Penha, como marco de proteção à mulher que sofre violência, Lei do feminicídio, criminalização do assédio sexual e a legalização do aborto em caso de anencefalia.

Com essas considerações históricas, intencionamos valorizar e visibilizar as conquistas que hoje usufruímos e questionar a perda de direitos que custaram o sangue de muitas mulheres, assim como lembrar e incentivar a continuidade das formas de resistência ressignificadas ponderando experiências seculares de diversos grupos de mulheres e feministas. Neste caso, incentivar as mulheres metodistas a considerarem a sua história, as suas experiências neste contexto de transformações advindas de resistências de muitas mulheres, que nem sempre dialogaram sobre este tema.

Nos mais diversos âmbitos sociais, mulheres conquistaram espaço, liberdade, respeito, independência entre tantas outras coisas, entretanto, não basta diante de limitações de políticas públicas e sociais para a ampliação e efetivação de outros valores e relações inseridos em um contexto de valorização do “ser mulher” desde os postos de trabalho, na educação, “na casa e na rua”, questionando a condição de “objeto de exploração”.

Assim expressa Davis (2017, p.17): “Precisamos nos esforçar para “erguer-nos enquanto subimos”. Em outras palavras, devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs, independente da classe social, assim como todos nossos irmãos, subam conosco”. Nesse sentido, declara Magnólia, uma das mulheres entrevistadas: “Ela luta pelo direito dela, o avanço foi bom e muitas ajudaram as outras que não tinham esse alicerce a se levantar. A Maria da Penha foi uma coisa boa”. Entre conquistas e avanços as mulheres vão se ajudando, em Davis percebemos que não somente as mulheres sofrem opressão e resistem a ela, os homens também vivem em um sistema opressor que influencia suas subjetividades, ambos vivem em uma sociedade opressora em sua estrutura.

Prímula, outra mulher entrevistada, expressa: “Depende do ponto de vista, tem gente que usa dessas regalias para o mal, da própria mulher usar o feminismo para agredir outras”. Em virtude dessas situações que as mulheres precisam entender que não devem se comportar como inimigas, porém, como parceiras, pois toda conquista coopera para o bem de todas, independente de classe social. E se construirmos uma relação de respeito e reciprocidade temos mais condições de ajudar-nos e se unir em prol de conquistas maiores, assim como é importante as mulheres dirimir todo tipo de rivalidade que foi construído socialmente, propositalmente, para que a união entre as mulheres não prevaleça. Apesar de Davis se referir as suas/seus irmãs/os negras/os, consideramos que em todos os âmbitos sociais há necessidade de se unir e juntas/os lutarem pelos mesmos ideais, porque quando não estamos sós, a força do grupo se transforma em poder.

Olhando para o grupo envolvida na pesquisa, percebemos o quanto é importante o despertar das mulheres para pensarem que quando uma sofre, esse sofrimento é de todas, a causa de uma é a causa de todas. Em certos momentos esquecemos que as conquistas alcançadas foram de mulheres com coragem e iniciativas para pleitear direitos e reconhecimento. Neste pacote constam: creches, assistência à saúde, maior participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais, maior inserção das mulheres nas Universidades, proteção à vítimas em condição de violência através da Lei Maria da Penha, e recentemente a aprovação da Lei de Femicídio, colocando a morte de mulheres por violência doméstica como crime hediondo e propiciando menos tolerância a este tipo de crime. Foram muitas as conquistas e os avanços, destacamos apenas os mais recentes. E o movimento feminista contribuiu para criar simples e significativas rupturas nas estruturas sociais e na vida privada de muitas mulheres de diversas classes sociais, gênero e etnia.

Mas o que significa o feminismo para as mulheres metodistas? Um termo tão comentado nos últimos tempos, ganhou notório destaque nas mídias sociais, porém nem sempre representa o todo. Ganhou a simpatia de muitas/os e a rejeição de outras/os, tornou-se alvo de estudos e o despertar para múltiplos conhecimentos, assim como desconhecimento por parte de algumas pessoas. O que é o Movimento Feminista? Inicialmente Begônia define:

[...] tem algumas versões de feminismo, cada um pensa de uma forma. Hoje as mulheres estão em defesa dos direitos delas de

oportunidade de igualdade. Algumas são mais radicais na procura destes direitos e outras não, já entendem de outra forma. Eu vejo o feminismo como a importância da mulher, o respeito pela mulher, independente de classe, de religião, as mulheres querem ser respeitadas. Tem havido muitas conquistas. A gente vê as lutas que as mulheres estão enfrentando hoje em dia. Alguns marcos em que as mulheres foram assassinadas pra conquistas mesmo, devido a luta pelo trabalho, foram queimadas lutando pelo direito do trabalho. (BEGÔNIA, 8/2/2019)

Conforme expôs Begônia, está presente em sua memória algumas conquistas que as mulheres adquiriram através do movimento feminista, colocando-as em busca de seus direitos de igualdade e de respeito. Releva as conquistas alcançadas ainda que algumas mulheres perderam suas vidas, que independente de classe e ou religião, as mulheres lutam por direitos e respeito, considera o feminismo importante.

Já na declaração abaixo o feminismo é destacado com uma perspectiva para mulher compreender sua função na sociedade e em casa através de uma conduta diferente, valorizando-se e ensinando aos seus agir dentro de princípios igualitários e de companheirismo assim como educar os filhos/as nesse princípio, assim expressa Bromélia:

Feminismo é aquela mulher... assim... que tem determinado na cabeça, qual o papel dela na sociedade e dentro de casa. Como ela vai agir lá fora como profissional e como vai agir em casa como mãe e com o marido em relação as despesas, como vai se comportar com a educação dos filhos. Ela vai ter que saber que não vai poder esperar por marido a vida toda. Você não pode criar uma mulher para esperar que tudo vai vir de um homem. Não existe mais isso. (BROMÉLIA, 8/1/2019)

Assim sendo, a entrevistada além de destacar a importância de a mulher saber desempenhar suas funções tanto no interior do lar quanto na vida profissional, entende que a autonomia financeira é relevante. Para ela, a mulher e o homem devem buscar sua independência e não considerar o casamento como meio de emancipação financeira, vivendo a espera de “tudo vir de um homem”

Outrossim Prímula declarou que o “feminismo é a voz e a vez da mulher”, demonstrando uma confiança de que agora as mulheres podem se expressar e serem ouvidas, assim como galgar conquistas maiores, se realizarem profissionalmente, ocupar os lugares antes reservado apenas aos homens, enfim usufruir de direitos.

Já Dália considera que as mulheres foram muito discriminadas, ao longo dos séculos sempre estiveram excluídas de muitas conquistas atuando em espaços privados e é necessário que elas avancem, ocupem os lugares na política e nas mais diversas profissões, enfim que saiam do “confinamento”. Assim define: “Entendo assim, como uma luta pelas mulheres. Porque as mulheres são muito discriminadas, elas não têm direitos, os homens têm direitos e elas não”. Nesse sentido Mota (2017) afirma: “No entanto, persistem opressões diárias arraigadas culturalmente, como a desigualdade salarial, a baixa representação nas esferas de poder político, a criminalização do aborto e a violência simbólica, doméstica e pública”.

Nos dias atuais e entre as metodistas encontramos mulheres que compreendem a luta feminista como primordial para que as mulheres superem as discriminações e conquistem direitos ainda não alcançadas. Segundo Tiburi (2018) importante que a mulher conquiste o direito de ser quem ela é, independentemente de suas escolhas, de seu gênero, mas ser quem é sem ser discriminada nem julgada. Coreópsis, expõe: “O Feminismo é isso, os homens estão acabando com as mulheres. E as mulheres estão tendo que reagir, se não reagir os homens vão acabar com a vida delas”. Ela demonstra uma preocupação eminente em relação as vidas das mulheres.

Diariamente são noticiados, pelas mídias televisivas e radiofônica, ataques violentos contra as mulheres, uma triste realidade que tem se intensificado. Compreendemos que a violência é cultural e assimilada subjetivamente por homens desde a mais tenra idade; está relacionada ao poder e à posse – assim como toda construção social de inferioridade da mulher em relação ao homem contribui para que a mesma seja discriminada. O poder tem uma relação muito próxima com o mando e a posse, principalmente quando se trata de relações íntimas entre pessoas, com mais vigor em relações caracterizadas por um contrato sexual – nesta pesquisa o olhar se voltou para relações heterossexuais, sendo que muitos outros arranjos são possíveis e reconhecidos.

Dessa forma, em muitas relações amorosas, mais ou menos duradouras, prevalece uma relação de hierarquia, “onde um manda e o outro deve obedecer” e quando isso não ocorre, pode se justificar motivos para violências variadas, desde físicas às psicológicas. Outros motivos podem desencadear violências, no entanto, os maiores índices são os de violência doméstica, conforme o Atlas Anual da Violência (2019): “o assassinato de

mulheres no Brasil cresceu 30% em dez anos, o país tem média de 13 mortes por dia. Ao todo, 4.936 mulheres foram mortas, o maior número registrado desde 2007”.

A priori as entrevistadas expuseram diversas formas de conceituar o feminismo, algumas muitas sucintas outras mais abrangentes, porém cada uma defini, conforme o seu ponto de vista. A maioria das mulheres explicitaram o peso da responsabilidade, principalmente àquela que trabalha fora, pois muitas das participantes agregam a dupla ou tripla jornada, como descreve Violeta:

Feminismo é o tipo de uma discriminação com a mulher, no sentido de que tudo que vem da mulher as pessoas já levam para lado da discriminação. Porque não existe, tipo a mulher, por mais que ela tente, a mulher querer se sobressair também em relação ao homem, mas é diferente, por ela tentar se sobressair sempre vai ter um lado da discriminação, da inferioridade que a sociedade menospreza a mulher. A mulher está em desvantagem desde sempre, a mulher trabalhadora, ela se sobressaiu, deu a volta por cima, algumas o salário é equivalente, mas em muitas a gente sabe que não é, é inferior. Mas ainda assim ela tem uma carga horária que nem o homem suportaria. Ela continua trabalhando fora sendo do lar, dando conta das tarefas domésticas. Sempre pesa mais pra ela. A mulher está nesta desvantagem, ela está inserida, já nasceu nesse contexto que está em desvantagem. O que foi bom que, pelo ao menos hoje a gente não vive mais sobre as ordens, os caprichos dos esposos, hoje temos voz e vez, nossa independência financeira, a gente sai, trabalha fora. Só pelo fato de ser mulher nessa sociedade a gente já tem uma desvantagem. (VIOLETA,10/3/2019)

Violeta desabafa, “estamos em desvantagem porque somos mulheres”, essa denúncia é significativa, é uma reflexão pertinente e questionadora. O que podemos fazer enquanto mulheres para mudar essa realidade? Houve avanços como a própria entrevistada fala “pelo ao menos hoje a gente não vive mais sobre as ordens, os caprichos dos esposos, hoje temos voz e vez, nossa independência financeira, a gente sai, trabalha fora”. Há a denúncia da “famosa” jornada dupla, algo penoso e que sobrecarrega todas mulheres trabalhadoras pobres, além de ser invisível, repetitivo, interminável e constituiu-se uma pauta dos movimentos feministas, como escreve Nichnig:

Através de múltiplas formas de manifestação, os movimentos feministas pretendiam não somente reivindicar direitos das mulheres trabalhadoras, mas dar visibilidade ao trabalho

feminino, dando uma maior elasticidade ao conceito, mostrando que não somente o trabalho assalariado é considerado trabalho, mas também o trabalho doméstico, o rural, etc. [...] os movimentos permitiram mostrar que o trabalho feminino, de invisível e desvalorizado, pudesse ser considerado, enfim, um trabalho a ser protegido e conquistado. (NICHNIG, 2013, p. 41)

Conforme a autora expressa, o feminismo visibiliza o serviço privado, mostrando-o como trabalho. Dessa maneira ressaltamos que o trabalho da mulher no interior da casa é algo infinito e interminável, Conforme Mello (2014), pois as mulheres sabem que cada copo depositado em uma pia da cozinha, torna-se trabalho, todo serviço gerado, seja uma criança chorando no meio da noite e/ou uma louça suja no meio da tarde, é um novo esforço, com a maior responsabilidade para si. Como suportar tamanha carga horária sem a participação de todas/os que geram esse trabalho? O que fazem os familiares pensar que a mãe, as mulheres e ou esposa são incansáveis e “supermulheres”?

São essas e tantas outras coisas que contribuem para a discriminação e sobrecarga de obrigações para as mulheres. As mulheres permanecem sobrecarregadas. Como terão tempo para o que realmente gostam? Investir em uma profissão ou realizar tantas outras atividades que geram prazer, como por exemplo o lazer, praticar alguma atividade física, encontrar com outras mulheres...? As mulheres metodistas entrevistadas, demonstraram que vivem esta realidade, como a maioria das mulheres desta sociedade patriarcal.

Saffioti (1987, p. 9) esclarece, “[...] a sociedade construiu e reforça determinados papéis a homens e mulheres, delegando a realização dos serviços domésticos e educação dos filhos/as à mulher, contribuindo para que este conceito se consolide como natural, pelo simples fato da mulher ser mãe”. Diante da consolidação de valores e habilidades definidas por sexo, a mulher passa a ser vista pela sociedade como a pessoa apta a desenvolver, primeiramente, aquilo a que lhe foi concedido por natureza, dessa forma formaram-se conceitos como menos competente, menos preparada a exercer determinados cargos e assim, sofre discriminações em diversos sentidos. Principalmente no que se refere a determinadas profissões. Conforme o exposto, Saffioti (1987, p. 11) destaca: “É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a "superioridade" dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos”.

Ademais consideramos importante ressaltar que a manutenção dessas discriminações fortalece a sociedade detentora dos meios de produção e àqueles que exploram mão obra barata das pessoas negras e das mulheres, mantendo salários irrisórios e sem cumprirem os direitos trabalhistas legais que, por ora, existem no Brasil e cabe a nós questionar esses modelos, as desigualdades e hierarquias de gênero por diversos meios, principalmente por meio de espaços nos quais as mulheres tenham a oportunidade de perceberem as relações de poder que envolvem o seu viver.

Destacamos outras narrativas das mulheres, assim fala Anis: “Feminismo empoderamento, porém, não é assim eu sou feminista e faço o que quero. É o empoderamento da gente poder trabalhar, sair, comprar, dirigir, assumir uma família sozinha”. Conforme exposto as mulheres adquiriram uma liberdade significativa que hoje contribui para que possa, realizar diversas atividades, ao mesmo tempo em que há uma demonstração subjetiva de um processo regulador, “não posso fazer o que quero”, de certa maneira, expressa “tenho minha liberdade sob controle e ou vigiada”.

Há avanços e retrocessos, ainda se perpetua muita discriminação, principalmente quando se trata do exercício de algumas profissões, conforme afirma Tulipa:

É as mulheres em busca de seus direitos diante da sociedade. Realmente teve muitas revoluções que algumas deram certo. As mulheres estão se debatendo contra algumas coisas que foram impostas pelos homens. Mas nem sempre tem dado certo, os direitos que elas buscam, elas procuram se igualar aos homens, mas acredito que elas estão buscando de maneira errada. Elas querem melhorias salariais e muitos direitos que a legislação fala que é igual para todos. Mas diante do trabalho e algumas outras coisas que a gente vê na sociedade os homens saem na frente. Eu digo isso pela minha profissão. (TULIPA, 2/4/2019)

Segundo Iris, outra mulher metodista entrevistada, o Movimento Feminista está em evidência nos últimos anos, considera positivo, porém concorda que há especificidades entre homens e mulheres que não devem ser anuladas. Considera que a mulher é primordial na sociedade e contribui sobremaneira para o homem crescer e que esse movimento é importante, no entanto as mulheres estão indo além do que deviam. Para ela, certos comportamentos fazem-nas perder o seu valor, uma vez que não querem manter os cuidados com o corpo propagados como regras; expressa uma preocupação com a exibição dos corpos e ressalta o cuidado que a mulher deve ter na maneira de se vestir, evidenciando seus valores e crenças pertinentes no meio religioso. Assim declara

Iris:

É um movimento que agora está inflamado, mas não era tanto. Eu não acho errado, pois um pouco de mim é feminista e um pouco conservador. Que elas tentam lutar para ter um lugar na sociedade, por igualdade e por querer dizer que não existe lugar de homem e lugar de mulher. Acho que onde tem lugar para homem tem lugar pra mulher. O que mulher pode fazer o homem também pode. Mas o meu lado conservador acha que nem tudo foi feito pra mulher fazer, ela pode ganhar mais que o homem, como acontece hoje em dia, mas ela não precisa querer tomar o lugar do homem, porque na sociedade... se você tirar a mulher já dá um descaso tremendo, porque a mulher é funcional ela pensa, é ágil e o homem já depende muitas vezes de uma mulher para poder colocar ele pra frente. Pode ver que o homem solteiro quando ele arruma uma namorada ou decide casar-se, pode ver que muito homem muda, ou amadurece, ou põe rodinha nos pés. Ele vai atrás de comprar casa, carro, acho que a mulher dá esse impulso no homem. É necessário ter o feminismo, esse movimento todo, porque já mudou muita coisa, mas acho que não precisa extrapolar, estão extrapolando em várias partes. Podem ver que elas estão querendo lutar tanto por igualdade que estão perdendo o valor delas. Em várias partes elas estão extrapolando, ela pode ser feminista, algumas não querem se depilar, eu vejo que a gente se depila pra gente se sentir bem, não pro homem. Elas tem essa concepção que mulher pode andar com pelo sim, com short curto, uma mulher elegante ela já tem o valor no espaço dela, ela não precisa andar mostrando tudo pra dizer que é mais que o homem, quer andar nua e não quer que o homem olhe, ele vai olhar porque é o instinto dele, Deus fez o homem assim. O homem é cativado pelo olhar, não tem como a gente mudar o que Deus fez. Vou andar com o short curto e não quero que o homem olhe, não é errado ela andar com o short curto, e vou achar ruim o homem olhar, você provocou isso, não que é certo ele olhar, mas é instinto da natureza. (IRIS, 23/3/2019)

Outra mulher entrevistada, a Lavanda declara que conhece sobre o Movimento Feminista apenas por meio da televisão e não gosta do que vê, considera que a mulher deve ser feminina e não desejar ocupar o lugar do homem, sendo desnecessário se expor. Ela não concorda com os manifestos e os considera escandalosos e ridículos. Assim se expressa:

Feminismo entendo pouco, a maioria das coisas que a gente vê é mulheres que se dizem feministas, mas querendo ocupar lugar do

homem na sociedade. A única coisa que eu vejo de feminismo é essas mulheres que escandalizam na rua, esses protestos, manifestações, que eu considero ridículo que a gente não precisa. A gente pode ser feminina pode se portar muito bem e colocar sua posição aí. De Feminismo eu entendo muito pouco, porque a única coisa que eu vejo delas é isso. (LAVANDA, 15/3/2019)

Assim sendo, há demonstração de repúdio às manifestações realizadas pelas mulheres, consideradas por ela como escandalosas e essa mesma consideração aparece na entrevista da Tulipa:

As mulheres têm buscado isso, mas acredito de maneira errada. Elas estão sendo muito vulgares, estão ridicularizadas na mídia, não é a forma correta, tem um jeito certo de falar de realmente lutar por isso. Interessante os protestos, porém não deveriam usar o nu, na verdade não só os homens, mas as mulheres também veem que estão se colocando como objeto sexual. (TULIPA, 2/4/2019)

E também na entrevista Anêmona: “O que eu vejo hoje no feminismo é o eu, o ego, as pessoas querendo... “eu quero”, “eu posso tudo”, “eu faço tudo“, “eu tenho liberdade”, posso mostrar os peitos, eu posso sair pelada, o que é isso? pra mim isso é nudismo, não tem nada de feminismo”.

Sendo assim, das 17 participantes 06 declararam indignação com o nu e de a mulher se expor através da nudez de seus corpos durante os movimentos e mobilizações.

Consideramos conveniente esclarecer que em alguns movimentos feministas e em outras manifestações, as mulheres utilizam seus corpos como forma de protestos, por considerar uma linguagem política, são formas de expressão para chocar e chamar a atenção da sociedade, para dizerem que os corpos são delas, lhes pertencem e não devem ser controlado por ninguém.

É interessante compreender como surgiu esse protesto e porque, com as considerações de Holanda (2018): “Quando após uma série de estupros ocorridos na Universidade de York, um policial afirmou que as mulheres haviam sido agredidas por se vestirem como “vadias”, uma onda de protestos correu o mundo”. [...] a mensagem é clara: a mulher tem autonomia sobre o seu próprio corpo”. Assim complementa Magnólia: “Discriminação em várias áreas. Até no jeito de se vestir, pois muitas pessoas justificam

o estupro por causa do jeito que estava vestida. Eu acho que mesmo que a mulher andar pelada, mas o respeito tem que prevalecer”. Nesta narrativa, percebemos um entendimento diferente ao de Iris, Lavanda, Tulipa e Anêmona.

É primordial que o corpo da mulher seja respeitado, independente da forma como ela se apresenta, o corpo pertence ao indivíduo/a e este só deve ser tocado com autorização do/a mesmo/a. Concluindo, é uma forma de resistência contra o controle exercido há séculos sobre os corpos das mulheres, é uma forma de dizer “este corpo me pertence e não aceito que seja controlado por homens, pelo Estado, pela Igreja, pela comunidade”.

O sistema patriarcal impõe ditames e controle sobre os corpos femininos há séculos. No século XVIII a função principal do corpo feminino era cuidar da família; no XIX principal função do corpo feminino era a reprodução, para suprir a mão de obra barata que as indústrias necessitavam; no século XX, constrói-se o ideal de mulher doce e frágil e que seu maior anseio deve ser o casamento, já no XXI através dos movimentos feministas, que já haviam avançado em diversas áreas, a mulher protesta e luta pelo direito de ser dona de seu corpo e contra toda forma de violência e exploração.

As participantes demonstram insatisfação em diversas áreas do feminismo, principalmente quando fere seus princípios de fé, conforme expõe Begônia: “Algumas pessoas acabam se aproveitando e sendo radicais, expondo o corpo. Quebrando santo, ridicularizando a igreja, ridicularizando a fé das pessoas. Isso acaba afastamento mais mulheres do feminismo em vez de agregar”.

Já Alteia discorre: “Eu sou do âmbito que acha assim, que o Machismo é ruim, feminismo no sentido de hoje, deturpado. Talvez quando nasceu lá [sic refere-se ao passado) as mulheres na fase inicial tinham outros conceitos, mas hoje é uma luta exagerada por igualdade sendo que homens e mulheres são diferentes por natureza”. Outras participantes (Tulipa, Iris, Lavanda, Peônia) também demonstraram a mesma insatisfação, expressaram uma preocupação legítima com a questão da igualdade, considerando que homens e mulheres são diferentes. No entanto, a diferença não deve se traduzir em desigualdade e agressão.

Diante disso, convém elucidar, quando os movimentos feministas lutam por igualdades se referem há direitos pelo quais as mulheres foram excluídas por muitos anos, entre eles o direito de trabalhar fora sem que precisassem da autorização do marido, o direito à creches, igualdade salarial quando desempenham as mesmas funções de um

homem entre tantos outros. Não se trata de equiparar o sexo masculino ao feminino, pois há distinções que são pertinentes a cada um.

A igualdade proposta pelo feminismo não é a biológica, outrossim, esse movimento luta por igualdade social, por direitos e deveres com equidade, criar oportunidades às mulheres por elas mesmas, de ocuparem os espaços sociais e políticos sem discriminação, ocupar lugares de poder, além, de poderem ir e vir sem serem perseguidas e correrem risco de estupro simplesmente porque são mulheres, entre tantas outras coisas. Gebara expressa de uma maneira muito coerente:

A igualdade, na verdade, não é um convite para sermos iguais a ninguém. A igualdade é o convite que nós fazemos a nós mesmos para descobrirmos que o outro desigual tem o mesmo direito à vida que eu. Só podemos existir como desiguais. Então a desigualdade é mais uma vez um convite a uma convivência respeitosa entre desiguais, visto que, se assim não fizermos, seremos capazes de nos eliminarmos da face da terra. (GEBARA, 2010, p. 113)

Espera-se, e este é um dos objetivos do Movimento Feminista, que as desigualdades sociais sejam eliminadas e/ou amenizadas e prevaleçam relações sem violência, preconceito, discriminação, contribuindo para uma relação de respeito e aceitação das diferenças e uma sociedade mais justa e inclusiva. Sabe-se que sempre haverá diferenças – fazem parte das relações – porém que estas não serão ressaltadas, valorizadas como forma de humilhar pessoas, hierarquizar e desmerecê-las.

Anêmona ao mesmo tempo em que discorda do feminismo mais recente ao falar sobre “protestos expondo os corpos nus”, ressalta reconhecer pontos positivos no feminismo anterior (primeira onda): “O feminismo deveria existir. Sou a favor do feminismo quando começou (sic. anos 60-70), as pessoas lutando para ter seus direitos, para reverter estes direitos para a sociedade e não para benefício próprio. O feminismo para mim é uma luta justa, correta, mas em prol dos benefícios sociais”.

Por conseguinte, a expressão de Híscio é pertinente para os dias atuais, nos quais a mulher tem um perfil diferente, um dos fatores citados é o de conseguir desempenhar diversas tarefas ao mesmo tempo, (pois fora treinada a agir desta maneira, uma vez que os serviços domésticos são diversos); ressalta que as mulheres ainda sofrem discriminação salarial, mesmo que desempenhem a mesma função de um homem e apresentem habilidades com a atividade.

A mulher na verdade está mais competente do que o homem no trabalho, pela carga horária que já tem aquele costume de fazer tudo e várias coisas ao mesmo tempo. Quando ela entra no trabalho ela faz a mesma coisa, faz quatro, cinco coisas ao mesmo tempo. E o homem não, ele faz só uma. Na hora de ser valorizada, ela não tem esse valor. [...] Eu conheço motorista de caminhão que faz tudo, troca até pneu, mas a que não consegue, cai tudo por terra. Por mais que ela busca, o salário da mulher é menor, a maioria das empresas querem derrubar o salário da mulher porque é mulher. (HIBISCO, 15/2/2019)

Essa indignação consta em declarações de outras participantes. Para Hibisco, as mulheres estão em cargo antes de exclusividade dos homens, como por exemplo “trocar o pneu de um caminhão”; elas conseguem realizar o trabalho e diversas tarefas ao mesmo tempo, e continuam sem serem valorizadas e recebem menores salários.

Outrossim, Alfazema chama a atenção para o mesmo problema social: “Feminismo, acho que a mulher deveria ter a mesma oportunidade que o homem. Não ter diferença entre o ganho do homem e da mulher. Não ter essa diferença da mulher ganhar menos”. Auad (2003) diz que a desigualdade salarial entre homens e mulheres se iniciou com o surgimento do sistema capitalista no século XIX, quando a mão de obra feminina foi para as fábricas e trabalhavam de 10 à 14 horas por dia por ínfimos salários, bem abaixo das remunerações masculinas; justificava-se ao fato de supostamente as mulheres terem maridos, logo quem as sustentasse.

Essa realidade ainda permanece, sendo uma das reivindicações das feministas e demonstrado pelas mulheres participantes como inaceitável, a maioria evidenciou insatisfação com a discrepância salarial entre homens e mulheres. Um século depois, ainda encontramos concepção do tipo: “mulher deve ser sustentada por seu marido”, segundo a autora, quando da administração de Paulo Maluf na prefeitura de São Paulo, ao enfrentar uma greve de professoras ele expressou que as professoras não ganhavam pouco, porém que se casaram mal. (AUAD, 2003).

Por outro lado, após anos de luta e muitas conquistas o feminismo contribuiu para que as mulheres tenham maior liberdade de escolha profissional, entre outras possibilidades. Assim opina Crisântemo:

Feminismo é mulher que luta que vai atrás das conquistas. A mulher avançou, antigamente a mulher não podia escolher nem o namorado. Apesar que hoje banalizou, virou libertinagem, pra

muitas, não pra todas. Acho uma coisa boa. As mulheres começaram a correr atrás de seus sonhos e objetivos, mas algumas coisas viraram libertinagem. (CRISÂNTEMO, 8/3/2019)

Conforme as expressões registradas, é notório a concepção que as mulheres metodistas têm a respeito do feminismo, a relevância destes movimentos para a emancipação das mulheres e para outras conquistas. Assim como também, expressam o que as contraria e discordam sobre o movimento.

Algumas participantes consideraram o feminismo como uma luta exagerada que contribui para a perda de valores pertinentes ao sexo feminino, nesse sentido declara Alteia: “Excesso de cuidado pelos direitos femininos. Os excessos que as feministas fazem me irritam, pois tem coisas que são pertinentes da mulher”. Analisamos que há uma intrínseca preocupação com o lugar feminino, a construção do feminino por meio de modelos e comportamentos apropriados e próprios às mulheres. Como se as mulheres devessem permanecer onde estão e realizar as tarefas a elas conferidas por meio do processo de socialização e reforçadas por princípios da própria igreja. Considera-se que ao igualar os sexos haveria perda da essência feminina.

Diante de alguns enunciados, verificamos que as metodistas estão divididas entre o que o movimento feminista representou no início e como agiu e o que representa e como se apresenta atualmente, revelando aprovação a um e repúdio a outro. Enuncia-se o incômodo com a igualdade entre os sexos, sobrevivendo uma contestação a respeito, afinal biologicamente são diferentes.

Destarte, algumas mulheres demonstraram uma ambiguidade, determinadas atitudes feministas são aceitas outras não, demonstraram certa rejeição àquilo que foge do padrão instituído, do comum, do corriqueiro, sendo contrárias a tudo que escandaliza segundo suas crenças e suas verdades. Com essas concepções também reproduzem atitudes machistas de controle do corpo feminino e de zelo pelo lugar do homem na sociedade, ressoando os valores patriarcais aprisionados dentro de cada uma.

As mulheres consideram a luta importante, desde que não extrapolem condutas e regras aceitas socialmente. Segundo declarações, a mulher tem como se expressar sem expor o corpo, nesse sentido (Iris) registrou: “Mas eu penso que ela pode ganhar o papel dela na inteligência, nas atitudes dela, no papel dela, mas do que no se vestir”.

Contudo algumas consideram a relevância do Movimento Feminista por ter contribuído para conquistas outrora precárias ou até mesmo inexistentes, e evidenciaram expectativas de tantas outras, que somente através da organização das mulheres serão possíveis. Begônia registra: “Sim, tem havido muitas conquistas. A gente vê as lutas que as mulheres estão enfrentando hoje em dia. Alguns marcos em que as mulheres foram assassinadas, para conquistas mesmo”.

Outrossim, ponderaram que o homem e a mulher têm naturezas distintas pertinentes a cada um e o fato de a mulher ser feminista não lhe dá o direito de provocar o homem e até mesmo faltar com o respeito, considerando que este não pode nada fazer, simplesmente porque ela é mulher. Enfim, que deve haver um equilíbrio e bom senso nas relações. Abaixo está a expressão dessa concepção:

Algumas mulheres extrapolam, há de se ter um bom senso, até onde podemos ter esse empoderamento e tomar decisões ou enfrentamento? Extrapolar é assim, eu posso xingar, eu posso agredir, porque ele não vai me agredir, eu posso bater na cara dele porque ele não vai me bater porque eu sou mulher. Isso não funciona. Até mesmo gritar, a gente vê em manifestações. Atitudes, se põe como feminista como mulher, eu sou “mulher” então você não pode me tocar. Se eu provoço tenho que assumir as consequências pelos atos. (ANIS, 30/3/2019)

É profícuo relatar aspectos sobre o tipo de liberdade que o Movimento Feminista busca, seria aquela liberdade com a qual as mulheres sintam-se representadas e tenham direito de ocupar espaços antes restritos a elas, onde possam lutar por melhorias sociais e fazerem suas escolhas, tomar decisões sem o aparato do Estado, serem representadas nos diversos segmentos políticos e, primordialmente, serem valorizadas e reconhecida por seus pares.

De acordo com a fé e doutrina que vivem, algumas entrevistadas não concordam que as mulheres devem ocupar o lugar do homem e nem tirar a autoridade deste, ponderam que a mulher deve e tem condições de fazer a luta desde que não questione o princípio bíblico instituído por Deus. Assim expõe Peônia:

Entendo que o feminismo é importante desde que não saia da visão de Deus, visão que Deus deixou para a mulher, não aquela coisa extravagante que queira ser maior que o homem, que queira ser a dominadora na situação. A mulher não deixar o seu papel de mãe de esposa de ser dona de casa, ser boa profissional isso pra

mim é ser feminina. Ser feminista... aquela que fica guerreando, não precisa disso para você ser, você vai ser uma pessoa no seu papel, mas defendendo uma bandeira sem tirar o projeto de Deus para Mulher. Tudo que fere ao projeto de Deus para mulher está fora para mim. (PEÔNIA, 18/1/2019)

Diante do exposto ao menos 04 participantes expressaram que são desfavoráveis à luta pela igualdade, julgam que cada um pode ter seu espaço sem invadir o do outro e sem sair do propósito de Deus para o homem e a mulher. Sob o mesmo ponto de vista Alteia menciona: “Eu defendo a mulher, mas não a igualdade pois ambos são diferentes, biológicos, físicos, nós podemos ser melhores ou piores, mas igual não vai ser”.

Por conseguinte, o movimento luta e questiona os estigmas de que as mulheres são “a parte baixa, inferior, simples donas de casa e reprodutoras”, considera que a mulher tem tanta capacidade intelectual quanto o homem, as mulheres não reivindicam igualdade de força, mas igualdade de direitos. Segundo Gebara:

A busca de igualdade não é um ingênuo igualitarismo, como se fosse possível vivermos todos e todas de forma uniformizada. A igualdade é a igualdade de direitos na diferença das responsabilidades e na diversidade concreta das situações históricas. A igualdade é igualdade de chances sociais, de acesso aos bens da cultura humana, de possibilidade de contribuir efetivamente nos rumos da história humana. A igualdade é a possibilidade de discussão, de diálogo, a partir do qual as pessoas possam expressar-se sem medo de repressão ou de exclusão. A igualdade é a introdução de uma dimensão ética concreta nas relações humanas, a partir da qual acreditamos que de fato a “outra” e o “outro” são nossos semelhantes. (GEBARA, 2010, p.3)

Todavia há mulheres metodistas que se consideram feministas, concordam que foi um movimento necessário, proeminente e contribuiu sobremaneira para que as mulheres alcançassem muitas conquistas. Para elas, se não fosse as mulheres tomarem a frente e fazerem a luta, atualmente elas não teriam liberdade, contudo, sabem o quanto ainda há a se conquistar para superar as situações de inferiorização e discriminações vividas pelas mulheres em muitas situações. Hibisco mostra sua indignação pelo fato de a mulher ainda não ter conseguido extinguir as desigualdades, assim discorre:

Na hora de ser valorizada, ela não tem esse valor. Eu trabalhei no exterior fazendo a mesma função de um homem e ganhava 30% menos. Lá a mulher é considerada a parte de baixo. No Brasil tá camuflado, fica se falando que a mulher tá na igualdade, mas não tá. Uma mulher é muito mais que um homem, estrutura emocional, uma mulher em casa faz tudo, cuida de filho, casa, marido e ainda trabalha fora e da conta de tudo. Acho que a mulher ainda está naquele papelzinho lá... (HIBISCO, 15/2/2019)

Há reconhecimento das conquistas do Movimento Feminista conforme Magnólia alega: “Ajuda muito a suportar as situações. Quando a gente vê uma mulher que vence, lutou conseguiu, fico feliz. Eu não tive conquistas porque eu não fui atrás. Sempre tem alguém que luta pelas mulheres e nós só ganhamos”.

É notório que o conhecimento ao Feminismo é algo construído na subjetividade de cada uma de acordo com informações midiáticas, e pode contribuir para arquitetar uma certa repulsa ao movimento conforme é apresentado pela mídia. Entre as entrevistadas, apenas uma declarou ter lido um livro a respeito do tema. Algumas considerações apresentadas fogem do real conteúdo e objetivo do Movimento Feministas, prevalece o desconhecimento sobre a realidade social e política e por vezes impera a influência histórica de uma sociedade machista e patriarcal na vida das mulheres. No entanto, as declarações da maioria das metodistas são emancipatórias.

Encontramos mulheres favoráveis e outras contra, observamos que são contra a forma como foi construído e apresentam ressalvas, sabem reconhecer os avanços e a importância até os dias atuais. De acordo com as narrativas das mulheres, no Movimento Feminista há coisas boas que contribuíram para o avanço e a autonomia das mulheres em muitas áreas. Os direitos mais destacados foram o direito ao voto, a dirigir e ter independência em diversos aspectos, conforme expressa Magnólia:

As que ajudaram as outras é um ponto positivo. Antes elas tinham que nascer, crescer, casar fazer a família e morrer, não tinham outro pensamento e opção. A independência financeira é ótima, eu não tive, mas acho ótimo. Criei meus filhos assim: se prepara porque as mulheres não nasceram pra ficar em casa trabalhando e você tem que dividir as tarefas. (MAGNÓLIA, 15/1/2019)

Também foi destacado o direito de trabalhar fora e estudar, e reconhecimento de profissões, que antes nem existiam, assim diz Bromélia:

Valorização salarial, aumento de campo de trabalho. Hoje sou pedagoga e antigamente não existia essa profissão, veio de cuidadoras de crianças em hospital. Berçário vem de hospital. Com o tempo, com a valorização do trabalho feminino as mulheres foram valorizadas e tornaram-se pedagogas. (BROMÉLIA, 8/1/2019)

Nesse sentido há diversos relatos do que as mulheres consideram positivo no feminismo, como diz Peônia:

Se as mulheres não tivessem tido o rompante de se levantar, de querer buscar seu profissionalismo, o que acontece que muitas vezes perde o equilíbrio. Antes era algo muito acanhado. Com o feminismo, a mulher, mesmo diante do projeto de Deus, ela conseguiu com equilíbrio se ajustar dentro da sociedade. (PEÔNIA, 18/1/2019)

Do ponto de vista de outra entrevistada, a Dália, Jesus defendia as mulheres em um período em que elas eram ainda mais discriminadas. Diante disso, acredita que o feminismo é bom, porém se as pessoas de fé seguissem os mandamentos não seria necessário a existência desse movimento, pois Ele deixou o exemplo, tratar as mulheres com respeito e inclusão.

Toda coisa tem o lado bom e o lado ruim. Discriminação salarial com as mulheres. Se for fazer o feminismo, conforme tem que ser, é uma coisa boa. Se a gente seguisse os mandamentos de Jesus nem precisava fazer isso, porque ele foi uma pessoa que defendeu as mulheres sobremaneira, os direitos das mulheres, porque as mulheres eram mais massacradas ainda naquela época. Mas existe o lado ruim, abortar, que é contra a lei de Deus, isso é o lado ruim do feminismo. (DÁLIA, 20/4/2019)

Há participantes que percebem a linha de poder que fora construída pela sociedade patriarcal, denunciando o corporativismo formado pelos homens, oportunizando privilégios aos pares e contribuindo para desigualdade de oportunidades ao sexo oposto. Assim declara Anêmona:

Porque o homem quer sempre ser mais. Os homens se protegem, quando estão no poder, eles vão empoderar os homens, ele vai querer dar bons salários para os homens. Enquanto houver

homens pensando assim, vai haver desigualdade. Eles vão sempre podar a gente, de alguma forma eles vão cortar as nossas asas (ANÊMONA, 14/3/2019)

Outras participantes destacam que as conquistas das mulheres se deram primeiramente pelo voto, posteriormente passou a ser inserida no mercado de trabalho, nas Universidades, no entanto ressaltam que posições de destaque e representativa de poder eram ocupadas apenas por homens. Nos dias atuais as mulheres ocupam, cada vez mais, espaços de liderança e de poder; estão inseridas em diversas áreas, inclusive resalta que as mulheres são capazes de exercer qualquer profissão:

Muito antigamente foi o Voto, ter nosso papel na sociedade. Outra o emprego, em muitas profissões não eram aceitas mulheres, somente homens, geralmente eram profissões de poder, juízes, mas hoje mudou muito... se duvidar, as mulheres dominam todas as áreas e os homens ficam sem emprego. (IRIS, 23/3/2019)

Para Auad (2003) algumas concepções sobre mulheres foram se modificando e outras permanecem até hoje, outrossim, é notório que em alguns setores as mulheres ainda são a minoria, principalmente quando se trata de representação política, talvez essa situação aponte para um caminho. Precisamos entender que não basta eleger “uma mulher”, mas eleger “uma mulher” que represente a classe à qual faça parte, que defenda políticas públicas e interesses de grupos em situações vulneráveis.

Conforme exposto, estas mulheres têm expectativas a respeito do Movimento Feminista e descrevem que as mulheres têm a função determinante nesse processo, lutar para dirimir as desigualdades em busca de oportunidade, respeito e equidade de gênero. Para elas, a consolidação das mudanças desejadas depende muito das atitudes das próprias mulheres em suas relações familiares, na educação de filhos/as, pois esta responsabilidade ainda recai mais sobre elas. Conforme Saffioti:

A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída as mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. A sociedade permite a mulher que delegue esta função a outra pessoa da família ou a outrem expressamente assalariado para este fim. (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Que possa haver movimentos inversos, ou seja, divisão de tarefas, questionamento das funções estabelecidas para o vislumbre de novos paradigmas e não naturalização dessa responsabilidade histórica de “preparar as gerações mais jovens para a vida adulta”, como uma imposição. Tais formas de naturalização de responsabilidades distintas e pautadas na hierarquia de gênero e em relações de poder, retiram a responsabilidade social por meio de políticas e instituições públicas e a reflexão acerca dessa realidade.

Entretanto, consideram que mesmo após muitas conquistas e as mulheres atuarem nas mais diversas áreas, há também pontos negativos com o avanço do feminismo, entre eles Crisântemo cita: “Liberdade demais, mulheres que cometem adultério”. Já Violeta aponta: “Carga horária duplicada, triplicada”. Do seu ponto de vista a dupla jornada tem relação com o feminismo, nesse sentido é viável citar que isso só ocorre devido as faltas de políticas públicas que favoreçam as mulheres e principalmente devido à falta de divisão do trabalho doméstico de forma igualitária e conscienciosa por todos/as da composição familiar. O feminismo surge justamente para denunciar essas desigualdades e sugerir mudanças que favoreçam as mulheres e dirimam esse tipo de desigualdade impetrada há séculos.

Contudo há mulheres que entendem a dificuldade da divisão do trabalho doméstico como algo cultural e imposto pela sociedade.

Pesa a cultura que a gente carrega que é só dever da mulher o serviço doméstico. Existe homens que tem consciência de contribuir com as tarefas domésticas e existe também mulheres que se tornaram profissionais e permanece nessa cultura, acham que é o papel dela fazer o serviço doméstico. A cultura pesa ainda.
(BROMÉLIA, 8/1/2019)

Reforçamos que trata-se de uma questão estrutural e social, que fora elaborada uma divisão de trabalho; ao homem o espaço social (política, profissão, estudos, etc.) também foi arquitetado a força a liderança; ao sexo feminino tudo que for oposto, o espaço privado, no interior do lar, os serviços domésticos, contudo, com a saída da mulher para o mercado de trabalho estes modelos não se mantêm com a mesma força.

Conforme Hollanda (2018), há diversos tipos de feminismos, entre eles o negro; o indígena; asiático; transfeminismo; o feminismo lésbico; o radical; o protestante e diversos outros e todas/os tem condições de verem contempladas suas reivindicações, uma vez que há espaço para as mais diversas situações. Assim sendo, cada tipo de feminismo vai construindo e galgando espaços e nessa diversidade tem lugar para as mais diferentes lutas. No entanto, pensamos que algumas mulheres podem questionar: por que tantos tipos de feminismo? É justamente esta pergunta que nos interessa nesse momento e a resposta é muito simples: para dar oportunidade a todas/os se identificarem com o feminismo que lhes representa e\ou pode representar.

E assim, contribuir e levar suas pretensões de maneira democrática, fazendo parte de um grupo onde possam comungar dos mesmos ideais, torna-se mais fácil atender as mais diversas necessidades e lutar por mudanças significativas para cada grupo de mulheres em suas necessidades e especificidades.

Concluindo, algumas mulheres metodistas participantes desta pesquisa demonstraram conhecer a importância do Movimento Feminista e destacaram as conquistas, além de reconhecerem o peso e a responsabilidade histórica de ser mulher no mundo atual, ponderando o processo de exploração a qual foram e ainda são expostas. Outras mulheres que, por falta de conhecimento científico, mantêm uma rejeição ao Movimento e demonstram uma preocupação bastante comum no meio das mulheres, a de serem ainda mais exploradas pelo fato da sociedade querer igualar homens e mulheres.

Nesse contexto de permanência da obediência das mulheres às regras divinas, à palavra de Deus expressa na Bíblia, percebe-se perspectivas de questionamentos e de rupturas

3.2 Considerações sobre o machismo

Na sociedade ocidental, as pessoas têm se deparado com situações machistas, seja em casa, no trabalho e ou nas diversas relações sociais, sendo que o machismo está espalhado por todos os cantos e recantos de culturas e povos, em alguns grupos e sociedades, com mais ou menor intensidade, passa por questionamentos ou por naturalização. E sempre deixa marcas nas subjetividades, corpos e mentes de milhares de mulheres.

Conforme Castañeda (2006) definir o machismo de forma elementar seria tratar-se de uma relação desigual onde há uma divisão de poder, presente principalmente entre homens e mulheres, e nessa relação existem papéis definidos, ou seja, o que um pode e o outro não realizar, pode ou não estar, pode ou não falar. Acima de tudo, nessa assimetria permeia o controle e, muitas vezes, o domínio sobre a parte considerada inferior. Este tipo de relação incide sobretudo sobre a mulher, porém, ocorre também entre as pessoas do mesmo sexo e com os subordinados de maneira geral. Anis assim define o machismo: “O homem que quer ser dominador. Exemplo, “Você só vai fazer se eu deixar...”, o controlador, “eu que te mando”. Nesse sentido define-se uma relação autoritária na qual um manda e o outro deve obedecer, estabelecendo uma relação de opressão e controle, com quase nenhum espaço para o diálogo e acordos.

Segundo Blay (2014) “O machismo parte do pressuposto da superioridade dos homens em relação às mulheres e em função desse ideário se torna um componente para a criação e manutenção da desigualdade”.

Já Cardoso (2017)²², descreve o machismo como uma forma de pecado, uma vez que provoca divisão, onde deveria haver união, provoca desigualdade e agressão. Segundo ela, fere totalmente o propósito de Jesus para Igreja – lugar de comunhão – e como pode haver comunhão entre desiguais? Aponta o machismo como uma ferida que não combina com a caminhada histórica de fé. Nesse sentido Alteia define: “Excesso de masculinidade no sentido de poder, “eu sou o homem eu mando”. Mesmo que biblicamente o homem é o cabeça, mas a gente precisa conversar”.

As mulheres metodistas entrevistadas não aceitam e rejeitam o machismo, postura que pode causar espanto diante da formação evangélica, os preceitos religiosos, e princípios de fé orientadores de seus cotidianos. A vivência na igreja não impede que tenham expectativas de construir uma relação democrática e mais igualitária. Para as mulheres metodistas entrevistadas, o machismo está muito relacionado ao poder do macho, nesse sentido, destaca Bromélia:

O homem machista é aquele que acha que sempre a palavra dele é a palavra final. Esse tipo de homem já está diminuindo, hoje em dia o homem quer mais a participação da mulher, ele não quer mais que a mulher seja apenas dona de casa e até mesmo para dividir as tarefas

²² Nancy Cardoso é Pastora Metodista, estudiosa, pesquisadora.

domésticas. O machismo está naquele homem que tem uma relação de poder sobre a mulher. (BROMÉLIA, 8/1/2019)

Dália, outra participante expressa a sua indignação ao machismo em relação ao “poder do mando” como algo que controla o corpo da mulher. Ela manifesta: “Aquele homem que quer ter o poder sobre a mulher em tudo. Até mesmo no sexo, tem homem que obriga, até mesmo casada, eles acham que é obrigação da mulher, na hora que ele quer. Não é assim, as vezes a mulher pode estar doente. A mulher tem que mandar em seu corpo”. Expressa a relevância da mulher em ter o controle sobre seu corpo, independentemente de serem casadas, ressalta a importância do homem saber respeitar o limite, não se considerar o dono, não se impor acima do desejo delas, levar em consideração o estado emocional e de saúde da mulher e ainda saber respeitar e conquistar esse momento. Tanto Dália quanto Hibisco declararam ser algo que incomoda e agride a mulher. A propósito Saffioti esclarece:

Ainda que a violência e ou a grave ameaça existam com frequência nas uniões estáveis, basta o poder do companheiro para vencer as resistências da mulher. Aliás, o direito do companheiro ao uso sexual da mulher inscreve-se no capítulo do dever conjugal, outrora constante do Código Civil brasileiro e ainda muito presente na Ideologia que legitima o poder do macho. Por dever conjugal entende-se a obrigação de a mulher prestar serviços sexuais ao companheiro quando por ele solicitada. Percebe-se, com muita facilidade, a posição de objeto do desejo masculino ocupada pela mulher. (SAFFIOTI, 1987, p.18-19)

O machismo permeia as relações interpessoais, desde a conjugal à política. Persiste no imaginário masculino “que é o dono da mulher”, e enquanto prevalecer esse conceito, haverá opressão e controle, pois o machismo está assentado nas relações de poder e hierarquia de gênero. Foi consolidado como algo normal e estrutural nos mais diversos âmbitos sociais, em alguns países prevalece de maneira mais acentuada (México, África, países orientais), em outros menos. No entanto, consideramos relevante especificar mais detalhadamente a relação de poder, segundo Foucault:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento.

Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna o sujeito a.
(FOUCAULT, 1995, p.235)

As relações de poder estão diretamente ligadas ao machismo, e permeiam as relações cotidianas categorizando os indivíduos, e impondo uma relação de reconhecimento e de verdades onde impera a sujeição de um sobre o outro/a, sujeição que ocorre na maioria das situações por dependência financeira e emocional nesse processo impera verdades construídas socialmente e impõe limites e discriminações. No entanto, duas participantes relataram sofrer discriminação ao atuarem no mercado de trabalho, por desenvolverem profissões consideradas masculinas.²³

Ao se falar em machismo, esta palavra também nos remete à “violência”, geralmente ambos andam juntos, violência física e psicológica, provocando estragos terríveis e destruindo vidas com muita frequência.

Problema que temos vivenciado há muitos anos, independe de classe social e cultura, porém, intensificado nos últimos, a violência contra as mulheres e às crianças tem causado um sentimento terrível de impotência, de revolta e de rejeição. Segundo Alteia: “Acho uma barbárie o que está acontecendo, tantas mulheres morrendo. Antes elas até poderiam apanhar em casa, mas não havia tantas mortes como está sendo anunciada, ou seja, está muito mais bárbaro as coisas que está acontecendo hoje”. Outra entrevistada expressa:

[...] uma violência total. Não é porque a mulher é mulher que ela tem que suportar tudo do homem. E quando termina o relacionamento o cara acha que a mulher não tem direito de viver à vida dela, eu não concordo. As mulheres são atacadas pelos homens por não ter a mesma ideia que elas. (MAGNÓLIA, 15/1/2019)

As metodistas participantes ao serem questionadas sobre o machismo, citam a violência intrínseca que permeia os nossos dias, como algo assustador e deixaram transparecer um certo sentimento de impotência, como diz Gardênia: “O homem quer dominar, espancar a mulher. Muitas vezes a mulher trabalha fora e ainda chega em casa e sofre espancamento”. É notória a preocupação das mulheres com a violência atual, havendo inclusive questionamento se a Lei Maria da Penha é o suficiente diante de tantos

²³ Essas mulheres não foram identificadas para preservar suas identidades.

acontecimentos. Nesse sentido expõe Hibisco: “Acho que a mulher ainda está naquele papelzinho lá... tem mulher que apanha do marido e fica calada, não concordo com isso. Não concordo com a forma que o Brasil vê. Será que a Maria da Penha realmente está sendo acolhida?”.

Durante as entrevistas tivemos alguns relatos de mulheres que vivenciaram e sofreram violências em sua casa, porém, não com o esposo, mas com o pai. Declararam terem presenciado, desde a infância, a violência sofrida pela mãe e, por conseguinte, atingia os filhos/as, apontaram tal fato como causador de muito sofrimento e dor. Uma delas revelou que a mãe suportava por não ter uma profissão, nem estudo e muito menos condições para sustentar os filhos/as que à época eram crianças. E isso contribuiu para viverem anos de agressões, a ponto de abandonarem a casa no meio da noite e pernoitar ao relento, mãe e filhos/as, para fugirem do risco de morte.

As violências fazem parte do interior dos lares, muitas vezes ocorrem de maneira velada entre as quatro paredes, outras atingem toda a família e extrapolam os muros. A violência não se trata apenas quando ocorre o espancamento, são várias as formas: a violência verbal também mata, agride e destrói vidas; a violência do estupro; da rejeição... entre tantas outras.

Segundo Castañeda (2002, p. 136), o machismo intervém em tudo, uma vez que é construído com bases no poder masculino e em modelos impostos, o que é “próprio aos homens” e “adequado às mulheres”; contribui para educar homens insensíveis, que não choram, que devem ser fortes, não podem ter medo de nada, viris, insensíveis, audazes e o oposto a tais características, são representações destinadas e assimiladas pelas mulheres.

Historicamente formou-se uma sociedade de desiguais, características valorativas para um sexo biológico é considerada sem valor para o outro sexo, resultado da hierarquia que prevalece nas relações de gênero, que são também de poder. Por exemplo, é um valor intrínseco à sociedade patriarcal formar homens destemidos, destinados ao espaço público; e mulheres pacíficas, dóceis, preparadas para o espaço privado. Quem atua “fora” tem destaque, se sobressai, é visto, participa, se movimenta – o homem =, quem atua “dentro” é coadjuvante, pouco fala e quase não é visto – a mulher. Institui-se a hierarquia de gênero alicerçada nos estereótipos do sexo biológico.

Outrossim, o contexto em que os homens são criados contribui para tornarem-se machistas e conseqüentemente violentos. Desde crianças são estimulados a assimilarem

e naturalizarem a violência através de brinquedos, jogos, interações e mídias. São representações masculinas culturalmente incentivadas por seus super heróis, estão relacionadas à força, à violência e ao poder, estimuladoras de competição, discriminação e violência. Forma-se uma força intrínseca a ser destinada/d Descarregada a outra pessoa considerada “menor”, incapaz, submissa, homens e mulheres jogam o jogo do poder, mas em situações hierarquicamente desiguais.

Além disso Castañeda (2002) elucida: “[...] se considerarmos o machismo como um código cultural que inclui um modelo do ‘verdadeiro homem’ e as normas de conduta associadas a ele, veremos que esse código permite certas emoções e proíbe outras”. Sendo assim, ressalta Lavanda: “É o homem que não aceita a igualdade, se igualar com a mulher, não aceita uma opinião, achar que homem não pode chorar, não aceitar ajudar a mulher”. Há uma divisão de afetividade dos papéis masculinos e femininos, que corrobora para definir atributos diferentes a cada um e dessa maneira as emoções que são desenvolvidas em um não são no outro, cooperando para o desenvolvimento de emoções opostas, nesse sentido a coragem está relacionado ao masculino e o medo ao feminino.

Ainda, Castañeda (2002, p.27 e 28) acresce que ao homem é cobrado algo mais, a masculinidade é forjada, construída, tudo que foge ao padrão é questionado o mesmo não é recíproco ao sexo feminino. Dos homens são cobrados comportamentos e éticas esperados ao “ser macho”, entre eles: a competitividade, a dominação das mulheres, a agressividade, o predador sexual entre outras especificidades e atributos para serem aceitos como machos.

Na entrevista, Iris exprime: “O homem querer decidir as coisas sozinho, porque ele é homem, não sei se ele acha que nasceu para isso. Achar que por ser homem tem mais vantagem nas coisas. Não querer fazer certas coisas, serviço doméstico, por achar que é o homem da casa”. O homem machista não considera relevante participar dos serviços domésticos, entre outras coisas. Consideramos que há relação com nossa cultura ao desvalorizar o espaço doméstico, considera que não agrega valor, a importância e o reconhecimento são próprios ao espaço social de âmbito profissional e público, isso posto, quando este indivíduo – o homem – chega em casa, quer apenas descansar e relaxar. Além do mais, o homem está acostumado a se medir pelos seus pares (outros homens) nesse esquema considera desnecessário gastar energia no interior de sua casa com as ocupações domésticas.

Ainda se referindo ao tema proposto Magnólia informa: “Machismo: ridículo, tenho só filhos homens, mas criei meus filhos valorizando as filhas dos outros, as mulheres. E andando nem à frente nem atrás, mas ao lado. Machismo só atrapalha”. A participante demonstra maturidade e percepção primordiais ao criar os filhos, incentivando subjetividades voltadas ao respeito à mulher e a extinção dos valores machistas como primordiais.

A saber Peônia exprime: “Homem ignorante sem visão, homem que não valoriza a mulher, que não entende a necessidade da mulher. Que não ouve a mulher”. Assim evidencia-se que o homem machista se coloca no centro do poder, como personagem central e relega aos outros a posição de ouvintes, principalmente quando se trata do relacionamento com uma mulher, demonstrando como natural manter uma relação desigual. Segundo Marina Castañeda:

No esquema machista, só se escuta alguém e só se responde a alguém que está em posição igual ou superior. Não se presta muita atenção àquele que é visto como inferior... porque não é necessário, porque não vale a pena fazer esforço e porque não responder mantém a outra pessoa no nível hierárquico inferior; coloca-a, por assim dizer, em seu lugar. (CASTAÑEDA, 2002, p. 96).

Outra entrevistada, a Prímula, considera: “Uma forma dos homens achar empoderamento, achar que é dono de alguém, por ser homem ser o seu dono e alguém tem que se submeter. Eles colocam isso afrente e a gente ter que se rebaixar a isso”. A declaração exposta é corriqueira nos relacionamentos comandados por homens machistas que agem por controle e mando, conseguem construir uma relação de dependência e indecisão para com a pessoa mais “fraca”, propiciando uma dependência tão intrínseca que com o passar do tempo gera inabilidade e co-dependência, Na maioria das vezes, tais configurações do poder, provocam baixa autoestima, depressão, fraqueza a ponto de a pessoa perder a própria identidade e capacidade de decisão.

Alfazema acresce: “Aquele homem que não deixa, não aceita a mulher trabalhar e ser independente, quer ter uma mulher só para o serviço doméstico. Querer controlar em todos os sentidos, só ele ter opinião, que a mulher não deve opinar em nada”. Com efeito conforma-se uma postura na qual a mulher é colocada como “serviçal”, àquela que deve estar disponível para atender as necessidades do homem, do filho, do marido, sempre que precisar.

Ainda em relação ao machismo Violeta declara:

Querer se sobressair em relação a mulher, por mais que muitas vezes nem faz melhor, mas que por ser homem acha que fez melhor, e as vezes não admite que não é capaz pra certas funções, que a mulher desempenha melhor que eles, eles querer se sobressair sempre em relação à mulher, que eles que mandam, que a última palavra é deles. (VIOLETA, 10/3/2019)

Diante do exposto trata-se de uma característica machista não reconhecer que o outro pode realizar ou fazer algo bem feito e/ou melhor, principalmente quando se trata de uma mulher, esse tipo de comportamento é muito comum nas relações de gênero, onde impera o autoritarismo, configurando uma relação de desqualificação como forma eficaz de colocar as pessoas “em seu devidos lugar”. Quando ocorre a desqualificação de alguém esta pessoa é excluída, anulada, nega-se sua competência, um comportamento típico do machismo.

O machismo está relacionado sobretudo ao controle conforme profere Crisântemo: “O homem não dá o direito da mulher. No casal sim, porque se for bater de frente... porque as promessas antes do casamento são uma coisa e depois são outra”. Em diversos relatos as mulheres expressam o quanto as incomodam, o homem se posicionar como dono da mulher limitando a capacidade de escolha, de decisão, de opinião.

Conforme exposto por Hibisco: “Que o homem pensa que é maior que a mulher, ele pensa que a mulher é propriedade dele e que tudo que ele a mandar tem que fazer”. O fato de considerar a mulher como “serviçal” entre tantos outros adjetivos que geram sentimentos de rejeições, assim registra Ipê: “Questão de o homem inferiorizar a mulher, não dar o valor que ela tem e querer se impor sem respeitar”. Elas demonstraram ser inaceitáveis esse tipo de relacionamento, provoca insatisfação geral e, conseqüentemente, que esse tipo de relacionamento não lhes serve, logo não lhes agrada.

Uma relação machista contribui para que as mulheres tenham menos contato com suas amigas e até mesmo com familiares, uma vez que não costumam ter a mesma liberdade de movimento que um homem, principalmente quando passam a ser mães, tornando-se quase impossível conseguir sair para almoçar ou jantar com amigas, sua liberdade de locomoção social passa a ficar restrita. Resta-lhe na maioria dos casos contatos por telefone, celulares e pouco convívio social.

Além do que o machismo tem diversas características, domínio, orgulho, controle, violência, desrespeito, a falta de cumplicidade e a servidão entre outras mais, porém

ressaltamos que as mulheres repudiam, não aceitam e não querem viver as espessas do machismo, querem sim um tratamento com respeito, em uma relação igualitária que lhes propiciem paz e segurança.

Entretanto para que haja mudança nesse comportamento é primordial que mude a educação de meninas e meninos desde os primeiros anos de vida, incentivando que meninos brinquem com brinquedos que são considerados femininos e também com os considerados masculinos. É primordial que meninos participem de jogos que lhes propiciem uma relação com o trabalho doméstico e incentivar as meninas tanto a brincar com jogos e brinquedos masculinos quanto femininos.

Essa flexibilização entre as atividades para meninas e meninos pode propiciar um equilíbrio e menos resistência os papéis a serem exercidos fora do padrão patriarcal quando forem adultos. Contudo entendemos que não basta pôr em prática o exposto acima, outros elementos, contribuem para formar machistas, entre eles a própria violência doméstica, meninos não poder expressar afeto por outros meninos, tipos de filmes e informações que recebem que reforçam o modelo machista, assim como a maneira como o menino aprende a se relacionar com uma menina (como objeto sexual ou não), todos esses elementos devem ser muito bem trabalhados na formação da criança para que diante de referenciais melhores possa construir uma subjetividade menos machista.

Ademais, para sanar o machismo na sociedade, também é importante que os homens ocupem as profissões femininas, porém para promulgar esse interesse, será necessário que as diferenças salariais sejam extintas. Para as transformações nesse sentido é necessário que haja uma mudança não apenas social, mas política e jurídica, pois quando não houver essa desigualdade, gradativamente eliminar-se-á a falta de interesse em ocupar determinados cargos, ditos femininos e acreditamos que essa relação com o trabalho se estenderá para todo o segmento, inclusive para o interior do lares. Como tem ocorrido em alguns países onde o homem tem direito a licença paternidade prolongada porque consideram que tanto o homem como a mulher são essenciais no cuidado com o filho/a.

No entanto cabe registrar que o machismo não provém apenas do homem, mesmo em relações onde não há a presença deste impera o machismo, isto ocorre porque não se trata de atributos pessoais, porém de uma forma de relação estrutural da sociedade e está, muitas vezes, alimentada pela família e reproduzida de geração a geração. Consiste

no sistema familiar em que vivemos, reforçando a importância de satisfazer as necessidades e os desejos dos homens.

Enfim onde impera o machismo, na maioria das vezes também há violência imposta de diversas formas, seja visível ou invisibilizada; no controle, na imposição, nas palavras e gestos e no extremo, a força bruta que ceifa muitas vidas. Contudo há uma esperança pertinente que devemos comungar, segundo Marina Castañeda (2002):

A pergunta que resta não é se essas mudanças vão ou não ocorrer, mas em que ritmo. O machismo como divisão do trabalho entre os sexos e como forma de autoritarismo entre os indivíduos está condenado a desaparecer. Assim como a escravidão e a servidão feudal, o machismo desaparecerá não porque é injusto ou desagradável, mas porque é ineficiente. (CASTAÑEDA, 2002, p. 203)

Assim, finalizamos com o mesmo ideal de Castañeda, e que venhamos a usufruir e viver numa sociedade onde o machismo seja apenas uma lembrança longínqua.

3.3 Submissão: princípio da fé das mulheres metodistas

Em Filosofia, a emancipação é a luta das minorias por seus direitos de igualdade ou políticos enquanto cidadãos. Quando se fala em emancipação, as mulheres metodistas entrevistadas referiram-se, por unanimidade, ao fato de poderem trabalhar fora, serem mais participativas nas decisões cotidianas no lar, entre outros. No entanto, o fator da submissão é algo que tem um peso determinante na relação conjugal, uma vez que esta orientação faz parte de uma conduta religiosa e acreditamos também social.

Entretanto, nesse subtítulo analisaremos a submissão dentro do contexto dessas mulheres religiosas, pois apesar delas perceberem-se feministas, serem contra o machismo, e gostarem e usufruírem da liberdade conquistada pelas feministas, elas se dispõem a serem submissas por um princípio de fé, porém não são todas, das 17 mulheres entrevistada, 01 não respondeu ser ou não submissa, 01 respondeu dependendo da situação, 04 responderam que não se consideram submissas e 11 declararam serem submissas.

Chama a atenção, a postura da maioria das esposas em relação aos maridos, pois conservam e zelam para a permanência do seu papel de líder no âmbito das relações intrafamiliares. As mulheres têm total capacidade de liderança e de decisão, fazem

questão de respeitar essa regra, não apenas porque a sociedade dita, ou por não se considerarem feministas ou menos capazes; há um único princípio, obediência à palavra (Bíblia), logo à orientação deixada por Deus, que extrapola as regras sociais e da própria igreja.

No entanto, na Bíblia há diversos exemplos de mulheres líderes, inclusive juízas que se destacaram, a exemplo de Débora, que liderou os israelitas contra o domínio de Canaã. (Juízes, cap. 4 e 5). Outrossim, Cristo, não veio para fazer discriminações, conforme consta em diversas passagens bíblicas, ele andou com as mulheres, priorizou-as e ensinou a respeitá-las. Ainda, dentro do contexto bíblico todos os cristãos devem ser submissos, porém a Deus, outrossim, submissão nem sempre significa obediência, segundo (Efésios 5;21), submissão significa viver pensando no bem dos outros, largando o egoísmo, o “eu”. Antes de ser líder o homem deve ser servo, não ditador, (Mateus 23;10-12).

Nesse interim, consideramos conveniente citar o texto bíblico onde consta a orientação sobre submissão:

22 As mulheres sejam submissas aos seu próprio marido, como ao Senhor;

23 Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, senão este mesmo o salvador do corpo.

24 Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.

25 Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse...[...]

28 Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. (EFÉSIOS 5: 22 a 25; 28)

De acordo com o texto bíblico há orientação tanto para as mulheres como para os homens, ao mesmo tempo em que as mulheres devem se submeter, os homens devem amar, e não é um amor qualquer, porém conforme Cristo amou a igreja, e este se entregou pela igreja, deu sua vida, bem ao contrário do que muitos homens fazem hoje em dia. Entretanto relevamos que na sociedade e também em muitas igrejas e religiões é muito comum divulgar e ressaltar apenas a primeira parte das escrituras, aquilo que concerne a mulher, deixando de lado o que complementa o texto, o amor incondicional do homem, “amar como ao seu próprio corpo”. Sobretudo se um homem se dispor a amar a sua mulher e as mulheres como Cristo deu exemplo de amor, quem é cristão sabe do que se

trata, não haverá discriminação, maus tratos, violências. Entretanto ser submissa não quer dizer que a mulher não deva tomar decisões e ser negligenciada, a submissão que Deus coloca na Bíblia é aquela baseada no amor do marido, assim sendo a submissão no contexto bíblico é um respeito pelo marido da mesma forma que a igreja tem respeito para com Cristo, entretanto, respeito, não significa aceitar tudo e não ter voz e nem direito de decisão. Assim como Cristo não foi um carrasco para com a igreja os homens de fé devem seguir o seu exemplo.

Similarmente uma das mulheres relata o seu entendimento por submissão pautada pelo princípio bíblico:

Quando a bíblia fala de submissão, ela põe regras para essa submissão e o homem quer essa submissão sem cumprir as regras. Porque se você vê lá, se um camarada seguir as regras ele nem precisa pedir a submissão; se ele é amigo, companheiro, dá amor, é parceiro, cuidador, carinhoso com a esposa e a família. É difícil ter uma pessoa que não se submeta a ele. Agora um cara que vem nos cascos, maltrata, comete assédio moral, fica desfazendo, depois ele quer o que? Que ela seja submissa? É difícil ser submissa a ele dessa forma. Deus deixou dez mandamentos no velho testamento e porque só deixou dois no novo testamento? Porque o princípio de tudo é o amor. Quando o amor é verdadeiro, você quer dividir, proteger. (ANÊMONA,14/3/2019)

De acordo com o exposto, na visão de uma metodista, a mulher deve ser submissa desde que haja princípios e que estes constam da Bíblia. Não se trata de uma submissão cega independentemente de como ela seja tratada, porém, envolve uma conduta de amor, respeito e reciprocidade, pois não é uma posição onde há privilégios, mas onde há cumplicidade e acima de tudo amor. Para os princípios apresentados por Anêmona e constante da Bíblia onde prevalece esse sentimento não haverá espaço para violências.

Ao mesmo tempo, durante as entrevistas, as mulheres discorrem que ser submissas não é ser humilhada, porém andar lado a lado e tomarem decisões juntos. No entanto, quase todas afirmam que se o esposo não concordar com determinadas decisões e ou orientação, estas aceitam ainda que contrariadas. Evidenciando que existe um ideal, aquilo que as mulheres idealizam e o real. Entretanto nem sempre isso é possível na prática, sobretudo, por ser uma conduta aprendida e reforçada no meio religioso, como afirma Iris “as vezes contrariada, deixo a decisão com ele”.

Por conseguinte, quase todas as mulheres casadas explicitaram o respeito ao marido como sacerdote do lar, aquele que deve ser o principal responsável para propiciar

a família tempo de oração e uma vida firmada nos princípios da palavra (Bíblia). Para elas ainda que tenham condições para serem líderes e perceberem as necessidades cotidianas mais precisamente, é importante respeitar a hierarquia concebida, não tirar a liderança do marido. Permite-se que a posição do marido seja respeitada e considerada. Inclusive declarou Lavanda: “[...] mais procuro nunca tirar a autoridade do meu marido, pois entendo que esta unção está sobre a vida dele”.

A liderança masculina no lar é quase um consenso, é compreendida como algo normal, confortador e que gera segurança para maioria das mulheres. Em relação à submissão, destacaram que submissão não é aceitar tudo sem dar opinião ou ficar fora das decisões, mas buscar sempre um acordo nas decisões, porém, quando isso não é possível, cabe ao marido decidir, no entanto quando ocorre uma decisão contrária ao anseio da esposa, explicitam que muitas vezes isso gera frustrações.

No entanto, entre as exceções Bromélia informou: “não fui criada para ser dona de casa muito menos submissa somos parceiros e tomamos decisões juntos”. Configurando que mesmo no meio evangélico algumas mulheres se posicionam com uma concepção diferenciada da orientação da fé, isso nos leva a afirmar que não há uma regra da qual todas comungam das mesmas ideias.

Quase por unanimidade, as mulheres entrevistadas consideram que na igreja não há discriminação de gênero, contudo reconhecem que já houve em outras épocas, relataram que elas podem se inserir em qualquer atividade e nunca sentiram constrangimentos por qualquer tipo de orientação que as diminuísse em relação ao homem.

Conforme exposto a maioria das mulheres concebem com tranquilidade o papel de cada um e não apresentam como algo negativo ou ruim, pelo contrário, a maior parte das mulheres consideram que o homem é responsável em propiciar segurança à família. Ainda que elas se reconheçam enquanto pessoas com todas as condições para tomarem decisões sozinhas, prevalece o acordo entre a mulher e o homem e não havendo consenso, a última palavra é do homem mesmo que, com o passar do tempo, a mulher perceba que ele não fez a melhor escolha, como apontam duas participantes, Alteia: “embora eu tenha opinião forte e sempre argumente, irei deixar que a opinião dele prevaleça”. Hibisco: “Porque dou sempre minha opinião em tudo, mas não sou eu que decido”.

Embora as mulheres declarem-se sabedoras e conhecedoras de qual é o papel do homem num casamento, isto não significa que elas aceitam tudo de maneira benevolente. Em diversos relatos elas explicitam que buscam o acordo, ainda com dificuldades em algumas situações, consideram ser importante participarem nas decisões e inclusive que as mulheres tem um sentido mais aguçado, assim sendo, o ideal é chegarem a um entendimento, assim define Gardênia: “nós decidimos juntos, sempre”; e Ipê: “conversamos até entrar em acordo mas a casos em que um ou o outro acaba cedendo”. Percebe-se que não há uma rigidez absoluta, porém, consensos, assim exprime Prímula: “Quando não há acordo, aquele que der a explicação mais coerente e convincente para o momento, ou dependendo do caso cada um aplica sua ideia para ver quem tinha razão”. Iris segue a mesma linha de raciocínio: “Geralmente não se faz até que entre em um consenso. [...] Caso não entre dou voto de confiança no que ele decide, e entrego para Deus”. Entretanto, segundo a declarante, essa entrega não significa um sofrimento, porém um descanso, uma atitude de confiança naquele que é maior e que está acima de todos/as, Deus.

Conforme exposto as mulheres valorizam a participação nas decisões e o acordo como algo primordial, entretanto, há demonstração de ressignificação, de concessão, algo muito comum na relação entre gêneros, nesse caso delegando a decisão ao homem, e confiando na direção divina, algo muito comum e congruente na vida de mulheres religiosas, que concebem na hierarquia homem e mulher a superioridade do homem.

Contudo, como em qualquer relação, não existe uma regra única em todos os lares, há declarações em que consideram a negociação e prevalece o acordo, neste sentido considera Peônia: “Temos uma ótima convivência e procuramos a melhor maneira e decidimos juntos”. Bem como Alfazema: “Nós entramos em acordo, conversamos e juntos entramos em acordo”.

Entretanto encontramos mulheres pensando diferente, ainda que sejam a minoria, e mesmo quando não há um acordo tomam as decisões que consideram cabíveis, assim declarou Bromélia: “dependendo da situação eu decido”. Lavanda: “se não há acordo eu decido, na maioria das vezes sou eu que decido”. Nessa situação há uma particularidade interessante, durante a entrevista Bromélia se declarou não submissa e feminista, já Lavanda o oposto, entretanto, ambas assumem que tomam decisões quando não há acordo e ou na maioria das situações.

Outrossim, há mulheres que questionam o lugar da submissão, expressaram que depende da educação recebida pelo homem seu comportamento pode variar. Neste sentido, depositam a confiança na forma como são construídas as relações desde criança e acreditam que se os homens souberem valorizar a mulher desde cedo, as relações de respeito serão estabelecidas, como disse (Tulipa): “O ser humano já tem um pouco disso (controlar). Com a educação e a criação isso vai se aprimorando ou o homem respeita a mulher desde sua educação ou ele é educado a ter a mulher para ser submissa dele. Tratar a mulher como submissa desde a infância.”

Pelo contexto exposto, Tulipa se refere a relação entre homem e mulher, porém fora do âmbito religioso, pois uma vez que a submissão é uma orientação bíblica, independe de educação ou não, consideramos que a partir do momento que as pessoas professam uma fé, ela precisa se adequar aos princípios bíblicos e a ideologia da religião a qual ela faz parte, entretanto cabe ressaltar que há critérios para a submissão, não é algo imposto de qualquer jeito, contudo esta participante expressa a importância da educação para dirimir essas diferenças no meio social.

Conforme as declarações expostas há mulheres que se consideram submissas, outras que não se consideram e ainda aquelas que se dispõem a sê-lo, porém, com ressalvas, desde que o marido desenvolva um relacionamento alinhado dentro dos propósitos bíblicos. Assim como tem declaração de quem não aceita esta posição para a mulher, nos dias atuais, pelas mais diversas razões.

Nesse sentido, os conceitos construídos e ratificados como “ideal de homem e de mulher” se reproduzem e ganham lugar nesse meio religioso – não muito diferente de outros espaços sociais –; confirmam-se os estereótipos construídos ao longo de séculos, consolidando a ordem social, as relações sociais de dominação e de exploração como algo natural entre gêneros, relevando a importância do homem, este deve estar à frente para a tomada de decisões. Percebe-se que algumas mulheres concebem e acreditam nesta construção social outras nem tanto.

Isso demonstra um processo de transformação no aspecto da hierarquia de gênero e as imposições postas, nem tudo é questionado, mas nem tudo se mantém ou se perpetua – avanços e recuos acontecem, é o movimento histórico estremecendo as imposições hierárquicas de gênero.

Há movimentos de questionamento por parte das mulheres em questões normativas como a da submissão, do peso da responsabilidade doméstica da mulher, mostrando que são pessoas que tem um senso crítico e analítico do papel social da mulher e do homem.

Entretanto, consideramos, que apesar de diversos esclarecimentos a esse respeito ainda não conseguimos ter uma compreensão mais clara sobre esse assunto, tendo em vista, ser um assunto complexo, que envolveria uma análise mais detalhada, pois existem os referencias que são dados pela Bíblia e que são interpretadas pelos pastores/as e pelos teólogos/as. Do outro lado, existem as questões sociais, que formam toda cultura que permeia a sociedade com informações que não são bíblicas e as vezes gera um conflito entre as orientações de um lado e do outro. Isso não quer dizer que a Bíblia diga que a mulher deve ser totalmente submissa, simplesmente submissa, não é isso que a Bíblia diz, mas que a sociedade que está fora das igrejas as vezes não consegue interpretar a orientação correta constante na Bíblia. Sem ter a informação que precisa, gera um conflito entre essas duas posições, ao mesmo tempo em que a Igreja tem uma orientação, a sociedade tem outra, e é conflitante, justamente porque uma não conhece a outra. Ressaltamos, ainda, que as mulheres metodistas têm referência na Bíblia e os outras pessoas têm por referência a filosofia e a sociologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa analisamos se há concepção e práticas feministas entre as mulheres metodistas da Igreja Metodista da Cabeceira Alegre de Dourados – MS, realizada entre o ano de 2018 a 2019, tendo em vista uma perspectiva de gênero. Abordamos também sobre o surgimento da Igreja Metodista, desde os primórdios, na Inglaterra até a chegada no Brasil e em Dourados.

Para as mulheres de maneira especial a igreja metodista tem se mostrado um espaço de ação e consolidação da capacidade da mulher enquanto pregadora e educadora, desempenhando um protagonismo primordial, ainda que inicialmente era permitido apenas aos pastores liderarem uma igreja, as mulheres estavam presentes direta e indiretamente em todo processo de consolidação das igrejas metodistas.

Percebemos que mesmo vivendo em um tempo em que era proibido mulheres exercerem o pastorado, Suzana Wesley e outras missionárias exerceram um protagonismo que, certamente, contribuiu para que hoje outras mulheres possam exercer o pastorado e demais cargos da estrutura hierárquica da denominação.

Entretanto as mudanças ocorreram lentamente, somente em 1971, foi promulgado a ordenação de pastoras no Brasil, e a quantidade de mulheres atuantes neste ministério vem crescendo gradativamente.

Destacamos a implantação da igreja em Dourados, e em especial na Cabeceira Alegre, procurando enfatizar o protagonismo das mulheres que contribuíram e contribuem de forma relevante com a educação, alfabetizando os membros/as da igreja, assim como, pessoas da cidade que tiveram o início de sua educação nos bancos de salas providenciadas pela Igreja Metodista.

Nesse sentido observamos que a igreja tem em suas metas um olhar para as minorias e para os problemas sociais, e no diálogo com as mulheres deixaram transparecer essa preocupação do cuidado uma para com as outras, assim como transformações de vida através do apoio recebido pela comunidade.

A seguir apontamos tópicos que demonstram os principais temas discutidos e as conclusões resultantes das reflexões sobre eles, ou seja, optamos por registrar e destacar aspectos relevantes em forma de itens para melhor visualização e síntese:

A princípio a Igreja Metodista surgiu na Inglaterra no séc. XVIII, sob a liderança de John Wesley, jovem universitário que se compadeceu do estado de miséria e vício em que viviam os trabalhadores fabris à época. Começou a “pregar a palavra” nas portas das fábricas com o intuito de levar uma “palavra de fé” e de tirá-los dos vícios que colocavam em risco a dignidade de muitos trabalhadores, ocasionada pela falta de perspectiva, uma vez que eram extremamente explorados/as.

Em 1700, Wesley fundou a primeira escola em Kingswood para atender a população pobre, filhos dos trabalhadores das minas, por considerar que o ensino propiciava uma sociedade mais justa e igualitária. Suzana Wesley, sua mãe, teve influência em sua vida religiosa e foi sua mentora espiritual até a sua morte. Concluímos, ainda, que Suzana demonstrou ser uma mulher destemida, ainda no século XVIII desafiou princípios e regras e liderava cultos para diversas pessoas em sua própria casa.

Além do mais o metodismo expandiu para diversos países e chegou no Brasil por volta de 1867, vindo dos EUA, sob o protagonismo de diversas mulheres, que atuavam como missionárias e educadoras. Somente em 1955 chega em Dourados, sempre contando com a participação de mulheres, contribuindo não apenas na evangelização, sobretudo na educação, alfabetizando pessoas. Sendo assim, as mulheres metodistas tiveram primordial importância no processo de socialização dos membros e cidadãos/ãs douradenses. Entretanto somente em 1971 foi liberado às mulheres exercerem o pastorado, que apesar de ocorrido há 40 anos permanece predominantemente o pastorado masculino nas igrejas metodistas, porém com ascensão da atuação feminina, que nem sempre é bem aceita pela comunidade. Assim observamos que ainda há preconceitos e os conceitos patriarcais se perpetuam e são reproduzidos nos cotidianos.

A denominação em destaque é composta por pastorais que abrangem aspectos críticos da sociedade, entre eles a pastoral dos direitos humanos, campanhas contra a violência da mulher; em defesa das pessoas vulneráveis; a instituição se posiciona contra a discriminação racial e tantos outros aspectos sociais, agindo através de órgãos nacionais, regionais e locais. É uma igreja voltada para as minorias, dando continuidade ao propósito instituído por seu mentor. Na carta pastoral de 1997 consta que o homem e a mulher não devem ser tratados por suas diferenças biológicas, entretanto observamos que mesmo a igreja tendo esse esclarecimento em suas cartas pastorais, provavelmente não é algo muito

trabalhado no cotidiano da igreja porque nos dias atuais, ainda, prevalece discriminação de gênero em destaque em algumas declarações.

Sobre as mulheres metodistas, das 17 entrevistadas, apenas 2 (duas) se autodeclararam não feministas 1 (uma) não respondeu e outras 03 (três) consideram que são feministas em partes, não totalmente. Considerando que apenas duas não são e uma não respondeu, observa-se que 11 se autodeclararam feministas.

Entre as participantes apenas três declararam contrataram diarista e ou mensalista, e as outras realizam os trabalhos domésticos e contam com a contribuição dos membros da família, principalmente com o esposo. Do total de 17, uma declarou “ser do lar” e duas aposentadas, outra, no momento estava desempregada, uma artesã. Configurando que as demais trabalham também fora de casa e exercem a dupla jornada além de, algumas mulheres, exercerem atividades na igreja através dos diversos cargos, como tesoureira, professoras de escola dominical, decoradoras, entre tantas outras atividades, configurando para estas a tripla jornada de trabalho.

As mulheres ainda são as principais responsáveis pelo serviço doméstico e a educação dos filhos/as, e contam apenas com ajuda de seus cônjuge e demais membros da família, ainda que estas ressaltam a relevância da divisão do trabalho doméstico de forma equitativa, na prática isto não ocorre, neste sentido utilizamos reflexões de Gebara sobre o “confinamento” da mulher no interior do lar e o serviço doméstico como algo inerente à esta e essencialmente feminino. Constatamos que, em certas ocasiões, a igreja torna-se para a mulher uma extensão de sua casa, uma vez que além dos compromissos religiosos elas desenvolvem atividades consideradas própria da mulher.

Os registros históricos desprezaram por muito tempo o protagonismo das mulheres, registrando principalmente os feitos e acontecimentos realizados pelos homens. Segundo Tiburi (2018, p.48) tudo que sabemos sobre as mulheres, primeiro foi contado pelos homens. Consideramos, ainda, que o espaço de visibilidade estava com os homens e à mulher cabia o interior, o baixo o invisível. Muitas mulheres fizeram história e contribuíram de maneira essencial lutando por conquistas primordiais às mulheres assim como para a sociedade.

A sociedade contribuiu para a naturalização do papel social da mulher como essencialmente voltado aos afazeres domésticos como destino e, atualmente, ainda é uma realidade marcante na vida de muitas mulheres e não é diferente entre as metodistas da

Cabeceira Alegre. Mesmo diante dos avanços feministas e conscientização da relevância da divisão de tarefas no interior do lar, a responsabilidade principal continua sobre a mulher. Entretanto as metodistas consideram, para as transformações nas relações em âmbito doméstico, são necessárias mudanças culturais e a construção de novos conceitos de gênero.

Definir o ser mulher pelo olhar das metodistas é algo muito abrangente, refere-se à subjetividade que a permeiam, demonstrando ambiguidade e percepções sobre si mesma e o seu lugar na sociedade. Há aquelas que se colocam como essenciais, cuidadoras, trazendo para si a responsabilidade “de dar conta de tudo”. Outras tem discursos emancipatórios de resistências aos preconceitos e contra a violência física e emocional. Porém, ainda que as mulheres se representem com tantos adjetivos qualitativos, é quase extinto questionamentos sobre a construção social do “Ser mulher” e aparentemente o concebem como algo natural.

Ao se referir aos homens, as metodistas voltam seu olhar aos modelos instituídos em suas casas, com raras exceções, o homem é colocado como o sacerdote, provedor, o cabeça do lar. Observa-se que a maioria das mulheres, desejam a proteção e a provisão no relacionamento a dois, evidenciando valores patriarcais constituídos socialmente e reforçados no cotidiano da igreja. Entretanto o homem ideal para estas mulheres precisa agregar valores muitos específicos, não basta serem provedores, porém irrepreensíveis, bons pais, amorosos, sacerdotes do lar e participativos em todas as áreas no cotidiano do dia a dia.

As metodistas se colocam como mulheres detentora de sabedoria, força e sensibilidade. São protagonistas de sua vida em casa, na realização profissional e também na igreja, para elas é o lugar de fortalecimento da fé e convívio social. Registraram a necessidade de lutarem para fazer valer direitos ainda não reconhecidos, porém, prevalece e se reproduz entre elas conceitos constituídos e ratificados como “ideal de homem e da mulher”. Confirma-se estereótipos construídos ao longo de séculos, consolidando a ordem social, as relações sociais de dominação e de exploração como algo natural entre gêneros, relevando a importância do homem, nas tomadas de decisões, reproduzindo os conceitos patriarcais inseridos na subjetividade de cada uma.

Entre santas, loucas e feministas, algo tem em comum, ser mulher. Diante de avanços e retrocessos, conquistas vão se delineando e a relevância da união das mulheres

em defesa das discriminações e de necessidades faz-se necessário. Ter espaços de reflexão para pensar sobre si e sobre as questões das mulheres são fundamentais. Baseado em Saffioti é necessário compreender o processo de naturalização e discriminação contra a mulher e a legitimação de superioridade do homem. Nesse processo as metodistas destacam a relevância do movimento feminista que colaborou para o avanço da mulher na vida profissional e pessoal e contribuiu para lutar por políticas públicas que propiciam segurança para as mulheres. Entretanto, há ambiguidade entre as metodistas, ao mesmo tempo em que são favoráveis as conquistas feministas, fazem declarações reguladoras e críticas aos movimentos feministas contemporâneos.

Através do processo de dominação dos corpos femininos inicia-se o poder dos homens sobre as mulheres, impondo normas e comportamentos que lhe são convenientes, assim cabe à mulher mandar em seu próprio corpo e fazer escolhas com liberdade sem cerceamento. Há declarações emancipatórias e outras conservadoras, reconhecimento das contribuições que o movimento propiciou as mulheres e críticas a determinados avanços. Segundo Hollanda (2018) existem diversos tipos de feminismo: o lésbico, o radical, o protestante e outros mais, e as diversas classes de mulheres se organizam e luta pelo que consideram importante. As metodistas participantes desta pesquisa, demonstraram estarem atentas às mudanças sociais, as conquistas e a relevância do movimento feministas no processo emancipatório, contudo ainda se encontram presas a conceitos patriarcais e principalmente a uma orientação de fé que prevalecem como ideais nas suas vidas.

Quanto ao machismo podemos afirmar que houve diversas críticas e rejeição a esse comportamento, foi considerado nocivo e antidemocrático por todas participantes. Castañeda corrobora, o machismo serve para construir relações desiguais e de opressão predominando uma divisão de poder, muito comum na relação entre um homem e uma mulher, sobretudo impera o controle e domínio da parte considerada inferior. Entretanto a Pastora Metodista Nancy Cardoso, considera o machismo um pecado, por causar divisões e agressões e considera que não condiz com os princípios da fé cristão, por contrariar os princípios de comunhão e união. Ademais as metodistas entrevistadas, expressam repúdio ao machismo, declaram como ideal conviver em uma relação de respeito e com menos desigualdade.

Diante disso a construção social do homem e da mulher foram construídas prevalecendo normas e condutas adequadas a cada sexo, o que é permitido a um não é ao outro, contribuindo para uma divisão de afetividade e de comportamentos contrários que não agrega valor ao relacionamento a dois e nem mesmo nas relações trabalhistas. Assim sendo, colabora para desencadear no ser considerado inferior uma relação de dependência, indecisão e com o passar do tempo pode gerar inabilidade, co-dependência e baixa autoestima. Contudo chegamos à conclusão: para que haja mudanças é necessário que comece pela educação das crianças, construir novos paradigmas e despertar valores de equidade e respeito pela mulher, diluindo as desigualdades e preconceitos atuais. Finalizando não importa quanto tempo demore, porém que o machismo seja extinto e possamos comemorar a vitória de uma sociedade mais igualitária.

Em relação a emancipação ou submissão, as mulheres metodistas têm um discurso bem emancipador dentre eles; destacam a importância de poder trabalhar fora e participar nas decisões cotidianas do lar, entre outros. Das dezessete mulheres só quatro assumiram não serem submissas e mesmo as que se consideram submissas baseiam-se pelos princípios bíblicos de estarem ao lado de um homem amoroso, respeitador e temente a Deus, no entanto, concluímos que os conceitos permanecem os mesmos as mudanças são lentas.

Quase sem exceção, as mulheres expressaram buscar sempre o acordo nas decisões e quando não há consenso consideram algo que não agrada. Defendem o conceito de reciprocidade, cumplicidade e acima de tudo amor, ponderando que uma relação construída com estes princípios não prevalecerá a violência, ainda que considerem que a autoridade e a liderança do lar cabem ao marido.

Ainda que a maioria das mulheres declararam a liderança dos maridos como primordial, isso não significa que aceitam tudo com benevolência, em diversos relatos explicitam buscar acordos e também tomarem decisões quando não há consenso, consideram que as mulheres tem mais percepção para perceberem o que deve ser feito e ou realizado. Sendo assim ao se tratar de submissão sobressai um discurso emancipatório e o desejo de uma relação igualitária entre os casais, contradizendo muitas declarações colocadas principalmente quando falaram sobre o feminismo.

APÊNDICE

Princípios Norteadores de acordo com o Plano Nacional Missionário 2017.

A Igreja Metodista, segundo seus documentos, é uma instituição que acredita no batismo do Espírito Santo e em um só Deus vivo e verdadeiro, soberano, eterno, de infinito poder e sabedoria, criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis; que na unidade de sua divindade há três pessoas de uma só substância, de existência eterna, igual em santidade, justiça, sabedoria, poder e dignidade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A Bíblia que é a Palavra de Deus, foi escrita por homens divinamente inspirados. Ela é o padrão único e infalível pelo qual a conduta humana e as opiniões devem ser julgadas. A santificação do salvo é uma operação realizada pelo Espírito Santo, adquirida pela fé. A santificação é obra da livre graça de Deus por meio da qual morremos para o pecado e vivemos para a justiça.

A cura divina, os milagres, são para nossos dias também como partes integrantes da obra expiatória de Cristo. A igreja tem ainda por princípio acolher o pobre, o estrangeiro, enfim os excluídos.

A Pastoral de Direitos Humanos da Igreja Metodista no Brasil, é um órgão focado em promover ações nacionais, regionais e locais que acontecem em todo país. Entre os projetos apoiados, há campanhas de luta pelo fim da violência contra a mulher, manifestos em defesa de pessoas em situação de vulnerabilidade e pedidos de esclarecimentos ao poder público com relação a questões sociais que afetam direitos da população em geral.

A Igreja Metodista brasileira vem se posicionando contra a discriminação racial no país, por meio da Pastoral de Combate ao Racismo. Em uns dos Concílio Gerais, foi aprovado o Programa Nacional Antirracismo da Igreja Metodista. Conforme consta na Carta Pastoral de 2010:

O racismo é herança do pensamento europeu, originado durante a colonização dos outros continentes e dominação de seus povos. Por meio desta visão, os europeus - cujo perfil físico é pessoa branca, olhos azuis, cabelos lisos e loiros - formariam o grupo superior, padrão de humanidade. Outros povos seriam inferiores, como ciganos, indianos, árabes, indígenas americanos, nativos australianos; e, no extremo desta escala, os povos africanos constituiriam o grupo humano mais inferior. (Carta Pastoral de Bispos e Bispa Metodistas, 2010, p. 06)

Diante do panorama geral dos compromissos da Igreja, destacamos, a Confederação Metodista de Mulheres (CMM) do Brasil constitui-se das Federações das Sociedades Metodistas de Mulheres das Regiões Eclesiásticas e Regiões Missionárias. O lema da Confederação das Sociedades Metodistas de Mulheres é "Viver para Servir", instituído por inspiração da missionária Eula Kennedy Long em 1885.

Há também uma Sociedade de Homens que compõe o ministério da Igreja. As novas Sociedades Metodistas de Homens, pautam a sua atuação em uma visão da absoluta responsabilidade que cada Homem Metodista deve ter diante da obra que o Senhor da Igreja quer promover entre os fiéis brasileiros. Atualmente, essa visão de sua responsabilidade é preservada na atuação do avanço missionário do Movimento Metodista.

A Igreja Metodista através de Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre sexualidade (1997) defende que o homem e a mulher não devem ser tratados por suas diferenças biológicas, considerando que as tais especificidades não podem dar lugar a desigualdades e discriminações. Nesse sentido consta da Carta: "Os homens são tão sensíveis quanto as mulheres e as mulheres tão inteligentes quanto aos homens, o que é próprio da mulher está em sua capacidade de engravidar e amamentar e o homem em ser o pai biológico de uma criança". A instituição defende que a associação da mulher à fragilidade e do homem à força descaracteriza o ser humano em sua integralidade e tira dele a forma de se expressar como um ser de possibilidades na sexualidade. Destaca ainda: "que o verdadeiro amor não constrange, antes, promove relações de respeito mútuo".

Nesse sentido, ainda que a Igreja tenha por princípio a não discriminação biológica, há indícios de discriminação pela comunidade, configurando ser algo além do que apenas constar no papel, porém viver na prática e questionar conceitos construídos pela sociedade que se sobressai nos diversos ambientes sociais, ainda não é prerrogativa da instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- AUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- ATLAS da Violência 2019 – Ipea e FBSP
- BARROS, Anna. **A Educação da Mulher**. Gazeta de Piracicaba. Piracicaba, 14 de janeiro de 1883, p. 1. In.: COSTA, Márcia Oehlmeyer; Martha H. Watts e os direitos da mulher à educação no século XX. p. 7.
- A BIBLIA SAGRADA DA MULHER. **Efésios 5: 21 a 25; 28. Juízes 4 e 5; Mateus 23:10 a 12**. Editora mundo cristão. Revista e atualizada, 2003.
- BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Trad. Maria Helen Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. **A profissão de sociólogo** (primeira parte: A Ruptura). Petrópolis: Vozes, 1999. (p. 23-44).
- BLAY, A. E. **Feminismos e masculinidades**. Novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CARTA PASTORAL DO COLÉGIO EPISCOPAL SOBRE SEXUALIDADE. Biblioteca vida e missão. Nº 03.1997. p. 16
- CARTA PASTORAL DE BISPOS E BISPAS. Igreja Metodista, 2010.
- CARTA PASTORAL DE BISPOS E BISPAS METODISTAS. **Racismo. Abrindo os olhos para ver e o coração para acolher**. Biblioteca vida e missão. Maio, 2011.
- CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa, 2006.
- COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS. UFGD, 2015.
- COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais. A construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS. UFGD, 2014.
- COMIN, T. J. **Mulheres e política institucional em mato Grosso do Sul: A relação entre o social e o constitucional**. 2019, 177f. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2019.
- DAVIS, A. **Mulheres Cultura e Política**. Trad. Heci Regina Candiani. Boitempo. 1. ed. São Paulo, 2017.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In.: HIRATA, H. et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 173-178.

DIELLO, M. L. **Michel Foucault e a problematização da subjetividade: o cultivo e a transformação de si**. 2009, 147f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2009.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. **Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 1995.

GEBARA, I. **Vulnerabilidade Justiça e Feminismos**. Antologia de Textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

GIDDENS, A. **As novas regras do método sociológico**. São Paulo: Gradiva, 1996. (p. 87-172).

HOLLANDA, H. B. **Explosão Feminista**. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997.

KING, G.; KEOHANE, R. O. And VERBA, Sidney. **Design social inquiry: scientific inference in qualitative research** (partes 1.1, 1.2 até p. 19 e 1.3.3). Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994. (p. 3-19; p. 31-33).

LIMA, L. L. G. da; SOUZA, S. A. Patriarcado. In: COLLING, Ana M.; TEDESCHI, L. A. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, 2015, p. 515 – 519.

MAIA, A. Souza e outros. **Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Sexualidade**. São Paulo, 1997 (p. 15 a 17).

MELLO, S. C. **A dona de casa nos feminismos brasileiros das décadas de 1970 e 80**. Anais do XV Encontro Estadual de História “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, 11 a 14 de agosto de 2014, UFSC, Florianópolis.

MESQUIDA, P. **Mulheres missionárias metodistas e a educação no Brasil, de 1880 a 1920: a educação da elite republicana**. Revista diálogo Educacional, PUCPR, Curitiba, p. 65 – 78, 2005.

MOTA, R.S.K. **Feminismo contemporânea: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país**. Artigo científico. Extrapensa. Cultura e comunicação na América Latina. 2017.

NICHING, C. **Mulher, Mulheres, Mulherio. Discursos, resistência e reivindicações por direitos**. Ed. Multico. 1. ed, Rio de Janeiro, 2013

PARSONS, T. **Sociedade: Perspectivas evolutivas e comparativas**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PEDRO, J. M. **Os Feminismos e os muros de 1968, no Cone Sul**. Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 26-1, 2008

PLANO NACIONAL MISSIONÁRIO 2017. Org.: Colégio Episcopal da Igreja Metodista (2017 – 2021). Ed. Igreja Metodista de São Bernardo do Campo. SP, 2017.

REILY, A. DUNCAN. **Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica**. 2. ed. Campinas: SP, Cebeq. Editeo, 1997.

RIBEIRO M. S. F. **Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas**. 2008, 243f. Tese de Doutorado - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2008.

_____. **Trajetória das mulheres metodistas: memória, presença e desafios**. Artigo científico. Revista Caminhando v. 16, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2011.

ROSADO, M. J. **Gênero e religião**. Revista Estudos Feministas. Vol.13, nº 2, Florianópolis, May/Aug. 2005.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu, 2004.

_____. **Violência de Gênero: Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1995.

_____. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, A. de O; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 183-215.

_____. **O Poder do Macho**. São Paulo: Coleção Polêmica. 2001.

SILVA, T. C. M. da. **A Representação da Identidade Feminidade em Mulheres Evangélicas na cidade do Recife: Família, Gênero e Religião**. 2007, 186f. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, S. D. Revista Mandrágora: **Gênero e religião nos estudos feministas**. Rev. Est. Fem. Vol 12 no spe Florianópolis. Setembro/Dezembro, 2004. Artigo on-line disponível em: <www. scielo.br>.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**. Para todas, Todes e Todos. Rio de Janeiro: 5. ed. Rosa dos Tempos, 2018.

TILLY, Louise. **Gênero, História das Mulheres e História Social**. Cadernos Pagu, n.3, 1994, p. 29-62.

SITE CONSULTADOS

CARDOSO, Nancy. **As mulheres podem ser ao mesmo tempo evangélicas e feministas?** <https://www.youtube.com/watch?v=hqyNNCa5Gq4>, 2017, acesso em: 22/08/2019

<http://www.metodista.org.br/saiba-mais-sobre-john-wesley-e-o-movimento-metodista> 11/03/2015 às 09:52:28, consultado em 07/10/2019.

https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Wesley . consultado em 07/10/2019.

<https://segredosdomundo.r7.com/6-mulheres-que-marcaram-historia-com-contribuicoes-incriveis/> 9/10/2019

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/04/24/conheca-15-mulheres-feministas-que-marcaram-a-historia.htm> 9/10/2019

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA>. consultada dia 10/10/2019

metodista.org. br. Publicado por José Geraldo Magalhães em *Administração* | 13/09/2013 às 23:42:52 John Wesley, O fundador do Metodismo. Prof. Duncan Alexander Reily - Imprensa Metodista. Consultado

<https://tudoela.com/flores-de-a-a-z/>